

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO
Coordenação

Aljubarrota Revisitada



Comment le roy de portingal desconfist le roy de castille a Jubarrota. .i. xb



Coimbra • Imprensa da Universidade

(Página deixada propositadamente em branco)

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO

Coordenação

Aljubarrota Revisitada

AUTORES

João Gouveia Monteiro

Fernando Pedro Figueiredo

Lídia Catarino

Helena Catarino

Eugénia Cunha

Carina Marques

Vitor Matos



Coimbra • Imprensa da Universidade

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

INFOGRAFIA
António Resende
Estimulus [design] • Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA
G.C. - Gráfica de Coimbra, Lda.
Palheira • Assafarge - Apart. 3068
3001-453 Coimbra Codex

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
Batalha de Aljubarrota. Iluminura das *Chroniques d'Angleterre*,
de Jean de Wavrin. Século XV. Londres, British Museum.

ISBN
972-8704-00-3

DEPÓSITO LEGAL
167843/01

© JULHO 2001, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



OBRA PUBLICADA COM O PATROCÍNIO DE:
GOVERNO CIVIL DE LEIRIA, CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO-DE-MÓS, CÂMARA MUNICIPAL DA BATALHA,
CIDADE EXPRESSO - SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO, S.A. E ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

4. INTERPRETAÇÃO

Apresentados em detalhe todos os resultados obtidos durante os trabalhos de campo realizados em S. Jorge, e divulgadas as conclusões ainda possíveis de extrair do valioso espólio osteológico encontrado no próprio campo de batalha por Afonso do Paço, em Fevereiro de 1958, chegou a hora de voltarmos ao contacto com o leitor, para lhe sugerirmos algumas interpretações, a nosso ver mais expressivas. Fá-lo-emos na perspectiva do historiador militar e perfeitamente conscientes de dois dados incontornáveis:

- em primeiro lugar, é óbvio que o “dossier Aljubarrota” se não encontra ainda encerrado. Se os estudos por nós realizados provam alguma coisa, é justamente a necessidade de prosseguir os trabalhos de prospecção e de escavação da zona do campo de batalha situada a poente da Ermida de S. Jorge, onde isso seja possível. Só dessa forma será possível perceber exactamente qual a extensão e a configuração do dispositivo de defesas acessórias congeminado nessa zona do terreno pelas tropas de D. João I e seus auxiliares ingleses. O estudo que aqui se apresenta não é, por isso, um relatório acabado, mas um contributo para a renovação da investigação histórica sobre um dos mais decisivos momentos de toda a história portuguesa;
- em segundo lugar, sabemos de antemão que jamais será possível chegar a uma reconstituição exacta e exaustiva do que aconteceu

(*) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de História e Teoria das Ideias.

em S. Jorge, naquele fim de tarde de 14 de Agosto de 1385. A História não é um trabalho de 'duplicação' da realidade, mas uma sua 'representação', cuja infalibilidade e precisão matemática são sempre artificiais. Não vale, por isso, a pena perder muito tempo com a elaboração minuciosa de esquemas de reconstituição táctica exhaustiva do evento, quase 'soldado a soldado', digamos assim. Respeitamos o esforço meritório de todos os que o têm ensaiado, mas não duvidamos de que a realidade foi infinitamente mais rica e imprevisível do que aquilo que a geometria desses esquemas nos poderá alguma vez propor.

Nestes termos, ensaiaremos apenas algumas interpretações bastante simples, directamente relacionadas com os trabalhos de que previamente demos conta. Por uma questão de comodidade de escrita e de leitura, dividiremos esta análise em duas partes principais.

Num primeiro momento, reportar-nos-emos aos aspectos relacionados com aquilo a que poderemos chamar a "organização do terreno", levada a cabo pela hoste anglo-portuguesa. Aqui, procuraremos identificar a natureza e a função dos obstáculos naturais e artificiais com que se viu forçado a lidar o exército castelhano, e, a rematar, sugeriremos uma interpretação global para o seu funcionamento táctico objectivo. Nesta primeira parte, apoiar-nos-emos sobretudo nas informações recolhidas nas fontes identificadas na Introdução a este estudo, bem como nos resultados dos trabalhos de campo coordenados pelos nossos colegas Fernando Pedro Figueiredo, Lídia Catarino e Helena Catarino.

Num segundo momento, centrar-nos-emos mais nas questões que dizem respeito ao combate propriamente dito, em particular aquelas que têm que ver com a "intensidade da luta" e o "armamento utilizado". Subsidiariamente, virá ao de cima a dúvida, nunca completamente esclarecida, sobre o "carácter montado ou apeado da ofensiva franco-castelhana". Nesta segunda parte, servir-nos-ão de apoio, não só os relatos das crónicas coevas e outros documentos alusivos à batalha, mas também – como o leitor já terá adivinhado – as preciosas conclusões a que Eugénia Cunha, Carina Marques e Vítor Matos puderam chegar, após uma paciente e especializada análise paleobiológica das ossadas depositadas, desde 1958, no Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Oxalá as nossas sugestões estejam à altura do trabalho realizado pelos nossos colaboradores e possam esclarecer e entusiasmar o leitor relativamente a um projecto que um futuro próximo – assim o esperamos – se encarregará ainda de iluminar um pouco mais.

4.1.A “organização do terreno”

Tentaremos aqui fornecer ao leitor um quadro tanto quanto o possível claro e actualizado das 'barreiras físicas' que a hoste de D. Juan I teve de enfrentar no seu assalto à posição ocupada pelos portugueses em S. Jorge. Começaremos pelos 'obstáculos naturais' e trataremos de seguida de verificar como foram eles completados por um outro tipo de barreiras, neste caso 'artificiais' e expressamente preparadas para o efeito. No final, recordaremos a leitura táctica tradicionalmente associada à batalha (o “quadrado” de Nun'Álvares Pereira) e sugeriremos a valorização de uma outra, que nos parece muito mais adequada e que resumiremos na expressão, quiçá um pouco surpreendente, de “corredor da morte ou efeito de funil”.

4.1.1. Obstáculos naturais

Como é sabido, a batalha de Aljubarrota deu-se por iniciativa táctica do exército anglo-português. Tendo entrado em Portugal, por Almeida, na segunda semana de Julho de 1385, a hoste de D. Juan I de Castela tomou primeiramente a estrada de Pinhel e Trancoso e, depois, o rumo de Celorico da Beira, até Coimbra e Soure. Nesta altura, o monarca português, recém-eleito nas cortes de Coimbra, cruzou o Tejo e transferiu o seu quartel-general para Abrantes, uma posição magnífica para poder controlar a evolução da marcha do exército inimigo, que vinha disposto a uma vingança cruel do fiasco registado no ano anterior, por ocasião do cerco de Lisboa.

Neste momento, os objectivos estratégicos das duas hostes rivais eram já perfeitamente claros. Os castelhanos marchavam em direcção a Lisboa, que tencionavam voltar a sitiar por mar e por terra. Pelo caminho, passariam decerto pela poderosa praça de Santarém, que tinha voz por D. Juan I, onde reuniriam reforços e meios para partir poderosamente ao assalto da capital.

Quanto aos portugueses, sabiam que só muito dificilmente Lisboa resistiria a um novo e apertado cerco, pelo que decidiram jogar o tudo por tudo numa batalha decisiva, de preferência travada já com o adversário bem internado no reino (de forma a interromper a sua extensa linha de comunicações), mas a uma distância ainda razoável da capital (para prevenir qualquer derrota).

Assim, a hoste portuguesa avançou de Abrantes para Tomar, em busca do invasor. Este, porém, chegando a Soure, evitou a estrada que de Penela e Alvaiázere conduzia a Tomar, optando por marchar por Vila Nova de Anços e Pombal, até alcançar a cidade de Leiria, possivelmente na noite de 12 de Agosto. Em resposta, e percebendo que o inimigo se esquivava ao embate, o comando português decidiu avançar, também ele, para poente, rumando primeiro a Ourém e, depois, a Porto de Mós, onde terá assentado arraial no dia 12 de Agosto. Decerto informados do que se estava a passar, os castelhanos evitaram a estrada que ligava directamente Leiria a Santarém e tomaram o caminho de Alcobaça. Ora, foi justamente neste troço do trajecto que, no dia 14 de Agosto, D. João I lhes saiu ao caminho, disposto a vencer ou a morrer.

Nenhuma dúvida, pois, deve subsistir quanto ao carácter ofensivo da estratégia portuguesa. Como também é um dado adquirido o facto de, no dia 13 de Agosto, Nun'Álvares ter procedido – juntamente com um grupo de cerca de 100 auxiliares, entre os quais alguns ingleses e gascões, veteranos da Guerra dos Cem Anos – a uma importante missão de reconhecimento do terreno e do inimigo, pelos cabeços dos actuais lugares de Cela, Golfeiros, Casal Novo, Casal do Alto e Picoto⁽¹⁾.

Em síntese, empenhada em precipitar o combate, e com tempo disponível para escolher o terreno onde ele poderia consumir-se, a hoste anglo-portuguesa não se fez rogada. Logo na manhãzinha do dia 14 de

(1). A narrativa da *Crónica do Condestabre* é, a este respeito, muito clara: conta que, após as missas dominicais, Nun'Álvares foi, por mandado do rei e acompanhado de 100 homens a cavalo, armados de cotas, braçais e lanças de armas, "contra Leyrea per huës cabeços altos pera veer se poderia veer a geente del rey de Castella como vinham" (cap. LI, fl. XXXVIIIv.º). No dia seguinte, D. João I abalou "pera aquelle logar honde foy a batalha é o conde estabre ante elle com a vanguarda a buscar lugar cõuinhaueil honde a batalha fosse. E asinou logo" (cap. LI, fls. XXXVIIIv.º-XXXIX).

Agosto, segunda-feira, o exército de D. João I marchou de Porto de Mós para S. Jorge e ocupou uma posição situada no extremo norte do dorso de um planalto com poucos quilómetros de extensão, relativamente estreito e com orientação NE-SW. Tratava-se de uma posição magnífica, praticamente inexpugnável, pois era um ponto alto (cujo acesso se fazia por um declive com cerca de 10% de inclinação no últimos 400 metros) e estava bem defendido à frente e dos lados pelos cursos de água que confluíam para o rio Lena. Voltada de rosto para norte (i.é, para Leiria), a posição ocupada obrigaria ainda os opositores que a procurassem assaltar a receber o sol de frente...

Chegada cerca do meio-dia à Jardoeira, a testa da coluna castelhana não demorou a avaliar a situação. Face à fortaleza da posição adversária, a hoste de D. Juan I – já de si pouco predisposta para combater antes de alcançar Santarém – declinou o 'convite' e optou por torneiar a posição portuguesa pelo lado do mar, marchando na direcção do Casal do Relvas e da Calvaria⁽²⁾. Aqui chegados, e sempre com o exército português à sua mão esquerda, os castelhanos suspenderam a marcha e reavaliaram a situação, acabando por decidir completar a marcha torneante e, após reencontrar a estrada para Alcobaça, estacionar numa ampla esplanada situada junto ao lugar de Chão da Feira.

Nesse meio tempo, porém, a hoste portuguesa não ficara parada. Sempre com o objectivo estratégico de precipitar o confronto, e por isso acompanhando a manobra castelhana, inverteu a sua ordem de batalha e deslocou-se cerca de 2 Km para sul. Nesta segunda posição, Nun'Álvares perdera muitas das vantagens que garantira de manhãzinha. Estava agora de frente para o sol e sobre um terreno descendo suavemente (cerca de 2%) de sul para norte (ou seja, do lado castelhana para o lado português). O facto deve ter animado os invasores – para quem seria muito complicado trazer na peugada, até Santarém, um exército inimigo, cortando a sua linha de comunicações – a aceitar o desafio para combater.

(2). Para melhor compreensão destas manobras (que sintetizámos já, com base na vasta bibliografia citada na Introdução a este estudo, em trabalho anterior: v. MONTEIRO, 1998, pp. 297-298), reproduzimos (v. Fig. 4.1) um excelente mapa da autoria de Costa VEIGA (1930, p. 74, Esboço III).

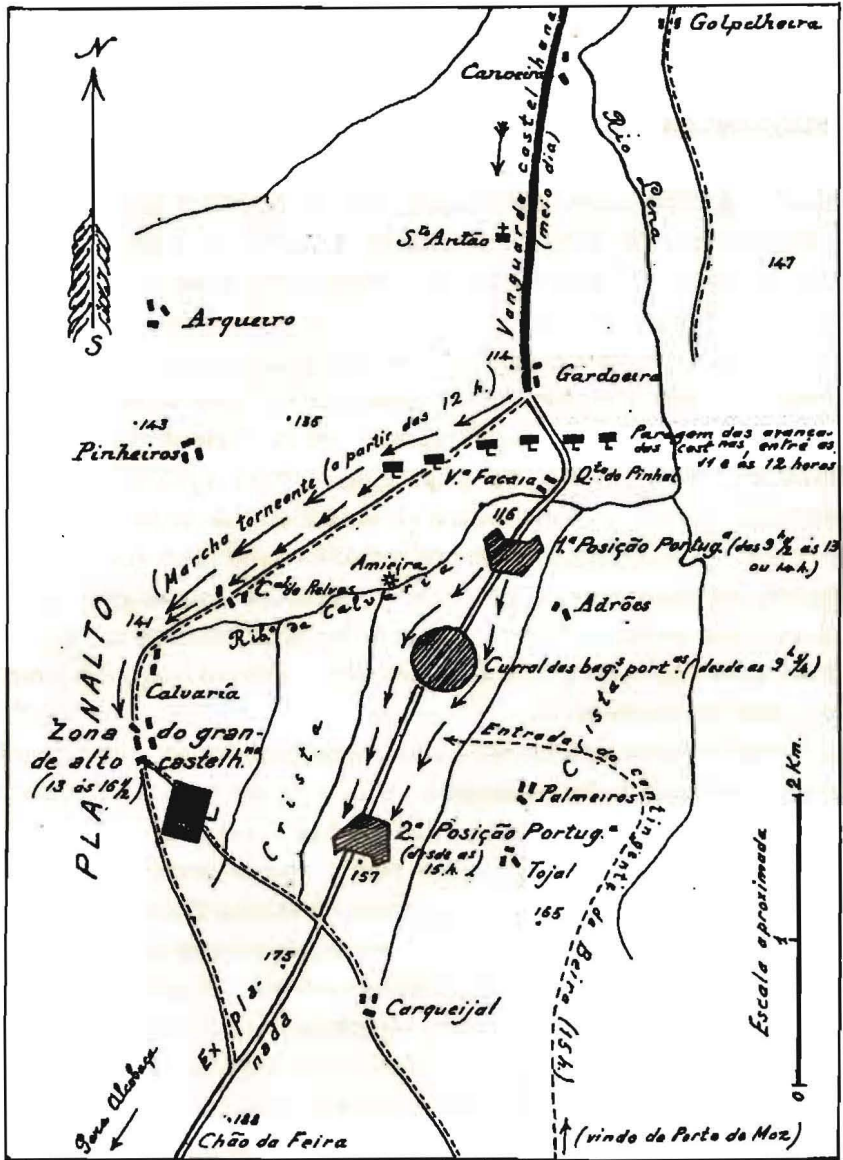


Fig. 4.1 – As manobras preparatórias no campo de batalha (in A. Costa Veiga, 1930, Esboço III, p. 74).

Acontece, todavia, que só superficialmente esta “segunda posição” portuguesa se pode considerar débil. Com efeito, a hoste de D. João I estava agora implantada numa zona de estrangulamento natural do planalto de S. Jorge e achava-se bordejada, a nascente e a poente, por duas linhas de água (afluentes do ribeiro da Calvaria), coincidindo com outras tantas depressões do terreno. Segundo Costa Veiga, que estudou minuciosamente o assunto, o perfil do terreno no sentido leste-oeste (i.é, do ribeiro do Carqueijal ou de Vale da Mata ao ribeiro de Vale de Madeiros, que corre para a azenha da Amieira) apresenta cerca de 800 metros na horizontal, encontrando-se dividido em duas partes iguais pela ligeira proeminência onde poucos anos depois seria construída a Ermida de S. Jorge⁽³⁾ : daqui para leste, há um desnível de c. 25 m em 450 metros de extensão, estruturado em dois lanços distintos; para oeste, o declive é de apenas 2% até à linha de água de Vale de Madeiros. No entanto, logo à frente da ermida, o planalto estreita-se para o sul, dando origem a duas pequenas depressões, uma para cada linha de água. Ora, explica ainda Costa Veiga, a ermida está precisamente entre as origens dessas duas depressões, no meio de uma faixa de 400 metros de largura (ou ainda menos, acrescentamos nós), inteiramente livre de obstáculos naturais, no sentido do ataque da vanguarda castelhana (VEIGA, 1930, pp. 92-93). Aliás, deve ser a essa faixa central a que se refere Fernão Lopes, na sua tentativa de demonstração de que o prélio se desenvolveu em “campina jguall sem nenhuum estoruo a amballas partes, a quall o trilhamento das bestas e passear dos homeens tornou assy rasa e tam chaã como pravo resio sem nenhuuma erua”, ou seja, sem quaisquer obstáculos que justificassem os lamentos e desculpas dos castelhanos⁽⁴⁾.

(3). Vários autores sublinharam já que o local onde está hoje a ermida constituiu uma ligeira crista (hoje terraplenada e nivelada com entulhos), graças à qual Nun'Álvares (cuja bandeira, a acreditar na lápide da capela, ali teria estado situada durante o combate) terá disposto de um bom comandamento de todo o campo de batalha: v. PAÇO, 1959b, p. 14; e LOURENÇO, 1985, p. 10.

(4). F. Lopes, *CDJ*, II, cap. XXXVIII, p. 86. Já antes o cronista rebatera veementemente a versão de Pero López de Ayala dizendo, a propósito dos vales laterais, que “tall scpriuer foy burla composta pera enganar os que nom sabem. Ca hi nom ha valles nem outeiros que lhe nojo podessem fazer, mas todo he charneca rasa em que caberiam dez tamanhas batalhas” (*CDJ*, II, cap. XXXV, p. 76). Perante as evidências resultantes de uma observação cuidadosa do terreno em toda a sua extensão (e não apenas na citada faixa central), e

Não foi, portanto, inocente a escolha desta “segunda posição”, por parte de Nun’Álvares e dos seus auxiliares ingleses e gascões. A frente não se achava protegida por nenhum obstáculo natural, mas os flancos poderiam ficar bem apoiados. Não que fossem muito profundos esses vales laterais. Ximenez de Sandoval (1872, p. 208, nt. 1) estimou-os em 15 a 16 m (de um lado) e apenas 12 a 13 m (do outro)⁽⁵⁾, enquanto Alcide de Oliveira (1988, p. 65) calculou na ordem das duas dezenas de metros a diferença de cotas existentes nas encostas e Costa Veiga lhes atribuiu: 20 a 30 metros. Em todo o caso, e como destaca este último autor, se os vales laterais que se vão encaixando progressivamente até se aproximarem na zona da ermida não são muito profundos, “os declives das encostas é que ainda hoje vão, apesar do escorregamento das terras em quase seis séculos, de 12 a 25 e até, embora excepcionalmente, 40 e 50%” (VEIGA, 1959, p. 32)⁽⁶⁾.

Em síntese, com os adversários instalados nesta “segunda posição”, os castelhanos já podiam avançar sem correr o risco – óbvio, na “primeira posição” – de terem (todos eles) de cruzar uma linha de água (a ribeira da Calvaria) e de subir depois, penosamente, uma íngreme encosta, até chegarem ao contacto com os seus adversários, que entretanto os martirizariam com setas e com virotões. No entanto, esse ‘acesso facilitado’ só acontecia num reduzido espaço frontal, com uns 300 a (no máximo) 400 metros de largura ! Na carta – já referida na Introdução a este livro – que, a 29 de Agosto (i.é, duas semanas após a batalha), escreveu à cidade de Murcia, dando conta da derrota e procurando justificá-la, D. Juan I afirma: “Despues que los nuestros se vieron frente á frente con ellos, fallaron tres cosas: (...) é la tercera, que la frente de su escuadron estaba tan cercada

perante o peso do testemunho de várias outras fontes e documentos alusivos à batalha, pode dizer-se que o depoimento do biógrafo de D. João I tem apenas ... o valor que tem. De resto, Fernão Lopes remata a sua contestação a Ayala com um comentário tremendamente sugestivo: “(...) mas todo he charneca rasa em que caberiam dez tamanhas batalhas; e se os hij auya [os tais vales], culpa de quem a hordenaua” (*ibid*) !...

(5). Também Afonso do Paço (1959b, pp. 10-11) deixou bem claro, durante a sua intervenção arqueológica, que a escarpa ocidental é muito mais abrupta do que a oriental.

(6). Como vários autores têm notado, em 1385 o terreno ofereceria decerto um aspecto mais rude, que entretanto a erosão adossou: “os limites primitivos teriam sido mais estreitos, de cota ligeiramente superior e a linha separadora das águas seria mais bem definida” (OLIVEIRA, 1988, p. 65).

por los arroyos que la tenían al rededor, que non avia de frente de trescientas é quarenta á quatrocientas lanzas”(7)...

Esta explicação do rei de Castela coincide, grosso modo, com a versão apresentada pelo seu chanceler e cronista, Pero López de Ayala, ele próprio testemunha ocular do evento e um dos prisioneiros feitos pelo exército anglo-português durante o combate. Com efeito, Ayala relata demoradamente a ida de uma pequena embaixada castelhana (de que ele mesmo fez parte) ao acampamento inimigo, pouco tempo antes do início do prélio e provavelmente destinada – a coberto da imunidade diplomática – a espiar a posição portuguesa e a qualidade e quantidade das tropas do 'Mestre de Avis'. Escreve o cronista que, regressados ao arraial de D. Juan I, os "caballeros suyos" que se tinham avistado com Nun'Álvares preveniram o rei castelhano de que "las dos alas de los vuestros tienen delante dos valles que non pueden pasar para acometer a vuestros enemigos e acorrer a los de vuestra avanguardia”(8). O teor deste relato terá sido ainda reforçado durante uma intervenção, no mesmo conselho de guerra castelhano, do veterano de guerra Jean de Rye, camareiro do rei de França, segundo o qual "(...) cualquier óme lo puede ver, que las dos alas de la vuestra batalla, desde que la avanguardia moviera para pelear, van topar en unos valles que tienen delante, e non pueden llegar a los enemigos (...)”(9).

Ao que se sabe, o monarca castelhano – que havia 14 dias viajava de liteira, por se encontrar doente – não valorizou suficientemente estas advertências, ou não conseguiu dominar o arrebatamento dos jovens cavaleiros que, desejosos de provar as armas, queriam combater a todo o custo. Assim, e sempre seguindo a narrativa de Ayala, desta feita relatando já directamente o combate, "las dos alas de la batalla del rey non pudieron pelear, que cada una dellas falló un valle que non pudo pasar, e la avanguardia del rey peleó sin acorro de las sus alas”(10).

(7). Estimando os habituais 0,90 m por cada lança apeada, temos que o monarca castelhano estará a referir-se a qualquer coisa como 306 a 360 metros: cf. ROSSELL, 1953, *Adiciones...*, já cit., n.º XIV (Año 1385, cap. XX), p. 152.

(8). Cf. Pero López de Ayala, *CDJ*, Año VII.º, 1385, cap. XIV, p. 599.

(9). *Idem, ibid*, pp. 600-601.

(10). *Idem, ibid*, p. 601.

Temos, portanto, que o desenvolvimento da refrega foi altamente condicionado pelas características naturais do terreno adoptado, em segunda escolha, como palco da ordália, pela hoste anglo-portuguesa. Em termos práticos, o estreitamento da frente de batalha na zona onde desde 1393 está a Ermida de S. Jorge terá impedido a participação das alas castelhanas no combate, obrigando a sua vanguarda a lutar sozinha contra o conjunto do exército adversário⁽¹¹⁾. Dessa forma, a clara superioridade numérica potencial do exército castelhano (cerca de 30.000 homens contra uns 10.000 adversários, números redondos e meramente indicativos) acabou por ser neutralizada. Primeira lição a reter: em Aljubarrota, não é verdade que cada português tenha sido obrigado a lutar contra 4 ou 5 castelhanos. Não há-de ter faltado a valentia, mas de astúcia táctica também houve quanto baste. E como houve igualmente tempo suficiente para reconhecer bem o terreno em toda aquela região⁽¹²⁾...

Entretanto, se os vales laterais configuraram, certamente, os obstáculos naturais mais complicados para o exército de D. Juan I, deve dizer-se que não terão sido os únicos. Por um lado, já vimos que a existência desses barrancos está intimamente ligada à presença de pelo menos duas linhas de água, afluentes da ribeira da Calvaria. De resto, recordamos que, na sua carta a Murcia, o monarca de Castela se refere aos "arroyos"⁽¹³⁾ que cercavam a frente do "escuadron" castelhano e a reduziam às tais 340 a 400 lanças. Portanto, falar dos vales laterais que impediram o envolvimento da posição portuguesa pelas alas castelhanas é também, e desde logo, falar dos ribeiros de Vale de Madeiros e de Vale da Mata (ou do Carqueijal) que os bordejavam.

(11). Note-se que, segundo Alcide de Oliveira (1988, p. 96), as alas castelhanas não se devem ter movimentado exteriormente aos vales laterais, mas sim nos respectivos topos (seria absurdo ficarem paralisadas lá do outro lado), "infectindo ao centro e bordejando os limites da cumeeira", para se não cindirem.

(12). Parece-nos perfeitamente admissível a hipótese de o comando anglo-português ter considerado previamente a recusa castelhana em combater na "primeira posição" que lhe foi oferecida e, em conformidade, ter estudado com antecedência a ocupação de uma "segunda posição", capaz de corresponder eficazmente a um assalto castelhano dirigido a partir da esplanada de Chão da Feira (zona também previsível de formação de batalha castelhana, após a marcha torneante que há pouco descrevemos). Voltaremos a este assunto mais adiante.

(13). Um "arroyo" é uma "pequena corrente de água não permanente".

Por outro lado – e este é um aspecto a que se tem prestado muito pouca (ou mesmo nenhuma) atenção – numa das narrativas de Froissart (a que resultou da entrevista de Middelburg, em finais de 1389, ao cavaleiro beirão João Fernandes Pacheco: cf. ARNAUT, 1947b, *passim*) podemos reconhecer diversas referências à existência de uma linha de água, não nos extremos laterais do campo de batalha, mas na própria zona frontal, justamente onde se feriu o melhor da refrega, nas proximidades de um fosso ou vala transversal a que adiante nos referiremos com mais vagar. Para Froissart, e de acordo com o relato do Pacheco, "entre eulz et nous avoit ung petit fossé, et non pas grant (...). Et là ot d'eulz au passer ce tantet d'aigue et le fossé moult grant presse et des pluseurs moult foulez". E mais adiante: "Et quant nos gens veirent et congneurent que ilz se desconfissoient ainsi, ilz passerent tout oultre le fossé et le tantet d'aigue que là avoit (...)"⁽¹⁴⁾.

Parece, pois, que – a acreditar no relato do cronista de Valenciennes – os obstáculos naturais não se ficaram pelas faixas do terreno, existindo também, embora porventura de forma menos expressiva e menos influente, na zona onde decorreu a acção. Chamamos a atenção do leitor para esta circunstância, até porque, durante a intervenção arqueológica de Helena Catarino em S. Jorge, no mês de Junho de 1999, junto ao tramo do novo fosso descoberto numa das valas de sondagem foi registada, justamente, a presença de uma linha de água, cuja origem e traçado seria interessante averiguar mais exaustivamente. De resto, o planalto de S. Jorge parece rico em água, nele existindo mesmo diversos poços, decerto tradicionalmente aproveitados pela população nos seus trabalhos agrícolas.

4.1.2. Abatises

Para além dos vales que estreitavam a frente e das linhas de água que os acompanhavam e completavam dos lados (e, eventualmente, também na zona frontal), a hoste anglo-portuguesa conseguiu 'oferecer' ao seu adversário vários outros obstáculos. Não se trata, neste caso, de 'obstáculos naturais',

⁽¹⁴⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S. H. F., t. XII, 1356-88, Livre Troisième, par. 93, respectivamente pp. 286 e 287.

mas de 'defesas acessórias', que os homens de D. João I tiveram tempo de preparar e com as quais fortaleceram sobremaneira a sua "segunda posição". Pensamos, concretamente, nos 'abatisses', nos 'fossos e valas' e nas controversas 'covas-de-lobo'. Vamos por partes.

Por 'abatisses' entende-se geralmente o corte e empilhamento de troncos e de ramos de árvores (no caso em apreço, muito provavelmente pinheiros, espécie que dominava já a paisagem da região)⁽¹⁵⁾. A principal referência à utilização, em Aljubarrota, deste estratagema surge no primeiro relato de Froissart, recolhido na corte do conde de Foix (em Orthez), em finais de 1388 ou em inícios de 1389, da boca do cavaleiro gascão Espan du Lion. Ali se explica como o monarca português, por sugestão dos seus aliados ingleses, escolheu como posição "une mote environnée de grans arbres et de hayes et buissons (...). Lors firent-il au lez devers les champs abattre les arbres et couchier de travers, afin que de plain on ne peust chevauchier sur eulx (...)"⁽¹⁶⁾.

Froissart não está, porém, sozinho nesta sua referência aos abatisses. Também na carta escrita por D. Juan I à cidade de Murcia podemos ler que "despues que los nuestros se vieron frente á frente con ellos, fallaron tres cosas: la una, un monte cortado que les daba fasta la cinta (...)"⁽¹⁷⁾. Não é seguro que, ao falar em "monte cortado", o rei de Castela se esteja a referir ao corte e empilhamento de troncos de árvores, mas parece-nos ser essa a interpretação mais adequada, tendo em consideração o que tãria sido mais fácil ao exército anglo-português de preparar como obstáculo adicional e o próprio testemunho de outras fontes. Numa delas, o já citado aditamento anónimo feito, pouco depois de 1460, ao *Sumario de los Reyes de España*, diz-se, por exemplo, que, chegado à zona onde se deu o combate, D. Juan I avistou o Mestre de Avis "con grande gente de aquel Reyno, los quales estaban puestos en su gran recuesto que ende estaba, é fecho un muy fuerte

(15). No seu "Glossário Armeiro", o Visconde de Vila Nova de Gaia, Luís Stubbs Bandedeira, define o abatis como o "obstáculo formado por grossos ramos de árvores fortemente ligados ao solo, e cujas extremidades se aguçam na parte voltada para o inimigo", explicando ainda que eles podem ser "fixos" ou "de transporte": "pertencem ao primeiro grupo, as árvores deixadas ainda ligadas à raiz. Ao segundo grupo pertencem os abatizes formados por ramadas que se transportam para o local onde devem ser dispostas" (1993, p. 17).

(16). Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ob. cit., par. 37, p. 148.

(17). Cf. ROSSELL, 1953, *Adiciones...*, já cit., n.º XIV (Año 1385, cap. XX), p. 152.

palenque al deredor de su real" (ARNAUT, 1947, pp. 74-75, nt. 1). Ora, como demonstrou Salvador Dias Arnaut, o "palanque" era um obstáculo feito com o que viesse à mão, muitas vezes à pressa, "muitas vezes mais assente no solo que fixado a ele", sendo a madeira o material predominante. Para este autor – tal como para nós – o "palenque" do Anónimo "era a obra de defesa que Froissart (na versão obtida na corte de Gastão Febo) diz formada por árvores derrubadas" (ARNAUT, 1962, pp. 486-488).

Por vezes, a estas referências de Froissart e do Anónimo tem-se associado a carta de doação (referida já na nota 7 da nossa Introdução a esta monografia) outorgada por D. João I no dia seguinte à batalha, do "arreal de tavoado da cumeira de Aljubarrota"⁽¹⁸⁾. Todavia, pensamos que, mais uma vez, Salvador Dias Arnaut estava certo ao considerar que, possivelmente, isso aludirá tão só a "instalações precárias do exército, feitas depois do triunfo" (ARNAUT, 1962, p. 489)⁽¹⁹⁾.

Em síntese, cremos não existir nenhum motivo para duvidar de que, por muito simples que tenham sido os trabalhos de "organização do terreno" preparados pela hoste de D. João I, eles tenham incluído alguns abatisses, com a configuração e os objectivos que mais adiante tentaremos explicitar. De resto, mesmo autores como Alcide de Oliveira (1988, pp. 112-113), que já vimos não acreditar minimamente na relação das covas-de-lobo encontradas por Afonso do Paço com a batalha de 1385, dão como certa a organização de um "obstáculo artificial", considerando como devendo ter sido a primeira das prioridades do exército anglo-português a instalação de uma linha de abatisses ou "palanque" diante das faces que flanqueavam a vanguarda (uma tarefa, aliás, relativamente fácil de concretizar, como veremos daqui a pouco).

⁽¹⁸⁾. Cf. AN/TT, Chancelaria de D. João I, Livro I, fl. 99v.º (de 15/Agosto/1385).

⁽¹⁹⁾. Salvador Arnaut pensava, por exemplo, em tábuas para os soldados dormirem e, evidentemente, no apalancar do acampamento de uma hoste que vai permanecer três dias no campo de batalha, deixando ao largo, não se saberia muito bem em que condições e com que objectivos, uns bons milhares de inimigos, vencidos mas ainda armados até aos dentes. Pelo seu lado, SARAIVA (1985) admitiu que o "fortim de madeira" de que fala a carta de doação pode muito bem ser o "fuerte palenque" do Anónimo. Também Costa Veiga interpretou (quase 30 anos antes das escavações de Afonso do Paço no campo de batalha) a mesma referência como indicativa da execução de "alguns trabalhos de fortificação improvisada, dispondo, em certos sectores da posição portuguesa, uma rede de 'defezas accessorias' de madeira" (VEIGA, 1930, p. 14).

4.1.3. Fossos e valas

Igualmente certo é o facto de os homens de D. João I terem reforçado a sua posição mediante a escavação de alguns fossos laterais e de uma vala frontal. Os principais testemunhos a este respeito são, uma vez mais, os de Froissart e de D. Juan I, o que tem uma certa lógica, já que Fernão Lopes não teria nenhum interesse em valorizar qualquer circunstância que pudesse ensombrar o significado divino da vitória, e Pero López de Ayala, como chanceler do monarca castelhano, deve ter tido uma participação discreta no evento, não se tendo por isso apercebido de outros obstáculos que não os proporcionados pelos "dos valles" a que fizemos já referência.

De acordo com a 'reconstituição' que, 15 dias depois, D. Juan I fez do combate, a "segunda cosa" que os seus homens encontraram quando "se vieron frente á frente" com os adversários foi, precisamente, "en la frente de su batalla, una caba tan alta como un ome fasta la garganta"⁽²⁰⁾...

Froissart, pelo seu lado, coloca João Fernandes Pacheco a dizer que "entre eulz et nous avoit ung petit fossé, et non pas grant, que ung cheval ne peust bien saillir oultre; ce nous fist ung petit d'avantage". E, mais adiante, explica que, destrocada a vanguarda francesa, surgiu a batalha real castelhana: "Et vinrent faire leur montre sur leurs chevaulx par devant nous et firent plus de V.^c, par appertises d'armes, saillir leurs chevaulx oultre le fossé (...). Et quant nos gens [explica o Pacheco] veirent et congneurent que ilz se desconfissoient ainsi, ilz passerent tout oultre le fossé et le tantet d'aigue que là avoit"⁽²¹⁾.

Parece-nos, pois, bastante plausível deduzir que, antes de a batalha começar, a hoste anglo-portuguesa escavou à frente da sua posição uma vala transversal à já de si muito estreita frente de combate. Analisando os resultados da intervenção arqueológica de Afonso do Paço no flanco leste e na zona sul da "segunda posição" de Nun'Álvares, admitimos – como muitos outros autores o fizeram já antes de nós (p. ex. LOURENÇO, 1985,

⁽²⁰⁾. Cf. ROSSELL, 1953, *Adiciones...*, já cit., n.º XIV (Año 1385, cap. XX), p. 152.

⁽²¹⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S. H. F., t. XII, 1356-88, Livre Troisième, par. 93, p. 287.

p. 10) – que essa vala corresponda a um dos fossos descobertos no limite meridional da zona das covas-de-lobo (por exemplo, "L": v. Gravura anexa à nossa Introdução: Fig. INT. 2). De resto, Afonso do Paço frisou bem que um desses fossos mais meridionais (cremos que justamente o referenciado com a letra "L") atinge a estrada a poente, tendo sido aberto depois das covas-de-lobo, algumas das quais chegou a cortar. Por se prolongar por debaixo de algumas dependências agrícolas onde não foi possível mexer, não foi completamente reconhecido, admitindo-se que seja bastante extenso (PAÇO, 1961, p. 12). Ainda segundo o mesmo arqueólogo, estes fossos que terminam o dispositivo a sul "parecem estar de acordo com aquilo que nos relata D. Juan de Castela" (*ibid*). Com base na conjugação destes elementos, Alcide de Oliveira pôde concluir – e bem, em nosso entender – que a 2.^a prioridade dos trabalhos de organização de 'defesas acessórias' levados a cabo pela hoste anglo-portuguesa terá consistido na escavação de uma vala frontal de 300 a 400 metros, destinada a desarticular o adversário e a mantê-lo debaixo de tiro durante o maior espaço de tempo possível⁽²²⁾.

Devemos, no entanto, fazer notar que um dos resultados mais interessantes da intervenção realizada em 1999, por Helena Catarino, na parte ocidental do campo de batalha consistiu justamente na descoberta do tramo de um novo fosso, aqui descrito já como tendo orientação SE-NW e configuração tendencialmente tronco-cónica. Ora, enquanto não se reconhecer completamente este e outros obstáculos, será difícil, se não impossível, identificar com clareza a vala frontal de que falam, quer a carta de D. Juan I, quer a segunda narrativa de Froissart. Até porque, se parece certo que tenha existido um fosso transversal ao planalto, também não será menos seguro que, nos flancos, existiram obstáculos congêneres, decerto para protecção das alas.

De facto, olhando uma vez mais para o esquema clássico de Afonso do Paço (Fig. INT. 2), somos levados a concluir que o flanco nascente da "segunda posição" portuguesa (o qual deve ter sido ocupado pela chamada

(22). OLIVEIRA, 1988, p. 112. Este autor, um dos que mais conscienciosa e detalhadamente estudou a batalha de Aljubarrota, também admite que essa vala corresponderá ao mais meridional dos fossos postos a descoberto por Afonso do Paço.

"ala dos namorados", sob o comando de Antão Vasques) terá sido defendido pelo comprido Ramo "C" do chamado 'grande fosso'. Esta vala deve ter reforçado, ou até substituído, desse lado, o 'abatis' destinado a proteger a ala leste (OLIVEIRA, 1988, p. 115). De acordo com a descrição de Afonso do Paço (1959, p. 43), o 'grande fosso' (de que o Ramo C, com os seus 115,5 m, é de longe o braço mais extenso) estava cheio de terras negras, continha de permeio restos de cerâmica e, na parte inferior, algumas pedras de calcário trazidas de fora. Em quatro lugares, havia fragmentos de maxilares de cavalo. Na opinião de Alcide de Oliveira será a este tramo "C" que D. Juan I se refere, ao falar na "caba tan alta": uma verificação no local confirmou que tinha altura suficiente para cobrir um homem até à garganta (OLIVEIRA, 1988, pp. 115-116). Avisamos, entretanto, que é muito difícil formar uma opinião exacta acerca da profundidade que os obstáculos descobertos por Afonso do Paço terão apresentado ao exército castelhano. Pelo menos no que diz respeito aos quatro ramais que compõem o 'grande fosso'. Como explicou o ilustre arqueólogo, "do fosso citado só possuímos hoje a parte inferior, pois desconhecemos totalmente a sua parte superior, e portanto a profundidade primitiva" (PAÇO, 1959, p. 43). Para além disso, no estado actual dos nossos conhecimentos, parece-nos impossível discernir se a "caba tan alta" do relato de D. Juan I corresponde a um obstáculo frontal ou lateral. O monarca castelhano apresenta-a, recorde-se, como o segundo obstáculo encontrado pelos seus homens (logo após o "monte cortado que les daba fasta la cinta", i.é, os abatisses), mas o carácter perecível da matéria prima da primeira barreira nunca nos permitirá ter uma noção exacta da sua articulação com a segunda, além de que a extensão da linha de batalha castelhana relativamente à estreita frente deixada livre pelo exército anglo-português obriga a admitir que os embaraços físicos perturbaram, não só quem avançava mais pelo centro, como também os que o faziam um pouco mais ao lado, uns e outros podendo, pois, ter sido afectados pela vala (absolutamente frontal ou um pouco mais lateral) rasgada no chão pelos homens de Nun'Álvares.

Finalmente, feita esta referência à vala frontal e ao fosso que protegia a ala esquerda de D. João I, convém ainda lembrar a existência de outros dois ramos do 'grande fosso', bastante mais pequenos e identificados no esquema de Afonso do Paço (v. Fig. INT. 2, em anexo à Introdução) pelas letras "A" e "B". Pela sua orientação e, sobretudo, localização (a norte da

ermida), estas valas têm suscitado grandes dificuldades interpretativas. Sobre o Ramo "A" (com apenas 8,50 m de comprimento e orientação norte-sul), diz Afonso do Paço ter sido, em parte, acidentalmente cortado por uma escavadora utilizada nos trabalhos de ajardinamento da zona norte da ermida, pelo que "dele nos restam apenas escassos centímetros de profundidade" (PAÇO, 1959, p. 43). Quanto ao Ramo "B" (com 49 m de comprimento, forma de arco abatido e orientação aproximada leste-oeste), "também sofreu bastante com obras de alvenaria e quintais que no local existiram. Estaria primitivamente cheio de calhaus rolados, ainda bem visíveis na metade Leste" (*ibid*). Esboçando uma interpretação para a origem desta última vala, o mesmo autor confessa ter ficado "com a impressão de que fora entulhado pouco depois da sua abertura, utilizando-se para isso, de preferência, calhaus rolados que se tivessem acumulado nas imediações" (PAÇO, 1959, p. 44).

Provavelmente, jamais teremos certezas quanto à origem e à função destes enigmáticos ramais do chamado 'grande fosso'⁽²³⁾. Parece-nos problemático afirmar taxativamente que eles se encontravam *atrás* da vanguarda portuguesa, já que ninguém poderá garantir que o local onde está a ermida coincide *exactamente* – i.é, com precisão milimétrica – com o lugar onde esvoaçou a bandeira do Condestável durante o combate, marcando com isso o alinhamento de *toda* a primeira linha portuguesa. Por outro lado, e como Severino Lourenço já observou, é bastante lógico que a hoste anglo-portuguesa, como medida de precaução contra um eventual retorno castelhano, tenha reforçado o seu sistema defensivo durante a noite de 14 de Agosto, tendo nesse contexto "aberto o grande fosso ao redor da capela, para maior protecção à zona real e de comando da acção" (LOURENÇO, 1985, p. 10). Aliás, e como o mesmo autor também refere, Fernão Lopes dá conta dos trabalhos de vigilância e de reforço da segurança do acampamento português levados a cabo por Nun'Álvares nessa mesma

⁽²³⁾ Não nos esqueçamos de que, partindo do Ramo "C" e prolongando-o durante escassos 8,80 m para leste, existe ainda um pequeno apêndice, que Afonso do Paço regista no seu esquema com a letra "D" (v. Fig. INT. 2). Dada a sua localização, no flanco nascente da "segunda posição" portuguesa, tem sido entendido como um pequeno reforço das 'defesas acessórias' instaladas nessa zona do campo de batalha.

noite, até altas horas da madrugada⁽²⁴⁾... Talvez esta possibilidade ajude, por sua vez, a explicar o "arreall de tauoado" de que fala a já citada carta de doação de D. João I, emitida no próprio campo de batalha, no dia seguinte à ordália. Já Valdez dos Santos considerou, aliás, esta possibilidade, ao sugerir algumas hipóteses interpretativas para a construção do 'grande fosso'. De acordo com este autor, que dedicou também ao estudo da batalha de Aljubarrota trabalhos de muito mérito, as valas poderão, entre outras coisas, estar relacionadas com a tradicional preocupação em "apalancar o arravalde", para o que se poderia ter aberto um pequeno fosso ou vala em volta da tenda do rei, no ponto alto da ermida (zona de bom comandamento, insistimos), logo após a batalha (N.V. SANTOS, 1979, pp. 521-522).

Em conclusão, é praticamente certo que, além dos abatisses, o exército anglo-português tenha preparado no terreno um outro tipo de 'defesas acessórias', destinadas a retardar a progressão castelhana e a desorganizar as respectivas linhas (num sentido que tentaremos explicitar melhor daqui a pouco). Entre essas 'outras defesas', tem de conceder-se um lugar de destaque à abertura (relativamente fácil) de valas ou fossos, que provavelmente foram depois encobertos com ramagens, gravetos e outros materiais. Possivelmente, uma dessas valas terá sido transversal ao planalto, confrontando os homens de D. Juan I com um obstáculo frontal incómodo de ultrapassar, sobretudo para os que avançassem apeados e pesadamente equipados. Mas também dos lados, em complemento do sistema de abatisses (hipótese mais provável), ou em substituição deles, se rasgaram fossos bastante extensos. Isso aconteceu, não só no flanco nascente da "segunda posição" portuguesa (v. o Ramo "C" do 'grande fosso' de Afonso do Paço), mas também (sabêmo-lo agora, graças à recente intervenção arqueológica de Helena Catarino) no flanco contrário (v. "Y", na nossa versão do esquema clássico de Afonso do Paço: Fig. INT. 2). Em torno da Ermida de S. Jorge,

(24). Cf. F. Lopes, *CDJ*, II, cap. XLVI, p. 110, onde se pode ler: "A batalha feita da guysa que dizemos, fazendo-sse bem tarde, foy o Conde posto em gram cuydado de poer guardas no arreall de noite, de que nenhuum tijnha seemtido; e andou naquello ocupado tanto que era ja mujto alto seraão quando foy veer el-Rey aa tenda". cremos que este trecho da narrativa de Fernão Lopes foi, como vários outros, 'importado' da *Crónica do Condestabre* (cap. LI, fl. XL).

temos ainda a informação de que foram – provavelmente na mesma época – feitas outras escavações, que devem estar relacionadas, ou com o desenho de um sistema de 'defesas acessórias' que não dominamos ainda em toda a sua extensão (pela simples razão de que uma percentagem elevada do campo de batalha continua por escavar), ou com trabalhos de reforço da segurança do acampamento realizados na noite de 14 para 15 de Agosto, quando, sendo certa a debandada castelhana, permanecia ainda no ar a ameaça de uma possível reorganização do inimigo e, portanto, a de um novo assalto à posição portuguesa. Por fim, cavaram-se ainda alguns fossos pelo meio de uma vasta zona de covas-de-lobo preparada a sul da "segunda posição". É o que veremos já de seguida.

4.1.4. Covas-de-lobo

Para além dos abatisses e dos fossos ou valas, o exército de Nun'Álvares reservou ainda uma última surpresa aos castelhanos: uma grande quantidade de covas-de-lobo abertas no solo e disfarçadas com ramagens. A este respeito, o teor do acrescento do Anónimo ao *Sumario de los Reyes de España* não podia ser mais claro: chegado à zona de combate, D. Juan I avistou o Mestre de Avis, "con grande gente de aquel Reyno, los cuales estaban puestos en su gran recuesto que ende estaba, é fecho un muy fuerte palenque al deredor de su real, é fechas muchas fosas cubiertas con ramas" (ARNAUT, 1947, pp. 74-75, nt. 1).

Conforme tivemos já a oportunidade de explicar na Introdução a esta monografia, a sondagem levada a cabo por Afonso do Paço no campo de batalha, em finais de 1958, pôs a descoberto 830 covas-de-lobo, "dispostas como que perpendicularmente ao grande fosso anteriormente reconhecido, e um tanto orientadas no sentido do eixo da capela" (PAÇO, 1959, p. 46). Principiavam imediatamente a sul do extremo final do Ramo "C" do 'grande fosso' (veja-se de novo a Fig. INT. 2, em anexo à Introdução), ocupando uma vasta área, entremeada por valas de menores dimensões. Essas covas "são muito irregulares, quanto a dimensões, profundidade e mesmo orientação" (PAÇO, 1959, p. 47). Ainda assim, nota-se uma orientação convergente entre as covas do grupo "H" e as da zona "J", formando uma espécie de V, com o vértice a apontar para o meio do planalto. O facto foi também observado

por Severino Lourenço (autor, recorde-se, de uma outra intervenção arqueológica de reconhecimento, em 1985), que destacou o formato diferente, mas convergente (quase em “forma de espinha”) dos dois conjuntos de covas-de-lobo situados a sul do ‘grande fosso’, os quais rematam na tal vala (“L”) que parece limitar meridionalmente todo o dispositivo (LOURENÇO, 1985, p. 12).

Entretanto, e como já foi largamente explicado neste livro (Cap. 2.º), mais recentemente, durante a campanha de Junho de 1999, Helena Catarino pôs a descoberto uma nova zona de covas-de-lobo, num ponto totalmente distinto do campo de batalha (v. Fig. INT. 2, zona “Y”). Para já, identificaram-se apenas mais nove covas-de-lobo, cinco com orientação leste-oeste e as restantes quatro orientadas a 130 graus, todas elas de formato rectangular, um comprimento médio de 56 cm no topo e 44,2 cm no fundo, uma largura média de 39,5 cm no topo e 25,9 cm no fundo e uma profundidade (de corte no saibro, note-se) da ordem dos 23,7 cm. No entanto, consideramos ser praticamente certo que o alargamento da sondagem por todo o terreno em que temos trabalhado (localizado, recorde-se a poente da Ermida de S. Jorge, entre esta e a Estrada Nacional N.º 1, praticamente no enfiamento dos Ramos “A” e “B” do ‘grande fosso’) permitirá identificar muito mais covas do género, provavelmente entremeadas com fossos ou valas, tal como se verificou na zona escavada por Afonso do Paço e também na área já trabalhada por Helena Catarino (v. de novo “Y”).

Como já explicámos na Introdução a este trabalho, cedo se levantaram dúvidas cruéis quanto à relação destas covas com o combate de 14 de Agosto de 1385. Para nós, e pelos motivos que ali aduzimos, essas dúvidas estão hoje completamente desfeitas. Embora sem terem a configuração clássica na época, estas covas só podem ter que ver com a “organização do terreno” congeminada por Nun’Álvares e os seus auxiliares ingleses no dia anterior à batalha e nas horas que antecederam o início da luta (e, talvez, também nas horas seguintes ao combate, altura em que pairava ainda no ar a angústia quanto a um possível retorno castelhano). Todas as ‘explicações alternativas’ se revelaram demasiado frágeis, ao mesmo tempo que a revisão dos cálculos relativos ao tempo necessário para a sua abertura mostrou ser exequível a preparação destas ‘defesas acessórias’.

Como quer que seja, e do ponto de vista que mais nos interessa, convém realçar que, mesmo para alguns dos autores que não admitem uma

relação directa entre a abertura das covas e a batalha, não está em causa a sua utilização pelos portugueses no combate de 1385. Alcide de Oliveira, por exemplo, um dos melhores estudiosos do evento, afirma mesmo que, depois da feitura dos abatisses e das valas, a 3.^a prioridade da hoste anglo-portuguesa, no seu afã de 'organização do terreno', consistiu, justamente, na "camuflagem do obstáculo existente", ou seja, no disfarce das 'covas' através de ramagens, tal como refere o Anónimo que, pouco depois de 1460, completou o relato do *Sumario de los Reyes de España*⁽²⁵⁾.

4.1.5. Configuração e Objectivos

Apresentados genericamente os obstáculos 'naturais' e 'artificiais' que os homens de armas castelhanos tiveram de enfrentar no seu assalto à "segunda posição" portuguesa em S. Jorge, vale agora a pena tecer algumas considerações de conjunto, alusivas à configuração global do dispositivo táctico anglo-português e aos objectivos que terão presidido à sua concepção.

Começaremos por sublinhar que o conjunto desse dispositivo revela uma grande inteligência táctica e uma notável capacidade para harmonizar 'obstáculos naturais' (vales laterais, linhas de água) e 'obstáculos artificiais' (abatisses, fossos, covas-de-lobo) num todo bastante coerente e extremamente funcional. Claro que, neste momento, não dispomos ainda de todos os elementos imprescindíveis a uma apreciação definitiva. Longe disso. Recordamos que Afonso do Paço definiu praticamente os limites oriental e meridional do sistema defensivo português, mas não teve oportunidade de trabalhar na zona mais a norte e, sobretudo, no flanco ocidental do campo de batalha. Aqui, a única sondagem realizada até agora foi a de Helena Catarino, no âmbito das averiguações que desencadeámos em 1999. Tratou-se, porém, de uma intervenção bastante limitada no tempo e

⁽²⁵⁾ OLIVEIRA, 1988, p. 112. Este Autor acrescenta, em jeito de conclusão: "Não se trata, repetimos, de obras de organização do terreno, mas sim de covas feitas pelos construtores, oleiros ou telheiros da época, para colheita de material, e que o condestável aproveitou para apoiar a asa oriental da sua ala esquerda, condenada a instalar-se na aba do esporão de S. Jorge, cujo terreno possuía um valor militar manifestamente mais fraco" (*ibid.*, p. 113).

concretizada com meios (financeiros e humanos) demasiado condicionados para esclarecer por completo o que, desse lado do terreno, os portugueses reservaram aos seus adversários castelhanos. No fundo, o mérito principal – e já não foi pequeno – desta campanha arqueológica foi provar que a reconstrução da posição tática anglo-portuguesa está longe de poder considerar-se encerrada, e não poderá nunca traduzir-se em resultados 'definitivos' antes de uma exploração exaustiva dos terrenos situados a poente da Ermida de S. Jorge (pelo menos daqueles que ainda não foram totalmente 'destruídos', quer pela preparação do leito da Estrada Nacional N.º 1, quer pela construção que essa rodovia acabaria por provocar em ambas as margens).

Para além desta reserva, deve também dizer-se que a valorização do que até agora se descobriu em S. Jorge pressupõe, no fundo, que admitamos que a escolha de uma "segunda posição" por parte da hoste de D. João I não foi acidental, mas antes maduramente pensada e preparada. Com efeito, seria quase impossível chegar a um resultado tão perfeito se acaso os portugueses se tivessem limitado a acompanhar a marcha castelhana e a estacionar num ponto ao acaso, escolhido apenas em resultado da sua proximidade relativamente à posição final do inimigo. Ora, a este propósito, convém que fique claro que somos da opinião de que:

- 1.º: em consequência da estratégia ofensiva portuguesa⁽²⁶⁾ e da clara insistência de D. João I em barrar o passo ao invasor, o monarca de Castela dificilmente poderia deixar de dar batalha aos portugueses, sob pena de trazer na sua peugada, pelo menos até Santarém, um exército disponível e muito experimentado na prática da "guerra guerreada" (i.é, da guerra de guerrilha), com todos os inconvenientes

⁽²⁶⁾. No seu segundo relato (o de João Fernandes Pacheco), Froissart explica que, no conselho de guerra português, prevaleceu a tese daqueles que defendiam que D. João I não deveria deixar encerrar-se em cidade alguma, caso contrário os castelhanos ficariam com o caminho livre para conquistar e destruir o país. Assim, a solução para o monarca português passaria sempre por dar batalha: "(...) vous ne pavez paisiblement goir de la couronne de Portingal, dont nous vous avons couronné, fors que par bataille, et que du moins une fois ou deux vous ayez rué vostre adversaire le roy de Castille et sa puissance"; ora, para haver batalha, "trop mieulx nous vault à requerre que à estre requis"; portanto, diziam os conselheiros de D. João I, "prenez les champs" (Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S. H. F., t. XII, 1356-88, Livre Troisième, par. 91, p. 280) !

que daí resultariam e que seriam ainda avolumados pela circunstância de, com isso, se interromper irremediavelmente a já extensa linha de comunicações internas da hoste de D. Juan I⁽²⁷⁾ ;

- 2.º: como bem enfatizou Costa Veiga, que estudou o assunto com um detalhe notável, a recusar simplesmente o combate na “primeira posição” que lhe foi proposta pelo adversário (e que já vimos ser pouco menos do que inexpugnável), o inimigo castelhano teria quase inevitavelmente de seguir por onde realmente seguiu (referimo-nos à marcha torneante concretizada pelo lado do mar). E mais: se, pelo contrário, acaso quisesse examinar mais atentamente a possibilidade de dar batalha, a hoste castelhana procuraria um terreno melhor e, em consequência, faria a mesma manobra, até desaguar na convidativa esplanada de Chão da Feira (VEIGA, 1930, pp. 79-80).

Partimos, pois, do pressuposto de que Nun'Álvares e os seus auxiliares ingleses e gascões apostaram o tudo por tudo, numa jogada de mestre: admitiram combater numa posição que lhes era extraordinariamente favorável, e depois, perante a previsível recusa castelhana e a movimentação da hoste de D. Juan I para um terreno alternativo igualmente possível de prever, inverteram o dispositivo e ocuparam uma “segunda posição”, aparentemente muito mais frágil, mas, no fundo, igualmente boa e, sobretudo, muito adequada à atitude tática (defensiva) que mais lhes interessava assumir. Pelo meio da mudança, a hoste de D. João I conseguiu ainda criar no adversário uma ilusória sensação de vantagem e de confiança na vitória, que acabaria por ser-lhe fatal. Pensamos que só dentro deste contexto se pode compreender, em toda a sua dimensão, o comportamento tático (altamente arriscado, é óbvio) do exército anglo-português. Evidentemente,

⁽²⁷⁾. A mesma opinião tem sido partilhada, com estes e com outros argumentos, por vários autores, como, por exemplo, Jorge Borges de Macedo (1985). Vem muito a propósito recordar que Fernão Lopes, ao relatar a intervenção do conde D. João Afonso Telo no conselho de guerra castelhano, escreve assim: “(...) dhuuma guissa ou doutra he-uos per força de pellejar com elles. Ca posto que uos agora passees, nom querendo com elles pellejar, nom tenhaes que uos ham de leixar hir a Lixboa, assy como alguuns dizem; mas hir-se-ham depos uos ladrando, ataa que tornes a elles e lhe des a batalha” (CDJ, II, cap. XXXVI, pp. 80-81).

nada disto teria sido possível se acaso Nun'Álvares e os seus auxiliares não tivessem podido examinar cuidadosamente a região durante todo o dia anterior e não tivessem ocupado a "primeira posição" largas horas antes da passagem do seu adversário.

Fixados, em definitivo, numa posição situada cerca de dois quilómetros a sul da sua primeira escolha, a hoste de D. João I tratou de tirar o máximo partido do terreno onde calculava que se acabaria por vir a travar a batalha. Tanto Costa Veiga (1930, p. 74, Esboço III, que reproduzimos em anexo) como Alcide de Oliveira (1988, p. 73) admitem que a instalação portuguesa nesta "segunda posição" se terá consumado por volta das 15 horas. Portanto, e sendo praticamente certo que o combate não terá principiado antes das 18 horas, ou mesmo um pouco mais tarde, concluímos que as tropas de Nun'Álvares dispuseram de cerca de três horas para otimizar a sua posição defensiva (já de si valorizada pelos vales laterais que estreitavam sobremaneira a frente de combate na zona onde está hoje a Ermida de S. Jorge, e por alguma linhas de água, bordejando esses vales e possivelmente atravessando também a frente de batalha). Assim, abateram, arrastaram e empilharam alguns pinheiros, escavaram algumas valas (frontal e lateralmente) e abriram uma grande quantidade de covas-de-lobo no terreno, que posteriormente disfarçaram com ramagens, gravetos e outros materiais do género, fáceis de colher no local. Possivelmente, algumas destas 'defesas acessórias' teriam sido preparadas de antemão (durante a manhã ou mesmo de véspera), na expectativa de uma muito previsível negativa castelhana a combater no extremo norte do planalto de S. Jorge. Quanto a estes 'obstáculos artificiais', o aditamento do Anónimo ao *Sumario de los Reyes de España* parece sintetizar tudo: "fossos e covas de lobo cobertos de ramas, palanque feito de árvores abatidas" (ARNAUT, 1962, p. 491). Evidentemente, estes obstáculos foram tanto quanto o possível ocultados ao adversário (que, recordamos, enviou ao acampamento português três 'embaixadores', para dialogar com Nun'Álvares e para espiar o que lhes fosse possível). De resto, como acrescenta Salvador Dias Arnaut, sem a ocultação dos fossos e das covas com ramagens, "talvez nem tivesse havido a batalha" (ARNAUT, 1962, p. 484). Por outro lado, frise-se que, ao adoptar este género de dispositivo, composto por abatizes, fossos e covas-de-lobo, o exército anglo-português estava tão só a reproduzir em território ibérico um estratagema muito utilizado nas Ilhas Britânicas e, por extensão, na Guerra dos Cem Anos

(1337-1453): como já observou Gastão de Mello de Mattos, tais eram, precisamente, "os métodos de fortificação passageira usados na época pelo exército inglês" (MATTOS, 1959, p. 30)⁽²⁸⁾.

É perfeitamente visível que o sistema de 'defesas acessórias' organizado pelo Condestável assumiu uma grande extensão. Só a parte que foi posta a descoberto por Afonso do Paço (830 covas, entremeadas por, pelo menos, 5 fossos) cobriria uma área superior a 1 hectare (VEIGA, 1959, p. 10). Resta saber o que lhe poderemos vir a acrescentar do outro lado (i.é, do lado poente), logo que a intervenção arqueológica iniciada em 1999 por Helena Catarino esteja definitivamente concluída. De uma forma geral, podemos dizer que o objectivo tático desse sistema consistia, por um lado, em oferecer ao adversário um "obstáculo contínuo, transversal à esplanada" (nomeadamente através de uma ou mais valas de grande extensão) e, por outro, em "canalizar o ataque do adversário por um corredor" (neste caso, por meio de uma sábia conjugação dos abatisses com covas-de-lobo apresentando de permeio pequenos fossos)⁽²⁹⁾. Mais em concreto, a função dos fossos e das covas-de-lobo consistiria, sobretudo, em impedir ou, pelo menos, em dificultar o avanço do adversário: o retardar da marcha de assalto exporia longamente os castelhanos ao grande poder de tiro da hoste portuguesa, cujos corpos de besteiros, posicionados nas alas, foram largamente reforçados por cerca de três centenas de arqueiros ingleses, especialistas na matéria⁽³⁰⁾. Os abatisses, pelo seu lado, terão servido sobretudo para afunilar a progressão castelhana, ou seja, para concentrar a marcha dos homens de armas de D. Juan I na zona central do campo de

⁽²⁸⁾. Costa VEIGA (1959, p. 9) também observou o facto, ao fazer notar que, na Península Ibérica, não se praticava muito a fortificação dos campos de batalha, sendo, porém, muito provável que o nosso Condestável tenha aprendido essa técnica com os homens de armas ingleses com que frequentemente lidou em Portugal: as tropas mercenárias do Conde de Cambridge, durante as guerras fernandinas contra Castela; os veteranos de guerra ingleses e gascões, durante a Crise de 1383-1385, Aljubarrota incluída (onde – segundo Froissart, *ob. cit.*, par. 92, p. 282 – Guilhem de Montferrand se apresentou, só ele, com 40 lanças de gascões); etc.

⁽²⁹⁾. Cf. VEIGA, 1961, p. 9.

⁽³⁰⁾. Cf. RUSSELL, 1962, *passim*. Como claramente demonstrou este investigador, entre os cerca de 700 auxiliares ingleses que devem ter estado em Aljubarrota, haveria uns 300 arqueiros, exímios no tiro com o célebre "long-bow", circunstância que enfatiza a utilidade

batalha, com isso desorganizando as suas *azes* e impedindo definitivamente o já de si difícil (em consequência dos vales laterais) envolvimento da posição portuguesa pelos flancos.

É certo que, desta forma, estamos a reconhecer que a tática adoptada por Nun'Álvares foi profundamente defensiva: como bem observou Valdez dos Santos (1979, p. 462, nt. 2), o emprego das covas-de-lobo reduzia as possibilidades de contra-ataque e quase obrigava a defensiva a ter um carácter passivo (este género de 'defesas acessórias' dificultava o ataque, mas não protegia directamente os defensores). Cremos, no entanto, que foi justamente isso que aconteceu: a hoste anglo-portuguesa concentrou os seus esforços num método muito específico de recepção do ataque adversário, apostando tudo na protecção dos flancos, na eficácia do poder de tiro dos seus besteiros e arqueiros e, sobretudo, no efeito-surpresa provocado pelos obstáculos distribuídos pelo terreno⁽³¹⁾. Daqui resultou uma desorganização dramática da formação adversária, mal comandada (recordamos que D. Juan I viajava doente, de liteira, há cerca de duas semanas), heterogénea (Froissart acentua bem as divergências entre os castelhanos e os franceses que integravam a hoste invasora) e, como todos os exércitos medievais, pouco disciplinada (porque pouco habituada a manobrar em conjunto, dado o seu carácter de exército não-permanente, recrutado *ad hoc* para esta ou para aquela campanha militar).

Finalmente, convém que se diga que uma interpretação de conjunto do dispositivo tático anglo-português do género da que acabamos de ensaiar – perfilhando, de resto, a sugestão de vários outros investigadores – só faz

de que a aliança luso-britânica se revestiu para o exército apresentado por D. João I em S. Jorge. Com tais auxiliares, a potência de tiro da nossa hoste aumentou em cerca de 3.000 a 3.600 flechas por minuto (*ibid*, p. 432). Donde se percebe o enorme interesse que Nun'Álvares teria em aglomerar a massa de homens de armas adversários, tornando-os num óptimo alvo, e em retardar o mais possível a respectiva marcha, para que as aljavas dos atiradores anglo-portugueses pudessem ser descarregadas até à última munição...

(31). Como seria de esperar, Froissart – que não esconde a sua simpatia pela Inglaterra – atribui aos auxiliares britânicos de D. João I a decisão de 'organizar o terreno': ao relatar combate, escreve o cronista que os cavaleiros de França, da Bretanha, da Borgonha e de Berna combatiam valentemente, "mais ilz eurent trop dur encontre; et tout ce fisrent les Englois par le conseil que ilz donnerent de la place fortefier" (*Chroniques*, ed. S. H. F., t. XII, 1356-88, Livre Troisième, par. 40, p. 160).

inteiramente sentido se admitirmos que, a poente da Ermida de S. Jorge, terá existido um sistema de 'defesas acessórias', não diremos simétrico, mas pelo menos correspondente àquele que Afonso do Paço pôs a descoberto na parte oriental do campo de batalha. Só isso iluminaria verdadeiramente uma interpretação daquele tipo. Até agora, esta era justamente a 'pedra no sapato' de todos os historiadores que se interessavam pela batalha. A partir de agora, as dúvidas parecem estar desfeitas: a intervenção arqueológica de Helena Catarino mostrou claramente que o dispositivo se prolongou pelo flanco direito português, otimizando, com isso, o efeito de 'corredor' de que acima já falávamos.

4.1.6. Viabilidade

Antes, porém, de proceder a uma análise um pouco mais detalhada desse 'efeito', convém ainda que digamos mais alguma coisa sobre a controversa questão (já por nós abordada, com algum detalhe, na Introdução a esta monografia) da 'viabilidade' da construção de um tal dispositivo de 'defesas acessórias' por parte da hoste de D. João I.

No que diz respeito aos abatizes e aos fossos, não há nenhuma razão para haver polémicas. Como Alcide de Oliveira observou, bastariam duas dúzias de árvores e cerca de 500 homens (só metade deles trabalhando a tempo inteiro, os outros servindo de guarda, como nos tradicionais 'fossados' da época da *Reconquista*) para abater e transportar as árvores (pinheiros existentes no local, já o dissemos) e para escavar a vala frontal (OLIVEIRA, 1988, pp. 112-113). Quanto aos restantes obstáculos do dispositivo – nomeadamente a zona das covas-de-lobo e os restantes fossos – aí o problema carece de uma análise mais atenta. Já mostrámos (na Introdução) como nos foi possível contestar os cálculos da Direcção da Arma de Engenharia solicitados, em 1979, por Valdez dos Santos, os quais apontavam para a necessidade de a hoste de Nun'Álvares ter disposto, durante duas horas, de perto de 1.400 homens, apenas para escavar as covas-de-lobo identificadas por Afonso do Paço. Pela nossa estimativa – elaborada no local – 350 homens teriam sido suficientes para escavar 1.000 buracos daqueles em cerca de 3 horas. Nada que não fosse possível, atendendo a que, como observou Costa Veiga (1959, p. 15), trabalhadores não faltariam ('homens

de pé', 'gente de serventia'), ferramentas também não (simples pás e picaretas), e tempo, apesar de tudo, sempre houve algum (Veiga calcula que tudo se terá feito em menos de 4 horas: entre as 13h, início do abandono da 1.^a posição, e as 16h30, termo aproximado da instalação portuguesa na sua posição final).

É claro que, como notou Afonso do Paço (1961, p. 13), foi tudo escavado um pouco apressadamente, donde a desigualdade no tamanho, no formato e na profundidade das covas descobertas. Uma observação mais atenta de alguns dos ramos do 'grande fosso' denuncia isso mesmo: o Ramo "B" é composto por dois tramos que não se encaixam de forma perfeita; e quanto ao Ramo "C" (o mais importante de todos), "temos a sensação de terem operado vários agrupamentos de homens em troços isolados, que fizeram as ligações o melhor que puderam, dentro do pouco tempo de que dispunham" (PAÇO, 1959, p. 44).

Para além da pressa, convém frisar que, como bem observou Severino Lourenço (1985, p. 12), o terreno húmido à altura da batalha apresentar-se-ia "macio, húmido e fácil de trabalhar", sendo coberto por "arbustos rasteiros, urzes e estevas", ou seja, por plantas próprias da charneca e boas para camuflar o conjunto do dispositivo (LOURENÇO, 1985, p. 12). Isso terá facilitado os trabalhos de escavação, que no caso do 'grande fosso' devem ter sido relativamente rápidos: de acordo com o mesmo autor, é mais fácil – numa situação de emergência – "cavar a direito em terreno macio, abrindo sulcos pouco mais largos que a pá da enxada, que arredondar covas de certa profundidade" (*ibid*). Quanto às terras que iam sendo retiradas, "também não causariam problemas de tempo, pois que, postas ao lado do fosso à medida que iam saindo, ficariam dissimuladas pelos arbustos e constituíam também obstáculos, dada a irregularidade de marcha que provocavam" (*ibid*).

Parece, portanto, bastante claro que apenas a parte das covas-de-lobo colocaria verdadeiros problemas de execução à hoste de Nun'Álvares. Mas mesmo essas estão – de acordo com os nossos cálculos – perfeitamente dentro dos limites de tempo e de meios humanos e materiais de que a nossa hoste terá disposto num momento tão decisivo como aquele. Além disso, repetimos que não nos parece nada disparatado admitir que uma parte (grande ou pequena, nunca o saberemos) daquele dispositivo possa ter sido preparada *antes* da batalha (prevendo a necessidade de organizar o terreno numa "segunda posição" que respondesse à mais do que provável

marcha torneante castelhana)⁽³²⁾, enquanto que uma outra parte poderá ter sido aberta *após* a debandada de D. Juan I e seus homens, prevenindo qualquer possibilidade de reagrupamento do exército inimigo, extremamente numeroso e cuja coluna se estendia ainda por muitos quilómetros para norte de S. Jorge⁽³³⁾.

Outras hipóteses têm ainda sido levantadas, como a de os arqueiros ingleses terem, eles próprios, escavado os fossos e as covas-de-lobo situados na zona que defendiam, provavelmente a ala esquerda (HOWORTH, 1960, p. 72). Não iremos, todavia, demorar-nos mais neste assunto. Afinal, e como escreveu o General Ximenez de Sandoval, mais de oitenta anos antes das escavações de Afonso do Paço, se até Fernão Lopes assegura que o "curral" onde estava a bagagem portuguesa se entrincheirou, por que razão havemos de continuar a resistir à ideia de que a grande vitória anglo-portuguesa de 14 de Agosto de 1385 está intimamente associada à construção de um forte sistema táctico de entrincheiramento defensivo, inteligentemente gizado e posto em prática por Nun'Álvares, à boa maneira do que então faziam os seus auxiliares ingleses ?...

4.1.7. O 'corredor da morte' ou o 'efeito de funil':

Demos já a entender, por mais do que uma vez, que o dispositivo táctico de Nun'Álvares, para além de outras virtualidades, obedecia a um objectivo fundamental: *afunilar* a progressão castelhana, ou seja, obrigar as linhas avançadas adversárias a superpovoarem o centro do terreno, descaracterizando as respectivas azes (através, designadamente, do

(32). Hipótese, se não erramos, já admitida por Pires NUNES (1986, p. 45).

(33). Como explicámos já na nossa Introdução, Stott HOWORTH (1960, pp. 89-90) foi um dos maiores defensores desta interpretação, que outros (como PIMENTA, 1960, p. 561; ou LOURENÇO, 1985, pp. 10-12) não desdenharam. Como já dissemos, este último autor considera "lógico que tenham reforçado o sistema defensivo durante a noite, abrindo novos fossos e até, então, aberto o grande fosso ao redor da capela", e sublinha ainda, a propósito do formato, diferente mas convergente, dos dois conjuntos de covas-de-lobo, que "esta diferença de orientação é possível se o trabalho tiver sido feito de noite e à pressa, e ainda pela descontinuidade de trabalho e até de pessoal, a menos que com o intuito de criar um possível enxadrezamento" (*ibid*).

esbatimento da relação entre a vanguarda e a retaguarda) e gerando um fenômeno de aglomeração maciça no meio do planalto. Com isso se evitava, simultaneamente, o risco de envolvimento da posição portuguesa pelos flancos, além de se conseguir expor demoradamente os homens de armas de D. Juan I ao tiro neurobalístico dos especialistas ao serviço do monarca português⁽³⁴⁾.

Este processo de afunilamento foi proporcionado, antes de mais, pela estreiteza natural da frente de batalha (c. 300 metros), mas foi otimizado mediante a organização de uma espécie de *corredor* por onde os homens de armas castelhanos foram forçados a circular, rumo à sua própria morte. Esse efeito foi conseguido graças aos 'obstáculos artificiais' de que demos conta no ponto anterior: primeiro, através dos abatisses, que, ao mesmo tempo que protegiam as alas, 'encaminhavam' certamente as tropas castelhanas pela zona central do planalto; depois, pelo sistema de covas-de-lobo entremeadas de fossos, os quais, perturbando a arrancada adversária, reforçaram a tendência para a aglomeração e para a deslocação para o centro, a zona que permanecia mais liberta de obstáculos (independentemente da existência de uma possível vala frontal, ou de uma linha de água, assuntos a que também já nos referimos).

Esta interpretação esteve já presente nas reconstituições que alguns outros autores fizeram da batalha. Por exemplo, Salvador Dias Arnaut observou que o "palanque" (ou abatis) que protegia os portugueses tinha decerto uma estreita abertura, a qual "era o princípio de um corredor que

(34). Insistimos na importância que este aumento do tempo de exposição dos homens de armas castelhanos aos atiradores anglo-portugueses há-de ter tido. As armas neurobalísticas coevas (a besta e o arco) tinham alcances relativamente limitados, na ordem das duas centenas de metros (um pouco mais a besta, utilizada pelos atiradores portugueses, um pouco menos o arco, arma preferida dos ingleses). Portanto, só quando o adversário estava já relativamente próximo se podia fazer 'tiro útil'. Caso ele viesse a cavalo, em terreno plano, restavam aos besteiros e aos arqueiros escassos 12 a 24 segundos (conforme as montadas viessem a trote ou a galope: cf. VERBRUGGEN, 1977, p. 165). Depois disso, o inimigo estaria 'em cima' dos próprios atiradores (e, recorde-se, a besta era uma arma difícil de recarregar, não sendo nada fácil obter cadências médias acima dos 3 ou 4 virotões por minuto, contra as 10 a 12 flechas lançadas pelos arcos em igual período de tempo). No caso de o adversário avançar a pé, aí a importância do papel desempenhado pelos atiradores era claramente otimizada; e ainda mais se a marcha inimiga fosse retardada por obstáculos (naturais ou artificiais). Foi justamente isto que deve ter sucedido em Aljubarrota.

imaginamos apenas flanqueado por aqueles mesmos fossos e covas de lobo” (ARNAUT, 1962, p. 490). Por altura das escavações de Afonso do Paço, foi a vez de Costa Veiga suspeitar que o Ramo “C” do ‘grande fosso’ tivesse, “no seu bordo leste, uma estacada, atrás da qual se estabeleceriam os atiradores destinados a bater, desse lado, o corredor, entre abatisses (...)”; e acrescentou que talvez houvesse ainda uma outra estacada no limite leste do planalto (c. 20 m a oriente do ‘grande fosso’): protegido a sul pelas covas-de-lobo e pelos fossos, “o órgão de flanqueamento assim definido desempenharia papel análogo ao de certas ‘couraças’ de praças fortes medievais” (VEIGA, 1959, pp. 13-14). Mais recentemente, Alcide de Oliveira escreveu que, contra os castelhanos, o nosso exército preparou, primeiro, uma vala cobrindo frontalmente a posição portuguesa e, depois, forçou a entrada do adversário “no corredor em funil de que as alas, atrás dos abatisses, eram as fronteiras” (OLIVEIRA, 1988, p. 90). Finalmente, Carlos Bessa observou que as alas portuguesas “canalizavam e mais obrigavam a afunilar a progressão castelhana pela espécie de corredor que formavam. As lanças e os virotões dos peões e besteiros feriam os castelhanos ao entrarem nele, antes mesmo de terem chegado ao contacto com a vanguarda castelhana” (BESSA, 1988, pp. 59-60).

Esta convergência de opiniões alimenta-se, por um lado, das informações recolhidas nas fontes narrativas que se ocupam do combate e, por outro, dos resultados das escavações chefiadas por Afonso do Paço. No que diz respeito às fontes narrativas, os testemunhos mais eloquentes são, a este respeito, os de Fernão Lopes e de Froissart. O primeiro, sem nunca se referir aos obstáculos ‘naturais’ ou ‘artificiais’, descreve de forma muito sugestiva o ataque castelhano (impetuoso, arrogante e encabeçado pelo conde D. João Afonso Telo, munido de uma lança de armas, como “ardido caualeyro” que era):

“E em passeando começaram de sse fazer ficadiços huuns tras outros, assy das aazes come das allas, de guysa que a ssua auanguardia, que era muyto mais comprida e as allas tam grandes que bem podiam abraçar a batalha dos portugueeses, ficou tam curta daquella guysa que a de Portugal tijnha ja auantagem della, e ficou assy grossa e ancha em espessura de gemte que auya huum lanço de pedra dos trasseyros aos dianteros; e esto foy especialmente em

dereito da estrada per hu costumauom de camjnhar, em tanto que a auanguardia e a rreguarda se fez todo huum”⁽³⁵⁾.

Quanto a Froissart, escreve assim no seu primeiro relato (o do cavaleiro gascão Espan du Lion):

“Lors firent-il au lez devers les champs abattre et couchier de travers, afin que de plain on ne peust chevauchier sur eulz, et laisserent ung chemin ouvert, qui d’entrée n’estoit pas trop large, et mistrent ce qu’ilz avoient d’archiers et d’arbalestriers sur les deux heles de ce chemin (...)”⁽³⁶⁾.

Ligeiramente mais à frente, ao relatar o primeiro assalto à posição portuguesa (protagonizado, de acordo com o cronista, por 2.000 lanças de cavaleiros franceses montados), Froissart insiste nos mesmos aspectos (afunilamento, compressão), ao dizer que...

“(...) pourtant que l’entrée n’estoit pas bien large ot grant presse et grant meschief pour les assaillans, car ce que il y avoit d’archiers d’Engleterre traioient si onniement que chevaux estoient tous encousus et meshaigniez, et cheoient l’un sur l’autre”. Entretanto, o rei de Portugal animava as suas gentes, “qui se combatoient vaillament et avoient enclos en leur fort de Juberot les premiers venans”⁽³⁷⁾.

Os testemunhos das fontes não deixam margem para grandes dúvidas. E estas, se acaso subsistirem, depressa se desfazem com uma observação cuidadosa do campo de batalha. No fundo, já em 1872 Ximenez de Sandoval pusera o dedo na ferida, ao lembrar que todos (incluindo Fernão Lopes) estão de acordo quanto à estreiteza do local por onde foi o ataque. Portanto, escreve o general espanhol, “é uma presunção fundamentadíssima que cavaram o solo e espalharam algumas árvores para fechar quase toda

⁽³⁵⁾. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLII, p. 97.

⁽³⁶⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S. H. F., t. XII, 1356-88, Livre Troisième, par. 37, p. 148.

⁽³⁷⁾. Idem, *ibid.*

a reduzida frente descoberta da primeira linha" (pp. 216-217). Como – acrescenta o mesmo autor – o centro da linha atacante castelhana (a pé e pesadamente equipada) ia pela parte mais plana da meseta, rumo à melhor entrada na posição inimiga, ficou adiantado no momento do choque, pronto a penetrar. Não insistindo para vencer os obstáculos, os castelhanos foram-se todos inclinando para o centro, formando uma massa confusa, "apelotonada" e larga, numa palavra, o *magote* de que fala Fernão Lopes (*ibid*, pp. 224-225)⁽³⁸⁾.

Ao dizer que, à medida que avançavam, os castelhanos "começaram de sse fazer ficadiços", Fernão Lopes estava, de facto, a dizer quase tudo. Conforme Alcide de Oliveira observou, isso significou decerto que a "incompleta visibilidade do objectivo, o agravamento da transitabilidade nos flancos e o aperto na largura do planalto" – tudo efeitos provocados por uma conjugação inteligente dos obstáculos oferecidos pelo terreno com outros improvisados e mantidos ocultos até ao último momento – desfiguraram progressivamente a formatura castelhana: "o primeiro e segundo escalões do ataque aproximaram-se, as alas, comprimindo-se, seguiram-nos, e o conjunto tornou-se primeiro convexo, depois informe e compacto" (OLIVEIRA, 1988, p. 89). Tal foi o 'efeito de funil' que o 'corredor da morte' organizado pela hoste anglo-portuguesa potenciou, garantindo a vitória final e o triunfo definitivo da causa do Mestre de Avis na Crise de 1383-85.

⁽³⁸⁾. Curiosamente, quem folhear o *Livro da Montaria* – um tratado de caça ao porco montês escrito, entre 1415 e 1433, por D. João I (ou sob a supervisão dele) – há-de reparar nas indicações que o monarca de Avis fornece acerca da forma como deve um bom chefe militar proceder, em caso de batalha campal: diz o tratado que o rei deve ver bem quanta gente é a sua e que campo pode tomar com ela, "em tal guisa que a todo o seu osmar, nom possam mais pellejarem no frontal da batalha que os seus, ca doutra guisa serialhe perigoso". Deve também o rei ver como é o campo, "e entom deue ahi meter as batalhas em tal lugar, que as pontas dellas seiam assi cerradas, que os outros nom possam por outro logar uir, senom per ante" (cf. D. JOÃO I, *Livro da Montaria*, Livro I.º, cap. IV.º, p. 22). Ao ler estas linhas, é impossível não pensar em Aljubarrota, o mais emblemático dos muitos êxitos militares averbados pelo monarca da *Boa Memória* durante o seu longo reinado de quase cinquenta anos (1385-1433). O chefe nominal da hoste anglo-portuguesa assimilara bem o significado do combate de S. Jorge e sabia melhor do que ninguém como era decisivo proteger os flancos, obrigando o adversário a concentrar o seu ataque numa reduzida zona frontal, que, evidentemente, se tratava de guarnecer com as melhores tropas disponíveis.

Paradoxalmente, este 'efeito' não tem sido muito valorizado nas reconstituições tradicionais do evento, que preferem referir-se ao "quadrado" de Nun'Álvares para identificar o principal segredo da supremacia táctica portuguesa em Aljubarrota. E, no entanto, em bom rigor, esse quadrado nunca existiu. Conforme os esquemas reconstitutivos da maior parte dos estudiosos da batalha claramente assinalam, a hoste de D. João I deve ter assumido antes a forma de um rectângulo de orelhas avançadas (correspondentes às alas), que 'engoliu' primeiro a cunha avançada (e desorganizada) da hoste inimiga, para depois a espremer numa bolsa compacta, só possível de armar devido ao fechamento das alas (libertas de adversários em ambos os flancos) sobre a sua própria vanguarda. No fundo, e como já tivemos a oportunidade de explicar noutro lugar, o exército de Nun'Álvares respondeu à penetração 'em cunha' adversária através de uma 'tesoura' ou 'tenaz', dentro da qual – numa manobra clássica e já prevista nos tratados militares da Antiguidade – comprimiu o seu opositor, num período de tempo extremamente reduzido⁽³⁹⁾.

Como se viu, já antes da intervenção arqueológica de Afonso do Paço a teoria do 'efeito de funil' tinha bons fundamentos, escorados no teor das narrativas que se ocupam da história da batalha. A partir de 1958-60, a coisa ganhou, porém, um novo impulso. Logo em 1961, Afonso do Paço relacionava directamente os seus achados com o "corredor estreito" de que fala Froissart, e sugeria que a exploração do flanco ocidental poderia vir a reforçar decisivamente essa versão (PAÇO, 1961, p. 15; e 1961b). No mesmo ano, Costa Veiga, que acompanhou de muito perto as escavações, tendo sido um dos seus principais orientadores, admitia que, a oeste da estrada, devia ter existido, em 1385, um dispositivo simétrico ao encontrado por Afonso do Paço: de acordo com a sua reconstituição hipotética, dois fossos paralelos à estrada e logo a sul da ermida, para "proteger paliçadas imediatamente atrás,

⁽³⁹⁾ Cf. MONTEIRO, 1998, pp. 300-301. Em apoio desta ideia, reproduzimos (Fig. 4. 2.) um sugestivo esquema de Alcide de Oliveira (1988, p. 95), onde se reconstituem os três principais "tempos da batalha". Lembramos que Belisário Pimenta, depois de se interrogar sobre se a rotura da frente portuguesa "foi consequência real do ataque ou seria deliberada?", comenta que, a seguir a ela, se deu a manobra que Frontino (nos "Estratagemas") designou por *lunata acie adgressus*, uma manobra já empregue por Cipião-o-Africano na Península Ibérica (nas guerras contra Asdrúbal) e também conhecida de outros generais (cf. PIMENTA, 1968, p. 70)

ao abrigo das quais, atiradores destacados das alas, flanqueariam o corredor" (VEIGA, 1961, p. 10). A ideia era tão sugestiva que mesmo Valdez dos Santos, ao contestar a relação directa das covas e dos fossos com a batalha, argumentava que, se a zona fortificada fizesse parte de um sistema defensivo, seria natural que o flanco direito tivesse idênticas obras de fortificação; estas seriam "lêvemente oblíquas à linha de combate e, todo o conjunto, formaria uma espécie de funil que reduziria a frente de combate a uma escassa centena de metros, o que não corresponde à realidade" (N.V. SANTOS, 1979, p. 464)!

Ao que se vê, não havia senão que explorar o terreno a oeste da ermida, para acabar com as dúvidas. Foi o que fizemos, com a preciosa ajuda do Eng.º Fernando Pedro Ortega Figueiredo e da Doutora Helena Catarino, bem como das respectivas equipas. A área sondada e, depois, escavada, foi extremamente modesta, porque modestos eram também os nossos recursos. Mas mostrou o essencial: o sistema de 'defesas acessórias' congeminado por Nun'Álvares e seus auxiliares ingleses prolonga-se de facto – tudo o indica – para poente. Escassos 50 ou 60 metros a oeste do encontro dos Ramos "A" e "B" do 'grande fosso', há novos obstáculos que decerto estarão relacionados com a batalha (v. Fig. INT. 2, zona "Y"): fossos, covas-de-lobo, linhas de água, tudo aquilo que é hoje absolutamente seguro ter estado na origem da estrondosa derrota castelhana. Absoluta simetria, relativamente ao que já se reconheceu a nascente, não parece que haja, nem era natural que existisse: essa geometria, insistimos, só existe nas reconstituições (sempre artificiais) dos historiadores. Mas correspondência, certamente que sim. Como, exactamente, e em que proporção, isso é coisa que ainda não sabemos, nem saberemos antes de termos meios para uma exploração muito mais demorada do terreno. Uma coisa, porém, é certa: não foi propriamente o 'quadrado' de Nun'Álvares que garantiu a vitória; foi, isso sim, o 'corredor' ou 'funil' habilmente montado pelas suas tropas, o qual desorganizou completamente a hoste adversária e a conduziu, esbaforida e já meia derrotada, às mãos inclementes dos homens de armas da vanguarda, retaguarda e alas portuguesas, unidos numa tenaz impiedosa que precipitou o pânico entre os assaltantes e sacrificou as últimas esperanças de D. Juan I. Doente, atirado para cima de um cavalo numa louca correria nocturna até Santarém, o monarca castelhano depressa regressaria sem honra nem proveito ao seu reino, que mergulhou num luto profundo que perduraria até ao Natal de 1387.

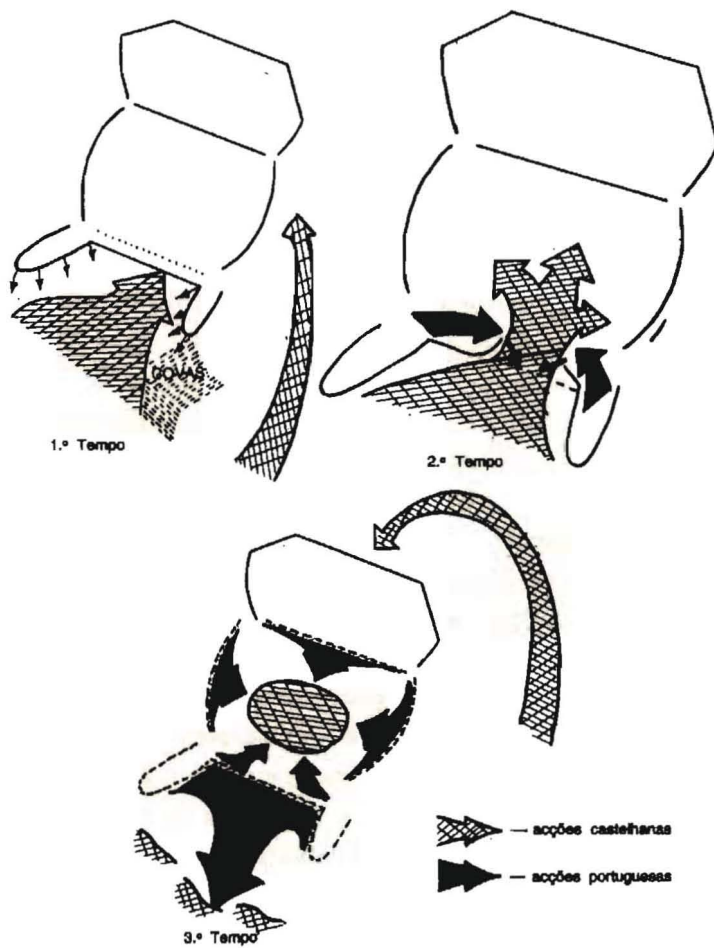


Fig. 4.2 – Aljubarrota: tempos da batalha (in A. de Oliveira, 1988, p. 95).

4.2. O combate

Como o leitor compreenderá, não vamos aqui descrever as diversas peripécias da batalha, nem sequer fazer um resumo do seu desenvolvimento. Isso já foi ensaiado, com bons resultados, por muitos autores (cujos estudos referenciámos na Introdução) e nós próprios o tentámos já fazer, ainda que de forma muito sintética, na nossa dissertação de doutoramento (MONTEIRO, 1998, pp. 299-301).

O nosso objectivo, aqui, é outro. Tentaremos tão só interpretar alguns aspectos um pouco mais específicos, que têm sobretudo que ver com a capacidade e o estado de espírito dos dois exércitos, com o carácter apeado (ou não) da ofensiva franco-castelhana, com a intensidade do combate e com o armamento nele predominantemente utilizado. Para tal, apoiar-nos-emos nas fontes narrativas que se referem mais largamente à batalha (as mesmas que temos vindo a citar neste trabalho) e, simultaneamente, nas conclusões do estudo paleobiológico realizado pelos Doutores Eugénia Cunha, Carina Marques e Vítor Matos, a partir de uma colecção de mais de 2.800 ossos encontrada por Afonso do Paço em Fevereiro de 1958, poucos metros a sul da ermida de S. Jorge.

4.2.1. O poderio dos dois exércitos

Em nosso entender, formar uma opinião acerca da dureza da refrega travada nas proximidades da capela de S. Jorge pressupõe que tenhamos uma ideia relativamente consistente do poderio dos dois exércitos em confronto. Não é fácil (e, provavelmente, até nem nunca será possível) apresentar um cálculo seguro dos efectivos apresentados em Aljubarrota por castelhanos e portugueses, com os seus respectivos auxiliares, franceses e ingleses. Se lermos Fernão Lopes, concluiremos que a hoste de D. João I terá tido à sua disposição cerca de 6.500 combatentes (dos quais 1.700 lanças, 800 besteiros e 4.000 homens de pé), enquanto que os efectivos de D. Juan I terão ascendido a perto de 31.000 homens (6.000 lanças, 2.000 ginetes, 8.000 besteiros e 15.000 homens de pé)⁽⁴⁰⁾. Admite-se, no entanto,

(40). Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XXXVII, p. 84.

que, na ânsia de valorização do triunfo da causa do seu biografado, o cronista tenha subavaliado os efectivos portugueses e não tenha, pelo contrário, resistido à tentação de avaliar por cima as forças adversárias.

Mas, como 'corrigir' a eventual distorção dos números de Fernão Lopes? Pelo relato de Pero López de Ayala, ficamos apenas a saber que o "maestre Davis" teria consigo, a 14 de Agosto, "fasta dos mil e doscientos omes de armas, e diez mil omes de pie, lanceros e ballesteros"⁽⁴¹⁾; ou seja, cerca de 12.200 combatentes, um efectivo provavelmente inflacionado, por motivos simétricos aos de Fernão Lopes. Quanto aos efectivos castelhanos, Ayala, nada diz. O que não deixa de ser curioso, acompanhando ele pessoalmente o exército de D. Juan I, de quem era chanceler-mor... Mas há silêncios que dizem muita coisa e, neste caso, estaremos perante aquilo a que poderíamos chamar um 'silêncio comprometido', visando calar a evidente superioridade numérica do exército que, no campo de batalha, acabaria por ser massacrado às mãos do seu arqui-rival.

Fora do quadro ibérico, temos o relato de Froissart, que nestas matérias devemos utilizar com precaução. Na sua primeira versão, a de Orthez, o cronista fala em 2.000 lanças francesas na vanguarda da hoste de D. Juan I, seguidas por 20.000 cavaleiros montados, que acompanhariam directamente o monarca de Castela⁽⁴²⁾. Já na versão recolhida em Middelburg, Froissart associa à batalha real de D. Juan I uns 30.000 homens, "tous bien montez"⁽⁴³⁾, os quais seriam precedidos de uma "avant garde" que teria "bien largement VII.^m lances, armez de pie en cap"⁽⁴⁴⁾. Para o cronista francês, a desproporção relativamente ao adversário era absolutamente esmagadora: em Aljubarrota, eram bem "quatre contre ung" (a favor de D. Juan I, é evidente)⁽⁴⁵⁾.

Partindo destas fontes, e quase sempre introduzindo alguns 'factores correctivos' (resultantes do conhecimento dos processos de recrutamento militar coevos, do que se sabe acerca da capacidade bélica dos dois exércitos, das características do campo de batalha, etc.) muito se tem dito e escrito

⁽⁴¹⁾. Cf. Pero López de Ayala, *CDJ*, Año VII.º, 1385, cap. XIII, p. 596.

⁽⁴²⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, respectivamente par. 39 (p. 157) e par. 41 (p. 162).

⁽⁴³⁾. Idem, *ibid*, par. 93, p. 287.

⁽⁴⁴⁾. Idem, *ibid*, par. 93, p. 285.

⁽⁴⁵⁾. Idem, *ibid*, par. 89, p. 277.

acerca do poderio das duas hostes em confronto. Por exemplo, em 1872, no seu estudo minucioso e durante tanto tempo insubstituível acerca da batalha, o general espanhol C. Ximenez de Sandoval estimou os efectivos castelhanos em 32.000 homens no campo de batalha (para além de 12.000 não combatentes); quanto aos portugueses, calculou serem uns 10.000 combatentes (e perto de 3.000 não combatentes)⁽⁴⁶⁾. Perto de oitenta anos mais tarde, Peter Russell – num livro que se tornou clássico e que, felizmente, acaba de ser traduzido para a língua portuguesa – defendeu que o monarca de Castela dificilmente teria conseguido mobilizar mais de 3.500 homens de armas, a que se poderiam acrescentar entre 800 e 1.500 aliados franceses e os séquitos dos magnates portugueses, além de 2.000 ginetes e mais de 10.000 besteiros, lanceiros, lançadores de dardos e outras tropas apeadas (num total de 16.300 a 17.000 homens); quanto a D. João I, não teria consigo menos de 7.000 homens: dois a três mil homens de armas, apoiados por arqueiros ingleses, um número substancial de besteiros portugueses e alguns milhares de peões (RUSSELL, 2000, pp. 419-421). Pela mesma altura (anos cinquenta), Costa Veiga, um dos melhores estudiosos da batalha, considerou, pelo seu lado, ser extremamente provável que o efectivo castelhano no dia da batalha (incluindo os não combatentes) fosse de, pelo menos, 16.000 homens (VEIGA, 1951, p. 27); quanto aos portugueses, admitira já noutro trabalho terem sido perto de 11.000, dos quais um pouco menos de 7.000 seriam efectivamente combatentes (VEIGA, 1930, p. 53). Finalmente, há cerca de uma dúzia de anos apenas, Alcide de Oliveira, num trabalho a vários títulos incontornável, calculou em 42.000 os efectivos castelhanos (dos quais 31.000 combatentes), frente aos quais se terão apresentado 9.000 portugueses (dos quais apenas 6.500 combatentes)⁽⁴⁷⁾.

Temos, portanto, estimativas bastante variadas, circunstância que o teor das citadas fontes narrativas (ou o seu silêncio) acaba por estimular. Em todo o caso, ousaríamos admitir, em jeito de mediação, que D. Juan I traria consigo, a 14 de Agosto de 1385, um número da ordem dos 20.000 combatentes⁽⁴⁸⁾,

(46). Cf. XIMENEZ DE SANDOVAL, 1872, pp. 177-178.

(47). Cf. OLIVEIRA, 1988, p. 58 e p. 63.

(48). Não deve esquecer-se que, à hora a que o exército de D. Juan I formou na esplanada de Chão da Feira, a cauda da coluna castelhana marchava ainda muitos quilómetros para norte de S. Jorge, quiçá na região da Azóia...

enquanto que, do outro lado, o recém-eleito monarca de Portugal contaria com a presença de um pouco menos de 10.000 homens. Não deve, portanto, existir qualquer dúvida quanto à superioridade potencial do exército franco-castelhano, muito embora a proporção estimada por Froissart (quatro contra um) esteja, seguramente, muito longe de ser verdadeira. Ao relatar o diálogo, travado no campo de batalha, entre Nun'Álvares e os emissários castelhanos que o procuraram (Pero López de Ayala, o marechal Diego Fernández e Diogo Álvares Pereira), Fernão Lopes escreve que o nosso Condestável reconheceu perante os seus interlocutores que "vos sooes muytos mays e melhor coregidos"; escreve ainda o cronista que o marechal castelhano terá lembrado a D. Nuno que a vanguarda de D. Juan I, sozinha, era maior do que todo o exército português, com homens de armas, peões e besteiros incluídos, sendo igualmente seguro – na opinião de Diego Fernández – que os estrangeiros que acompanhavam o rei de Castela, boa parte deles veteranos de guerra, chegariam para desbaratar a hoste portuguesa⁽⁴⁹⁾... Palavras de orgulho e de arrogância – decerto ficcionadas pelo cronista português, a partir do relato, puramente político, que dessa mesma entrevista apresenta Ayala⁽⁵⁰⁾ –, mas que enfatizam a ideia de uma clara desigualdade potencial, ao nível dos efectivos disponíveis, entre os dois exércitos litigantes.

E, contudo, a superioridade numérica não decidiu a jornada a favor do marido de D. Beatriz. Isso aconteceu, desde logo, porque – e isto é algo que não podemos deixar de enfatizar – essa vantagem potencial não teve correspondência com aquilo que se passou sobre o campo de batalha. Por razões que cremos ter já deixado claras nas páginas anteriores, apenas uma pequena parte dos combatentes de D. Juan I conseguiu participar na luta. O facto, verdadeiramente nuclear quando se pretende comparar o poderio dos dois exércitos, foi já notado por Costa Veiga, que, depois de apresentar os seus cálculos quanto aos efectivos castelhanos em Aljubarrota, adverte sagazmente que eles se reportam ao conjunto da hoste de D. Juan I, "não da fracção – menos, talvez, de 5.000 homens – que realmente se empenhou em combate corpo a corpo ou de atiradores, em todo o campo de batalha, 'curral' português incluído" (VEIGA, 1951, p. 27)! O estreitamento da frente,

⁽⁴⁹⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XXXIV, pp. 74-75.

⁽⁵⁰⁾. Cf. Pero López de Ayala, *CDJ*, Año VII.º, 1385, cap. XIII, pp. 596-597.

conseguido mediante uma inteligente conjugação dos obstáculos naturais com outros de tipo artificial sabiamente dispostos de forma a afunilar a progressão castelhana e a impedir o envolvimento pelos flancos da posição anglo-portuguesa, distorceu por completo a relação de forças previsível, anulando (se não mesmo invertendo) a clara superioridade castelhana à partida, em termos de efectivos disponíveis para o combate.

Em nosso entender, este é um aspecto nuclear do estudo do combate de S. Jorge, pois só dentro deste enquadramento poderemos perscrutar os contornos específicos da batalha, a natureza do armamento nela predominantemente utilizado, a configuração (montada ou apeada) da investida franco-castelhana, enfim, a particularidade e a contundência dos golpes que liquidariam para sempre as ambições político-territoriais do poderoso monarca de Castela. Antes disso, porém, precisamos ainda de sublinhar outros dois aspectos, porventura de carácter mais 'psicológico', mas que nos parecem também essenciais para compreender o desfecho da refrega.

4.2.2. O arrebatamento dos cavaleiros de D. Juan I

Face ao que já se sabe acerca da 'segunda posição' ocupada pelo exército de Nun'Álvares em S. Jorge e da forma como este 'organizou o terreno', não temos dúvidas de que um dos melhores trunfos utilizados pela hoste anglo-portuguesa foi o 'factor surpresa'. Este factor foi optimizado por um dado de tipo 'comportamental' que não devemos desprezar. Referimo-nos ao 'arrebatamento' evidenciado por uma boa parte dos cavaleiros de D. Juan I, muitos deles jovens mancebos, desejosos de provar as armas. Todas os relatos da batalha o documentam, e nalguns casos de forma bastante exuberante.

Ayala, por exemplo, conta que, após a prudente intervenção no conselho de guerra castelhano de Jean de Rye (camareiro do rei de França e veterano da Guerra dos Cem Anos), "algunos caballeros del rey, que eran omes mancebos, e nunca se vieron en otra batalla, non se tovieran a aquel consejo, diciendo que era cobardía; e teniendo en poco los enemigos, acometiéronles"⁽⁵¹⁾.

⁽⁵¹⁾. Idem, *ibid*, cap. XIV, p. 601.

Fernão Lopes, pelo seu lado, relata demoradamente a intervenção do conde D. João Afonso Telo no mesmo conselho de guerra, colocando na boca do irmão de Leonor Teles palavras de grande galhardia e... arrebatamento: segundo o cronista, o Telo admitiu que os adversários não seriam "ligeiros de tomar como alguns dizem", mas, mesmo assim, pensava que deveriam evitar-se atitudes cobardes; para cobardia, já chegara o ter-se evitado a luta de rosto [na 'primeira posição' portuguesa] e o ter-se reunir-se ali aquele conselho; " (...) mas teel-os ante os olhos que nos aguardam com bailhos e com cantigas, e nom ousar de os hir tomar aas mãos, como estes dizem, jsto me parece estranho escarnho e uergonha de dizer"⁽⁵²⁾.

Quanto a Froissart, tão adepto dos lances cavaleirescos, alude claramente ao arrebatamento dos cavaleiros franceses, ao contar (no seu primeiro relato) os termos em que estes aconselharam D. Juan I a partir para o combate: "Si conseillons, sire roy, puisque nous savons où ilz sont, que nous ordonnons nos batailles et les alons combatre endementres que vos gens sont en chault sang"⁽⁵³⁾. Um pouco mais adiante, o cronista atribui ao cavaleiro gascão Espan du Lion (o seu informador em Orthez) o seguinte comentário ao discurso do marechal da hoste castelhana, Sire Regnault Lymosin, que apelara à honra e à galhardia dos cavaleiros castelhanos: "(...) mais vaillance le fist parler"⁽⁵⁴⁾ ...

Esta ideia de arrebatamento (i.é, de voluntarismo, fácil de compaginar com os códigos da cavalaria medieval) dos homens de armas de D. Juan I que precipitaram o combate não surge, todavia, apenas nas fontes narrativas. Também na carta que escreveu, dias depois da batalha, à cidade de Murcia, o monarca castelhana enfatiza o facto, a que atribui uma importância decisiva no desfecho da jornada. Explica D. Juan I que a maior parte dos cavaleiros que estavam com ele, dos mais experientes, acordaram que não se desse a batalha naquele dia, para poupar a sua gente (que estava fatigada) e para "mirar" melhor a hoste portuguesa. De nada valeu tal conselho: "mas toda

⁽⁵²⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XXXVI, pp. 79-80.

⁽⁵³⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 38, p. 151.

⁽⁵⁴⁾. Idem, *ibid*, pp. 153-154.

la otra nuestra gente, con la voluntad que avian de pelear, fueronse sin nuestro acuerdo allá (...)"⁽⁵⁵⁾.

Afinal, e como comentou um dia Sir Peter Russell (2000, p. 429), a "fatal indisciplina característica dos exércitos trastâmaras" acabaria por precipitar o combate e deitar tudo a perder. Excessivamente empolgados, ignorantes da forma ardilosa como o adversário armadilhara o terreno e, por tudo isso, convictos de uma esmagadora superioridade da sua hoste (em termos de capacidade de choque e de luta), os atacantes desprezaram as vantagens de uma observação cuidadosa do campo de batalha e do inimigo, permitindo a este otimizar o 'factor surpresa' e generalizar o pânico entre o adversário ao cabo de pouco tempo de luta...

4.2.3. O 'desespero' português

Igualmente de tipo psicológico' (ou 'comportamental') é um outro aspecto que gostaríamos de sublinhar, já que nos parece ter tido uma influência decisiva no desfecho do combate.

Referimo-nos à forma desesperada como combateram os homens de D. João I, cientes de que chegara a sua hora e de que apenas superando-se a si mesmos poderiam ter a chance de inclinar a seu favor a roda da Fortuna. O facto não escapou à perspicácia dos cronistas, que inteligentemente o relacionaram com a forma infeliz e contrária aos bons preceitos militares que presidiu ao ataque castelhano.

⁽⁵⁵⁾. Cf. ROSSELL, 1953, *Adiciones...*, já cit., n.º XIV (Año 1385, cap. XX), p. 152. Curiosamente, e como deu a conhecer Salvador-Dias Arnaut, num dos raros passos conhecidos da crónica dos seis primeiros anos do reinado de D. Juan I devida a Juan de Alfaro (que foi contemporâneo da batalha), pode ler-se que Jean de Rye, o Mestre de Alcântara, os Pereiras, o Adiantado-mor e outros grandes da hoste de D. Juan I o aconselharam a não combater, pois as gentes do rei e as mesnadas deles estavam muito cansadas e "seria grand daño si se retrayesen"; além disso, diziam que o monarca português "avia animo tornarse" (i.é, estava já com vontade de abandonar o campo). Todavia – prossegue Alfaro – D. Juan I teve por mingua não fazer aquilo que os cavaleiros mancebos que com ele eram (e muitos outros que estavam na vanguarda) o incitavam a que fizesse; assim, "él rey no gelo cuidando arremetió él caballo e siguieromle todos en aquel fecho" (cf. ARNAUT, 1962, pp. 477-478).

Creemos que a primeira alusão a este aspecto terá partido de Pero López de Ayala. Conta ele que o ataque do Mestre de Alcántara à *carriagem* portuguesa, posicionada na retaguarda, não poderia senão despoletar uma resistência desesperada da peonagem portuguesa: completamente cercados, e sem terem por onde fugir, os peões de D. João I “forzadamente se avían a defender e pelear”, coisa que é “contra buena ordenanza que los antiguos mandaron guardar en las batallas”⁽⁵⁶⁾.

Sagaz, Fernão Lopes integrou explicitamente o comentário no seu próprio relato, ao escrever que a resistência dos homens de pé (munidos de setas e de dardos) ao violento ataque montado à *carriagem* portuguesa tinha por motor a força do desespero, pois “ajnda que fugir quisessem, nom o podiam fazer, e assy forçadamente compria de se defemderem”; mais tarde – remata o cronista – os castelhanos arrependem-se-iam por não lhes terem deixado “portall aberto per hu fugir podessem”⁽⁵⁷⁾...

Existem, entretanto, outras passagens do relato de Fernão Lopes que destacam o mesmo aspecto. Dispostas a tudo, as tropas portuguesas combateram no limite das suas possibilidades físicas, ou mesmo para além delas. Ao relatar a discussão travada no conselho de guerra castelhano, Lopes conta que alguns cavaleiros de D. Juan I secundaram as palavras prudentes de Jean de Rye, enquanto que outros argumentaram que “por cosa do mundo nom deues pelleiar com esta gente, que som huuns poucos de desesperados (...), que nom reçam morte nem prezam vida”⁽⁵⁸⁾. Mais adiante, ao dar conta da fuga de 30 homens de pé da *carriagem* portuguesa, antes de a batalha principiar, o cronista conta como esses infelizes acabaram por ser mortos “como porcos aa calcada” pelos ginetes [cavalaria ligeira] castelhanos, facto que funcionou como uma verdadeira lição para todos os outros auxiliares de D. João I, que logo terão decidido que “ante querjam morrer como homeens que os matarem como aquelles que fugirom”⁽⁵⁹⁾.

⁽⁵⁶⁾. Cf. Pero López de Ayala, *CDJ*, Año VII.º, 1385, cap. XIV, p. 601.

⁽⁵⁷⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLV, p. 105.

⁽⁵⁸⁾. Idem, *ibid.*, cap. XXXV, p. 78.

⁽⁵⁹⁾. Idem, *ibid.*, cap. XLII, p. 96. Neste caso, Fernão Lopes aproveita expressamente o relato da *Crónica do Condestabre* (cap. LI, fl. XXXIXv.º), onde se pode ler, acerca da dita fuga, que “como porcos aa calcada os matarom todos aas lâçadas que nom ficou nenhuū”; resultado: ninguém mais quis fugir (foi exemplo divino) !

Finalmente, o mesmo registo dramático aparece também nos empolgantes textos de Froissart. Explica o cronista de Vallenciennes, no seu primeiro relato, que o ataque da 'batalha real' castelhana (perto de 20.000 homens a cavalo) foi extremamente feroz, suscitando uma grande resistência da hoste portuguesa: "Là ot dure bataille et fiere et maint homme reversé, et ne l'eurent pas les Portingalois d'avantaige, mais les convint vaillament et hardiement combatre, autrement ils eussent eté perdus"⁽⁶⁰⁾. Igualmente expressiva é a 'reconstituição' do relato de D. João I aos seus homens, minutos antes de a refrega começar. De acordo com João Fernandes Pacheco (versão recolhida por Froissart em Middelburg), "tous respondirent: 'Sire roy nous demorrons dalez vous, ne point ne fuirons aussi'"⁽⁶¹⁾.

É indisfarçável o 'colorido' da escrita dos cronistas. Ainda assim, a situação parece clara: sem perspectivas de fuga, restava aos homens que acompanhavam o monarca da *Boa Memória* uma só opção: vencer ou morrer. Tal circunstância não pode ser desprezada, na hora de avaliarmos a intensidade e as incidências do combate.

4.2.4. O ataque franco-castelhano

Um dos aspectos mais controversos da batalha de Aljubarrota tem que ver com a caracterização da forma utilizada pela hoste de D. Juan I para o seu primeiro ataque à posição ocupada pelos portugueses em S. Jorge. Isso acontece, sobretudo, porque as crónicas se dividem demasiado quanto ao carácter montado ou apeado da investida franco-castelhana.

Ayala, por exemplo, é bastante taxativo ao dizer que o Mestre de Alcántara "estaba a las espaldas de los enemigos de caballo, con cierta gente" e "acometió a pelear"⁽⁶²⁾. Parece, pois, que pelo menos uma das alas castelhanas, a chefiada pelo Mestre, atacou montada as linhas recuadas portuguesas (mais concretamente a *carriagem*).

⁽⁶⁰⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 42, p. 163.

⁽⁶¹⁾. Idem, *ibid*, par. 92, p. 284.

⁽⁶²⁾. Cf. Pero López de Ayala, *CDJ*, Año VII.º, 1385, cap. XIV, p. 601.

Fernão Lopes, pelo seu lado, sem negar o ataque dos ginetes castelhanos à *carriagem* portuguesa⁽⁶³⁾, centra a sua narrativa no choque das vanguardas inimigas, introduzindo, a propósito, aquilo que parece poder ser a chave para a resolução deste problema: segundo o cronista, os castelhanos "cortaram as lamças e as fezerom mais curtas do que trariam"; isso é verdade, acrescenta,

"porque muytos, cuidando de pellejar a cauallo, quando virom a batalha pee terra, por se desemuoluer e ajudar melhor dellas as talhauom, que lhe depois mais empeçeo que aproueitou"⁽⁶⁴⁾. O cenário parece, portanto, ser o de um combate entre duas hostes apeadas.

Quanto a Froissart, divide-se literalmente nas duas versões dos seus relatos. No primeiro, o recolhido na corte de Gastão Febo, em Orthéz, pode ler-se que na 'primeira batalha' de D. Juan I, toda ela composta por tropas auxiliares francesas, "avoit bien largement deux mille lances, aussi frisques gens, aussi bien armez, et aussi bien montez que on porroit veoir ne souhaidier"⁽⁶⁵⁾. Do outro lado surge D. João I, "monté sur un grant coursier" e encorajando os seus homens o mais que pode⁽⁶⁶⁾. Segundo o cronista, a vanguarda francesa (a cavalo) depressa foi desbaratada pelos seus adversários, e a má notícia não demorou a chegar até ao rei de Castela. Este terá decidido avançar imediatamente: Froissart introduz então em cena a "grosse bataille du roy", na qual "avoit XX.^M chevalx qui approchoient fort"⁽⁶⁷⁾. Já a versão recolhida em Middelburg e atribuída a João Fernandes Pacheco (cf. ARNAUT, 1947 b, *passim*) é totalmente distinta. Aqui, o cronista mantém que o ataque foi encabeçado pelos franceses, mal sintonizados e até desavindos, com os seus páres castelhanos. Mas, conta o Pacheco: "lors

(63). Fernão Lopes explica mesmo que os peões da *carriagem* portuguesa se defenderam bravamente, lançando setas e dardos, "de guissa que os de cauallo nom lhe podiam empeçer, antes reçeibiam delles dano (...)" (CDJ, II, cap. XLV, p. 105).

(64). Cf. Fernão Lopes, CDJ, II, cap. XLII, p. 98.

(65). Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 39, p. 157.

(66). Idem, *ibid.*, pp. 158-159.

(67). Idem, *ibid.*, par. 41, p. 162.

vinrent nos ennemis aussi serrez que nulle chose pouvoit estre par devant nous, et mirent tous pié à terre, et chacierent chevaulx en voie (...)"⁽⁶⁸⁾. Só muito mais tarde chegaria a batalha real de D. Juan I, com 30.000 homens bem montados: era já noite e ignoravam o desastre dos franceses; começaram por "faire leur monstre sur leurs chevaulx par devant nous et firent plus de V.C, par appertises d'armes, saillir leurs chevaulx oultre le fossé"⁽⁶⁹⁾. Segundo a versão de Middelburg o assalto inicial acabou, portanto, por ser executado a pé (sempre pelo corpo auxiliar francês), só mais tarde vindo a ser secundado por uma (igualmente inútil) carga montada, pessoalmente chefiada por D. Juan I.

Perante a diversidade destes relatos, as opiniões dos estudiosos da batalha têm-se dividido muito. Uma das mais interessantes polémicas sobre Aljubarrota teve justamente como tema o carácter montado ou apeado da investida franco-castelhana, tendo sido seus protagonistas José Maria Cordeiro de SOUSA (1961 e 1963) e Gastão de Mello de MATTOS (1959 e 1962). Não cabe aqui, evidentemente, recordar os termos precisos desta polémica, que resultou sobretudo de uma diferente interpretação das informações veiculadas pelas fontes narrativas (designadamente por Fernão Lopes e por Froissart), por um lado, e de uma forma distinta de pensar os modelos tácticos dominantes na guerra praticada no Ocidente europeu nos finais de Trezentos, por outro. Ambos os polemistas apresentaram bons argumentos e revelaram um conhecimento aprofundado da matéria sobre a qual discutiram, razão porque se não pode sequer asseverar que o assunto tenha ficado completamente esclarecido. Pela nossa parte, limitar-nos-emos aqui a uma tentativa de clarificação do problema, que remataremos com uma proposta de interpretação conciliadora (e que se nos afigura bem fundamentada) acerca do assunto em apreço.

Não nos parece possível negar que tropas franco-castelhanas houve que combateram a cavalo na batalha de Aljubarrota (ao contrário do que aconteceu com os seus adversários anglo-portugueses, sobre os quais nenhuma dúvida deve existir de que se apresentaram apeados). Ambos os relatos de Froissart (conquanto divergentes entre si) apontam nesse sentido,

⁽⁶⁸⁾. Idem, *ibid*, par. 93, p. 286.

⁽⁶⁹⁾. Idem, *ibid*, p. 287.

e o próprios Ayala e Fernão Lopes o confirmam⁽⁷⁰⁾, quanto mais não seja ao descreverem o assalto do Mestre de Alcântara à *carriagem* portuguesa, posicionada na retaguarda. De resto, a ideia de 'arreatamento' dos cavaleiros franco-castelhanos que há pouco comentámos parece apontar também nesse sentido. Além disso, durante as escavações de Afonso do Paço no campo de S. Jorge, foram encontrados, no chamado 'grande fosso', alguns (poucos) maxilares de cavalo, provavelmente relacionáveis com a batalha⁽⁷¹⁾. Acresce a isto que, em 1385, a solução táctica que preconizava o combate dos homens de armas totalmente desmontados (ou quase) estava longe de se ter afirmado no Ocidente europeu, à excepção das Ilhas Britânicas, onde a experiência das guerras no País de Gales e na Escócia tinha convencido os chefes militares ingleses das virtualidades desse modelo, baseado no qual acabaram por decidir as primeiras grandes jornadas da Guerra dos Cem Anos. Por outro lado, em Nájera, em 1367, a segunda linha franco-castelhana ao serviço de Enrique de Trastâmara apresentou-se montada, formando um centro (onde seguia o próprio pretendente ao trono) e duas alas, num total de cerca de 3.500 cavaleiros, cuja função era secundar o ataque de uma vanguarda apeada de perto de 1.000 homens de armas chefiados pelo lendário condestável francês Bertrand Du Guesclin. Em Roosebeeke [hoje Roosbeek], no ano de 1382 (ou seja, três anos antes de Aljubarrota), as tropas francesas esmagaram os robustos piqueiros de Gand muito à custa de corpos montados posicionados nas alas, bem articulados com uma massa central de homens de armas apeados. E em Atoleiros, escassos dezasseis meses antes da ordália de S. Jorge e já no contexto da Crise de 1383-85, os castelhanos acabaram por atacar a cavalo a formação comandada por Nun'Álvares. Afigura-se-nos, pois, indesmentível que, em Aljubarrota, o combate não se travou exclusivamente a pé, conclusão em que parecem, aliás, convergir todos os autores, mesmo aqueles que – como Gastão de Mello de Mattos – valorizam essencialmente a componente apeada do prélio.

⁽⁷⁰⁾. Já para não falar em Juan de Alfaro, em cuja crónica sobre os seis primeiros anos do reinado de D. Juan I se pode ler, recordamos, que "el rey non gelo cuidando arremetió el caballo e siguiéronle todos en aquel fecho" (ARNAUT, 1962, pp. 477-478).

⁽⁷¹⁾. Cf. PAÇO, 1959, p. 43. Este espólio osteológico animal continua por estudar, não nos sendo por isso possível confirmar aqui a respectiva datação, ou proceder a qualquer interpretação das suas características morfológicas.

Por outro lado, são numerosos e fortíssimos os elementos que apontam no sentido de uma boa parte do combate ter sido cumprida no chão, sem o apoio dos cavalos (geralmente precioso, graças ao seu poder de choque). Por exemplo, as pormenorizadas instruções que, segundo Fernão Lopes, Nun'Álvares transmitiu aos seus homens sobre a forma como estes deveriam receber o embate adversário são pouco menos do que incompreensíveis se acaso imaginarmos franceses e castelhanos investindo a cavalo. Conta o cronista que o Condestável mandou os seus homens andar "muyto passo" quando os inimigos se movessem, e depois, "ao juntar" (ou seja, só na altura do choque), ficar quedos e com os pés bem firmes, mantendo as lanças "dereitas" e apertadas "so o braço" [i.é, debaixo das axilas], tão "perlongadas" quanto o possível⁽⁷²⁾. Ora, como muitos autores têm observado (p. ex: VEIGA, 1959, p. 11), nenhum exército tardo-medieval composto por infantaria recebia em movimento (ainda que lento) o embate da cavalaria adversária. Pelo contrário – e nessa arte os ingleses eram especialmente sabedores – os homens de armas apeados mantinham-se quietos nos seus lugares, ficando os contos das suas lanças no chão e apontando-as em diagonal aos peitos das montadas inimigas (BESSA, 1988, p. 57). Mas há mais. Explica também Fernão Lopes que a técnica de combate recomendada pelo Condestável preconizava ainda que, à chegada dos inimigos, os homens da vanguarda portuguesa pusessem as lanças neles, "de guysa que prendessem, e entom botassem quanto podessem"; e os que estivessem mais atrás, não podendo chegar-lhes com as lanças, "que botassem os outros ante sy"⁽⁷³⁾. Como é óbvio, esta ideia do choque das vanguardas, cada qual tentando levar de empurrão o adversário nas pontas das suas lanças (presas que ficavam nos relevos das respectivas armaduras) só se justifica, como bem observou Gastão de Mello de Mattos, "para a luta entre duas linhas de homens armados e apeados"⁽⁷⁴⁾. Acresce a isto que o largo relato que algumas das fontes narrativas (pensamos sobretudo em

(72). Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLIII, p. 94.

(73). Idem, *ibid*, cap. XLIII, p. 94.

(74). Cf. MATTOS, 1962, p. 15. O Autor recorda, a propósito, o caso da batalha de Chizé (1373), onde "franceses e ingleses estão apeados e avançam uns contra outros armados de lanças; quando os segundos se convencem de que não podem repelir os inimigos por simples pressão frontal, largam as lanças e empunham machados, espadas e maças, mas são sustidos

Fernão Lopes) dedicam às fases posteriores do combate pressupõe também, e em absoluto, um combate entre tropas apeadas. Por exemplo, quando se imagina um D. João I de facha na mão, enfrentando bravamente um poderoso adversário castelhano armado da mesma maneira, que inclusivamente obrigou o monarca português a ir uma vez ao chão⁽⁷⁵⁾, ou quando se descreve o armamento utilizado no combate por ambos os contendores (fachas, espadas, machados, etc., assunto a que voltaremos mais adiante), é claro que estamos perante um cenário de combate apeado. De resto, este cenário parece-nos o único possível de se compaginar com um terreno organizado da forma que descrevemos no ponto anterior: como escreveu Alcide de OLIVEIRA (1988, p. 83), "a zona de acção, já de si estreita para formações apeadas, tornar-se-ia incomportável para o mesmo número de combatentes a cavalo (...)". O comentário é oportuniíssimo e convidamos a recordar os termos da carta escrita pelo infeliz D. Juan I à cidade de Murcia, escassos quinze dias após o desastre de S. Jorge: queixa-se o rei de Castela, amargamente, de "tres cosas" que os seus homens "fallaron", assim que se viram "frente á frente" com os seus adversários: um "monte cortado que les daba *fasta la cinta*"; uma "caba tan alta como un ome *fasta la garganta*"; e uma "frente (...) cercada por los arroyos que la tenían al rededor"⁽⁷⁶⁾. Repare agora o leitor como a medida dos dois primeiros obstáculos referidos é, precisamente, um homem de armas ... apeado !

Nestes termos, parece-nos possível concluir que a investida franco-castelhana sobre a 'segunda posição portuguesa' teve uma configuração mista: a cavalo e a pé. Foi, no entanto, sob esta última forma que decorreu a fase nuclear do combate. Tendo em conta aquilo que escrevemos mais atrás acerca da organização do terreno (no sentido do estreitamento da frente e da definição de uma espécie de 'entrada em funil' num verdadeiro

pelas lanças dos franceses, que obtêm a vitória". Do facto deduz também o autor que as lanças compridas não eram impróprias para o combate regular a pé, motivo por que conheceram até tempos de grande fulgor, na transição da Idade Média para a Época Moderna, especialmente nas mãos de suíços, de lansquenetes alemães e, mais tarde, dos célebres terços espanhóis.

⁽⁷⁵⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLII, p. 99 (onde se recupera parcialmente o relato da *Crónica do Condestabre*, cap. LI, fl. XXXIXv.º).

⁽⁷⁶⁾. Cf. ROSSELL, 1953, *Adiciones...*, já cit., n.º XIV (Año 1385, cap. XX), p. 152 (sublinhado nosso).

'corredor da morte'), bem como aquilo que as fontes narrativas nos dizem sobre o arrebatamento dos jovens cavaleiros de D. Juan I, cremos poder sugerir o seguinte:

1.º - a impetuosa vanguarda do rei de Castela (na sua maior parte constituída por tropas auxiliares francesas, como claramente assegura Froissart) inicia o ataque, provavelmente a cavalo, sendo rechaçada nas obras de fortificação antecipadamente preparadas pela hoste de D. João I, obras essas que constituíram uma surpresa absoluta para os seus arrogantes adversários. Para prosseguir o combate, os franceses são obrigados a desmontar (aqueles que o conseguem fazer) na frente do inimigo e, por isso, em posição absolutamente crítica⁽⁷⁷⁾;

2.º - ao saber do desbarato da sua linha da frente, a 'batalha real' de D. Juan I decide avançar (com ou sem a presença do seu adoentado monarca), provavelmente também a cavalo. Ao aproximarem-se da posição portuguesa, apercebem-se de que – contrariamente ao que supunham – o combate está a ser travado a pé (ou tem de ser travado a pé, dadas as características do sistema de entrincheiramento defensivo gizado pela hoste anglo-portuguesa). Por isso, os cavaleiros castelhanos desmontam cedo (OLIVEIRA, 1988, p. 83) e percorrem a pé o que lhes falta (escassas centenas de metros) até alcançarem os adversários. Ao mesmo tempo, cortam as suas compridas lanças, para melhor se movimentarem no corpo-a-corpo que se avizinha;

3.º - entretanto, os homens de armas de D. Juan I vão sendo crivados de flechas e de virotões lançados pelos atiradores ingleses e portugueses, o que, juntamente com o progressivo estreitamento da frente de batalha (devido aos abatizes, às covas e aos fossos) os entorpece, embaraça e torna "ficação" (no saboroso dizer de Fernão Lopes) e os aglutina de maneira informe na parte central do planalto; tais foram, porventura, os minutos mais decisivos da jornada (HOWORTH, 1960, pp. 72-73);

⁽⁷⁷⁾. É Froissart quem o diz, no seu primeiro relato (precisamente o recolhido junto do cavaleiro gascão Espan du Lion): rechaçados nos obstáculos inimigos, os franceses "se combatóient, ceulx qui de leurs chevaulx descendus estoient et qui tant de loisir pour descendre pot avoir" (par. 39, p. 159) !

4.º - quanto às alas castelhanas, essas permanecem montadas, destinadas que estavam – como era tradicional na época – a ensaiar um envolvimento montado da posição anglo-portuguesa, coisa que apenas a ala direita (chefiada pelo Mestre de Alcântara) terá conseguido, e mesmo assim numa fase já tardia do prélio;

5.º - no que diz respeito aos homens de armas de D. João I, esses mantêm-se sempre apeados, os peões sendo assim assaz moralizados pelos cavaleiros mais cotados, uns e outros prontos para receber, quer um ataque a cavalo, quer a investida a pé que se lhe seguiu e que, por ter constituído a parte nevrálgica da luta, Fernão Lopes tanto valoriza no seu relato (ARNAUT, 1962, p. 479).

Têm portanto, alguma razão, quer Cordeiro de Sousa, quer Gastão de Mello de Mattos. O primeiro, quando se recusa a ignorar a componente montada do assalto franco-castelhano, fundamentado sobretudo nos relatos de Froissart, no episódio do corte das compridas lanças castelhanas narrado por Fernão Lopes, no voluntarismo dos homens de armas de D. Juan I (combinado com o 'efeito surpresa' dos obstáculos preparados pela hoste de Nun'Álvares) e na experiência recente do combate da herdade dos Atoleiros (cf. SOUSA, 1961 e 1963, *passim*). O segundo, quando percebe que o enfoque principal da refrega deve ser dirigido sobre uma fase mais tardia da luta (justamente a mais largamente desenvolvida por Fernão Lopes), onde tudo fica impossível de entender se teimarmos em imaginar uma hoste franco-castelhana combatendo a cavalo até à debandada final (cf. MATTOS, 1962, *passim*). Tem, sobretudo, razão Salvador Dias Arnaut, o Autor que mais lucidamente percebeu que as duas interpretações não são incompatíveis, correspondendo antes a dois momentos distintos da jornada: o ataque a cavalo, "de pouco vulto, sendo contido no palanque" e acabando por motivar apenas, contrariamente aos desígnios originais dos seus protagonistas, "como que uma escaramuça inicial" (ou talvez um pouco mais, acrescentamos nós); e o assalto a pé (tornado obrigatório, em consequência da organização do terreno pelo exército anglo-português) dominando e decidindo depois, em definitivo, a mais luminosa tarde da história portuguesa dos finais da Idade Média (cf. ARNAUT, 1962, pp. 479-481).

4.2.5. A chacina

As considerações que acabámos de fazer abrem-nos campo a uma reflexão mais demorada acerca das incidências específicas do combate, nomeadamente quanto à sua extrema intensidade e violência. Que não haveria lugar a clemências, já o episódio do massacre dos 30 fugitivos da *carriagem* portuguesa (mortos "como porcos aa calcada" pelos ginetes castelhanos) deixara claramente entender. De resto, já explicámos como a própria existência da batalha decorria claramente de uma predisposição da hoste portuguesa para o 'tudo por tudo', onde a única escolha possível era entre ... vencer ou morrer.

A tarde chegava já ao seu termo quando a hoste franco-castelhana decidiu finalmente atacar. Centremo-nos na fase decisiva da refrega, aquela de que nos dá conta Fernão Lopes e que foi decerto protagonizada – do lado dos invasores – pela 'batalha real' de D. Juan I (provavelmente na sequência de uma mal sucedida investida dos seus auxiliares franceses).

O avanço dos assaltantes depressa foi retardado pelo aparecimento dos primeiros obstáculos artificiais, com destaque para uma extensa vala frontal, de que já demos notícia. Quebrado o ímpeto, rapidamente obrigados a desmontar, os homens de armas de D. Juan I entram então na zona de tiro dos arqueiros e besteiros anglo-portugueses. Embaraçados pela sucessão dos obstáculos (fossos, covas-de-lobo), convidados (graças aos abatisses) a aglomerar-se no veio central do planalto, os assaltantes tornam-se num alvo espesso, magnífico:

Fernão Lopes, insistimos, escreve que os homens de D. Juan I "começaram de sse fazer ficadiços huuns tras outros, assy das aazes come das allas, de guysa que a ssua auanguardia, que era muyto mais comprida e as allas tam grandes que bem podiam abraçar a batalha dos portugueeses, ficou tam curta daquela guysa que a de Portugal tijinha ja auantagem della, e ficou grossa e ancha em espessura de gemte que auya huum lanço de pedra dos trasseyros aos dianteros; e esto foy especialmente em dereito da estrada per hu costumauom de camjnhar, em tanto que a auanguardia e a rreguarda se fez acerca todo huum"⁽⁷⁸⁾.

⁽⁷⁸⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLII, p. 97.

Como observou Alcide de OLIVEIRA (1988, p. 90), nos poucos minutos que mediaram entre a entrada dos castelhanos na zona de 'tiro útil' e a ruptura da frente portuguesa, os invasores sofreram largas centenas de baixas, entre mortos e feridos graves, sobretudo ao nível dos elementos da periferia⁽⁷⁹⁾.

Ainda assim, pelo menos uma parte da já disforme vanguarda castelhana chegou ao contacto com a linha avançada de Nun'Álvares ainda com algum poder de choque. O suficiente para a obrigar a ceder:

Fernão Lopes descreve desta forma o choque das vanguardas inimigas: "E ao ajumtar das aazes, poseram as lamças huuns nos outros, ferimdo e puxamdo quanto podiam, e os peoões e beesteiros lamçando em tanto muytas pedras e viratoões dhuuma parte a outra"⁽⁸⁰⁾. Mais fortes, os assaltantes conseguem forçar a passagem, rompendo a linha da frente portuguesa: "foy rota per força a ssua aauamguarda, e emtrada poderosamente dos emmijos", abrindo-se, em consequência, "hum gramde e largo portall (...)"; por onde penetrou de roldão a desfigurada cunha castelhana⁽⁸¹⁾.

Imaginamos o estrepitar das armas no fragor de uma luta sem quartel, onde já as ordens dos comandos se não faziam decerto ouvir, mas apenas mandava a vontade dos homens de armas em abater os seus opositores mais próximos:

De acordo com o cronista, o primeiro lugar onde começaram a pelejar foi junto à bandeira de Nun'Álvares Pereira, "homde ora estaa huuma pequena igreja de Sam Jorge"; ali "se açendeo huuma forte e crua batalha, ferida de golpes quaaes os homeens tem em costume de dar (...)"; assim, "(...) dhuuma e doutra [parte] eram dados taes

⁽⁷⁹⁾. Subliçhe-se, contudo, que acertar no alvo não era exactamente o mesmo que derrubar, ou liquidar, o alvejado, em grande parte protegido por um equipamento defensivo robusto; em todo o caso, a verdade é que – insistimos – o ímpeto atáccante fora quebrado (HOWORTH, 1960, pp. 72-73).

⁽⁸⁰⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLII, p. 97.

⁽⁸¹⁾. *Idem*, *ibid*, p. 98.

e tamanhos golpes (...)” que o cronista os não pode reconstituir, pois os bravos combatentes “lidauom com toda sua força”⁽⁸²⁾. A peleja assumia, pois, uma dureza extrema, e “o soom dos golpes era ouuido muy gramde spaço daredor”. Segundo parece, o principal esforço da luta recaiu sobre a ala esquerda portuguesa, que os castelhanos “cuidarom desbaratar primeiro de todo”, e ali “foy avudo dobrado affam em pellejamdo”⁽⁸³⁾.

Inconclusivo, o combate à lança cedo dera o seu lugar à peleja com armas mais curtas e mais adaptadas à *mélée* que se gerara, e que a chegada da retaguarda portuguesa, em socorro da sua linha da frente, reforçava: “E tanto que [el-rei] chegou hu era aquell duro e aspero trabalho, leixadas as lanças de que se pouco seruiram por aazo da mestura de gemte, começou de ferir de facha (...)”⁽⁸⁴⁾.

Por esta altura, a hoste anglo-portuguesa deve ter consumado a manobra nuclear que lhe garantiria a vitória. Rodando sobre si próprias, as duas alas (incluindo os respectivos atiradores) – libertas de oposição directa graças ao resvalar das alas adversárias para fora da zona útil do campo de batalha – recompuseram a linha da frente, asfixiando os adversários numa espécie de ‘bolsa’. De acordo com os cálculos, meramente indicativos, de Alcide de Oliveira, “mais ou menos 1.500 invasores extenuados tinham à sua volta, a norte, 500 homens de armas, a escolta do rei e 250 peões, intactos; 400 lanças relativamente frescas, a sul; 1.200 peões, besteiros e lanças, a este e oeste” (OLIVEIRA, 1988, p. 91).

Não há, no entanto, narrativa que ilumine tão bem esta fase crucial da batalha – em que os homens de armas de D. Juan I são ‘encerrados’ e

⁽⁸²⁾. Idem, *ibid.*

⁽⁸³⁾. Idem, *ibid.* A observação do cronista faz algum sentido. Como explicou Alcide de Oliveira, “a dinâmica do combate com arma branca, que deslocava o esforço da luta sobre a direita [dos atacantes], aconselhava o emprego das tropas de choque mais coesas e determinadas na esquerda dos dispositivos defensivos” (OLIVEIRA, 1988, p. 72). Resta saber é se a ala esquerda anglo-portuguesa era a famosa ‘Ala dos Namorados’ (como defende a maioria dos autores), ou se, pelo contrário, essa foi a az onde alinharam os preciosos auxiliares ingleses e gascões de D. João I, tal como defende Peter RUSSELL (2000, p. 432), também com bons argumentos.

⁽⁸⁴⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLII, p. 99.

massacrados pelo efeito conjugado do movimento das tropas portuguesas e da disposição dos obstáculos artificiais semeados pelo campo de batalha – quanto a narrativa de Froissart. E como ela tem sido pouco utilizada para a reconstituição deste combate!

Como sabemos, a estrutura da narrativa de Froissart pressupõe dois tempos de ataque, o primeiro protagonizado pelas tropas francesas, o segundo pela 'batalha real' castelhana. Não nos importa agora a verossimilhança desta sequência. O importante é verificarmos como o cronista conjuga os diversos planos da acção: intervenção dos atiradores, obstáculos naturais (linha de água) e artificiais (fosso, palanque ou "fort"), recurso a armamento adequado ao corpo-a-corpo (fachas, machados), compressão do adversário, obrigado a afunilar o ataque e sem espaço para se movimentar à vontade, compressão, inclemência, numa palavra, *chacina*. Sigamos os seus dois relatos:

Na versão recolhida em Orthez, o cronista de Vallenciennes começa por acentuar o carácter impetuoso ("dur recontre") do primeiro ataque da vanguarda de D. Juan I (alegradamente composta por 2.000 lanças de franceses, bem armados e montados). O assalto decorre no terreno fortificado pela arte dos ingleses, cujos arqueiros apertam e castigam os cavaleiros franceses:

"(...) ot grant presse et grant meschief pour les assailans, car ce que il y avoit d'archiers d'Engleterre traioient si onniement que chevaulx estoient tous encousous et meshaigniez, et cheoient l'un sus l'autre"⁽⁸⁵⁾.

Segue-se uma contra-ofensiva dos homens de armas de D. João I, os quais "tenoient en leurs poins ces lances enfillées de fers de Bordiaux trenchans et passans tout oultre, qui abatoient et bleçoient enlançant et encousant chevaliers et gens d'armes, et mettoient tout à mercy"⁽⁸⁶⁾.

Em consequência, registam-se grandes baixas entre a primeira batalha de D. Juan I. Os cavalos dos que conseguem penetrar "en ce fort" vão-se literalmente abaixo:

⁽⁸⁵⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 39, p. 157.

⁽⁸⁶⁾. Idem, *ibid.*

"leurs chevaulx, qui navrez estoient du trait des archiers, fondoient et cheoient dessoubz eulx"; a vanguardia franco-castelhana vê-se então apertada e em grande perigo, "car au relever ilz ne povoient aidier l'un l'autre, et si ne se povoient eslargir pour eulx deffendre ne combatre à leur volonté"⁽⁸⁷⁾!

O carácter corpo-a-corpo da luta obrigara, entretanto, ao abandono das compridas lanças, rapidamente substituídas por armas de mão:

"Et sachiez que pluseurs chevaliers et escuiers y fisrent grant foison d'armes de l'une partie et de l'autre, car quant les lances leur faillirent, ilz s'adrecerent à leurs haches et lá, sus cez bacinez, grans horions en donnoient, don't ilz se meshaignoient et occioient"⁽⁸⁸⁾.

Neste momento, é já definitiva a impossibilidade da linha avançada de D. Juan I em suportar o combate, comprimida que estava pelo dispositivo português, que lhe não dava sequer espaço suficiente para se movimentar. A chacina principiou:

"Là furent sur la premiere bataille les Portingalois plus fors que leurs ennemis, et les misrent à mercy et furent tous mors ou pris. Petit s'en sauverent, (...) furent bien prisonniers mille chevaliers et escuiers (...)"⁽⁸⁹⁾.

É nesta altura que – na primeira versão de Froissart – se aproxima do palco da ordália a batalha pessoalmente comandada pelo rei de Castela (onde seguem c. 20.000 cavaleiros). Alertado, o conselho de guerra anglo-português realiza então uma reunião de urgência, onde se toma uma decisão fatídica:

"(...) il fu commendé et dit, sur la paine que de estre là mort sans mercy, que quiconques avoit prisonnier, tantost il l'oceist com vaillant, com puissant, com noble, com gentil ne com riche qu'il fust"⁽⁹⁰⁾.

⁽⁸⁷⁾. Idem, *ibid.*

⁽⁸⁸⁾. Idem, *ibid.*, p. 159.

⁽⁸⁹⁾. Idem, *ibid.*, par. 40, p. 160.

⁽⁹⁰⁾. Idem, *ibid.*, par. 41, p. 162.

De nada valeram as preces; os prisioneiros estavam dispersos pelo campo português, desarmados e cuidando estar a salvo; mas, afinal, não era bem assim: "chascun occioit le sien et qui occhir ne le voloit o li occhoit entre ses mains".

A justificação para o macabro episódio não podia ser mais simples: diziam os portugueses e os ingleses que "il vault mieulx occhirre que estre occhis"⁽⁹¹⁾,...

Dá-se então o assalto da 'batalha real' castelhana à posição portuguesa. O combate é feroz e a resistência portuguesa denodada:

"Là ot dure bataille et fiere et maint homme reversé, et ne l'eurent pas les Portingalois d'avantaige, mais les convint vaillament et hardiement combatre, autrement ils eussent été perdus. Et ce qui les sauvoit et garisoit le plus estoit ce que on ne les pouvoit approachier, fors que par ung pas"⁽⁹²⁾!

A observação do cronista não pode passar-nos despercebida. Está aqui um das chaves para a compreensão da grande vitória anglo-portuguesa. O estreitamento da frente de batalha, o afunilamento provocado pelo único corredor que conduzia ao contacto entre os homens de armas rivais, colocou as tropas castelhanas à mercê dos inimigos. Foi a *débaçle* do exército de D. Juan I:

"(...) car tous ceulx que entrerent ens ou fort des Luscebonnois par vaillance et pour fait d'armes furent tous mors, ne on ne prenoit homme à rançon con hault ne noble que il fust"⁽⁹³⁾.

⁽⁹¹⁾. Idem, *ibid.* O triste episódio não é inédito na guerra medieval (v. p. ex., Azincourt, 1415), ainda que fosse mais frequente poupar os prisioneiros, sobretudo os de maior nomeada, para tentar depois obter, através dos respectivos resgates, um rendimento tão chorudo quanto o possível. Sobre o assunto, vejam-se: SARAIVA, 1985, *passim* (onde se admite a veracidade da chacina dos prisioneiros franceses e se lembra que Froissart apresenta mesmo uma lista nominal dos executados); e BESSA, 1988, p. 66 (onde se explica que se tratava de uma questão de sobrevivência para os portugueses: ou matavam os prisioneiros que já haviam capturado, ou corriam o risco de, pouco depois, morrerem às suas mãos...).

⁽⁹²⁾. Idem, *ibid.*, par. 42, p. 163

⁽⁹³⁾. Idem, *ibid.*, p. 164.

Conforme já aqui várias vezes sublinhámos, a segunda versão da batalha de Aljubarrota apresentada por Froissart (que a terá recolhido em Middelburg, em finais de 1389, da boca do fidalgo beirão João Fernandes Pacheco, que participou no combate ao lado de D. João I: cf. ARNAUT, 1947b, *passim*) apresenta diferenças importantes, relativamente ao relato construído em Orthez. Por exemplo, nesta segunda versão, o ataque da vanguarda franco-castelhana, maioritariamente composta por tropas auxiliares francesas, é feito a pé. Independentemente disso, as linhas de força da narrativa, no que à 'chacina' da hoste de D. Juan I diz respeito, são plenamente confirmadas.

Começa o cronista por explicar que o ataque apeado dos franceses foi dificultado pelo "petit fossé" (a vala transversal) rasgada no campo de batalha:

"(...) ce nous fist ung petit d'avantaige, car au passer nos gens qui estoient en deux helles et qui lançoient de dardes affillés, don't ilz en meshaignierent pluseurs, leur donnoient grant empeschement. Et là ot d'eulz au passer ce tantet d'aigue et le fossé moult grant presse et des pluseurs moult foulez"⁽⁹⁴⁾.

Começam aqui os problemas para os atacantes. O amalgamento, a compressão, vêm logo depois, assim que os franceses alcançam (já tarde) os seus adversários, esperando que a 'batalha real' castelhana depressa secunde o assalto:

Sucede, porém, que "ilz furent avant tous mors et desconfis, que le roy de Castille ne ses gens venissent, et vous diray par quelle incidense. Ilz furent enclos et enserrez entre nous de ceulx que nous appellons les communautez de nostre pays, par telle maniere que on frapoit et fieroit sur eulx de haches et de plommées sans eulx espargnier. Et nos gens d'armes, qui estoient frestz et nouveiaux, leur vinrent au devant en poussant de lances et en eulx reculant et reversant ou fossé que ilz avoient passé"⁽⁹⁵⁾.

⁽⁹⁴⁾. Idem, *ibid.*, par. 93, p. 286.

⁽⁹⁵⁾. Idem, *ibid.*

A imagem do inimigo sendo desarticulado, comprimido, pisado e empurrado para os obstáculos abertos no terreno, ao mesmo tempo que ia sendo chacinado pelos golpes das achas-de-armas dos peões, não podia ser mais clara⁽⁹⁶⁾.

Surge, finalmente, a 'batalha real' castelhana, com 30.000 homens bem montados. Era já noite e ignoravam o desastre dos franceses.

Segundo o cronista, os homens de armas de D. Juan I começaram por "faire leur monstre sur leurs chevaux par devant nous et firent plus de V.^C, par appertises d'armes, saillir leurs chevaux oultre le fossé".

Ora, "tous ceulx qui y passerent, oncques pié n'en repassa; et furent là occis des Catheloins tout ou en partie les plus notables, (...) et grant plenté de barons et chevaliers de Portingal (...)".

Apercebendo-se do desbarato castelhano, os portugueses "passerent tout oultre le fossé et le tantet d'aigue que là avoit, car en plus de XL. lieux elle estoit esclusee des mors qui y estoient jonchiez et couchiez, et demanderent leurs chevaux et monterent, et puis se mirent en chace"⁽⁹⁷⁾.

O fosso juncado de cadáveres sobrepostos, a linha de água represada em mais de 40 lugares pelos corpos tombados dos infelizes homens de armas castelhanos, a imagem do desastre dos invasores, tudo isto se compagina lindamente com a versão recolhida na corte de Gastão Febo. Foi, de facto, a chacina: em menos de meia-hora, "ce fu tout accompli et tous

⁽⁹⁶⁾. Bastante impressivo é também, a este respeito, o relato da *Crónica do Condestabre*. Ao sublinhar a dureza do combate travado na vanguarda, e depois de explicar que se abandonaram as lanças para se passar à luta com as fochas, o anónimo cronista escreve: "e logo elrey com areguarda cõ grãde aguça se ajũtou a auẽguarda feryndo de focha tantos e taes golpes que eram asperos de atender aaquelles que os soffriam. (...) E forõ logo hy mortos huã gram cama de castellãos e asy bastos como som os feixes no rrestolho do boõ trigo e bem basto; especialmente morrerõ logo todos a mayor parte chamorros que entõ chamaũ aos maõos portugueses" (cap. LI, fl. XXXIXv.º).

⁽⁹⁷⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 93, p. 287.

mors sus les champs de droite gens d'armes plus de IIII M., ne nul n'estoit pris ne oy à raençon"⁽⁹⁸⁾. Os outros cronistas confirmam as contas de Froissart: "e duró la porfía de la batalla, antes que pareciese quáles perdían o ganaban, media hora asaz pequena", escreve Pero López de Ayala⁽⁹⁹⁾; "non durou a batalha espaço de mea hora ataa mostrar-se de todo seer perdida", repete Fernão Lopes⁽¹⁰⁰⁾.

A rapidez com que se resolveu o combate teve, decerto, muito que ver com o pânico que rapidamente se apoderou das forças castelhanas, já de si fatigadas pelas marchas dos últimos dias e debilmente comandadas por um monarca em estado febril, transportado de liteira há cerca de duas semanas. Explica Fernão Lopes que, depois da fuga de D. Juan I, foi o 'salve-se quem puder' entre os seus homens⁽¹⁰¹⁾. Os mal encavalgados e os mais cansados não podiam, porém, escapar tão toste quanto desejavam. Com medo, saíam das estradas e metiam-se "per esses matos". Não sabendo o caminho, andavam de um lado para o outro. O massacre podia, portanto, prosseguir:

"E a gemte da terra, que em outro dia acudio muyta, faziam em elles gramde matamça; e se alguuns se queriam defemder, sobrevinham outros de trauees, e acabauom de matar os que aquellos começados tinham"; assim, perseguindo-os e "atendendo em çertos passos, tanta mortimidade faziam em elles os do termo dAlcobaça e dos logares daredor, speçialmente nos que a pee fugiam, como os que moreram na batalha"⁽¹⁰²⁾.

Entre a hoste anglo-portuguesa, a tentação de desencadear uma cerrada perseguição aos adversários em fuga há-de ter sido grande. D. João I, porém, não permitiu que ela ultrapassasse os arredores do campo de batalha. A prudência assim o exigia, para mais sendo de noite: não seria a primeira

⁽⁹⁸⁾. Idem, *ibid.*

⁽⁹⁹⁾. Cf. Pero López de Ayala, *CDJ*, Año VII.º, 1385, cap. XIV, p. 602.

⁽¹⁰⁰⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLV, p. 106.

⁽¹⁰¹⁾. Diz o cronista que, por alturas da fuga de D. Juan I, começou a tornar-se claro que já haviam sido "mortos huuma gram soma de castellaãos e todollos mais dos maaos portugueses que na deamteira da auanguardia vinham" (*CDJ*, II, cap. XLV, p. 105).

⁽¹⁰²⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLV, p. 106.

vez que um exército vitorioso, lançado em perseguição desordenada do seu inimigo, acabaria por ser surpreendido pelo reagrupamento deste nas proximidades. Uma hoste em movimento era sempre um alvo fácil, especialmente quando a embriaguez do triunfo convidava à incúria e à desorganização⁽¹⁰³⁾.

A descarga de medos e de outras emoções centrou-se, assim, no próprio terreno onde decorrera a acção. Com o nascer do sol do dia 15 de Agosto, e depois de uma noite tensa e em estado de alerta (aspecto que já sublinhámos em páginas anteriores), Nun'Álvares e os seus homens tiveram, finalmente, uma noção exacta da extensão do seu sucesso⁽¹⁰⁴⁾. O adversário pusera-se definitivamente em fuga⁽¹⁰⁵⁾, deixando atrás de si um terreno semeado de cadáveres. Passou-se então ao saque indiscriminado do campo de batalha, que incluiria um verdadeiro assalto à baixela de D. Juan I, ainda protegida por alguns dos castelhanos⁽¹⁰⁶⁾.

Ao relatar a captura dos despojos, Fernão Lopes introduz então uma nota importantíssima para a nossa compreensão do segredo táctico que dera a vitória à hoste anglo-portuguesa:

Os portugueses saqueavam o campo à vontade, "e delles se ocupauom em reuoluer corpos sem almas (...). *E muytos dos que jaziam moortos nom tijnham ferida nehuuma*"⁽¹⁰⁷⁾ !

(103). Froissart (*Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 43, p. 167) conta mesmo que os ingleses queriam, a todo o custo, perseguir os adversários, em busca de bons resgates, tendo sido impedidos de o fazer pelo monarca português. Esta decisão terá originado um enorme 'prejuízo', que muito custou aos mercenários ingleses ter de suportar (até porque, com a execução dos prisioneiros franceses na primeira parte da batalha, já tinham visto fugir-lhes um rendimento que o próprio cronista estima em cerca de quatrocentos mil francos: idem, *ibid*, par. 42, p. 163)...

(104). O mesmo terá acontecido com os seus adversários. Conta Froissart (*Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 44, p. 169) que D. Juan I chegou ainda na noite de 14 de Agosto a Santarém, mas só no dia seguinte soube do "grant dommaige que il avoit eu et receu, (...) car il envoia ses heraulx, cerchier les mors";

(105). Segundo Froissart, logo ao nascer do sol de terça-feira, dia 15, o rei português enviara 12 batedores a cavalo, para explorar o terreno circundante, de forma a verificar se houvera algum reagrupamento castelhano: "ilz n'avoient veu ne trouvé que gens mors" (*Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 43, p. 168).

(106). Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLV, p. 108.

(107). Idem, *ibid* (sublinhado nosso).

Ou seja, muitos dos homens de armas castelhanos e franceses não haviam morrido em consequência dos ferimentos provocados pelas armas utilizadas no combate. Morreram, isso sim, esmagados ou sufocados, em consequência da compressão a que tinham sido sujeitos e que há pouco – servindo-nos sobretudo dos relatos de Froissart – pusemos em evidência. O facto também não era inédito. Já em Dupplin Muir (no ano de 1332) e, segundo alguns autores, em Roosebeeke (50 anos mais tarde), a mesma sina acompanhara os vencidos (escoceses no primeiro caso, flamengos no outro)⁽¹⁰⁸⁾.

Conforme às leis da guerra coeva, a hoste de D. João I permaneceu três dias no campo de batalha⁽¹⁰⁹⁾, rumando depois para Alcobaça (situada a três léguas de S. Jorge). No caminho, o monarca português assentaria arraial junto à ponte da Chiqueda...

...onde encontrou já mortos muitos dos castelhanos que haviam fugido da batalha, “por lhe teerem o camjinho naquell passo aquelles que o abade [de Alcobaça] dom Joham [de Ornelas] mandaua”; porque alguns escudeiros e homens de pé da comarca do mosteiro “chegauam-se a elle, e do castello dAlcobaça faziam guerra a seus emmigos nos logares que mais a seu saluo podiam”.

E, no dia da batalha, o abade mandou um irmão seu “com çertos homeens darmas e de pee e beesteiros” e azémolas carregadas de pão e de vinho e de outras coisas, ao campo onde estava D. João I. “E como soube que era vemçida, mandou os que ficaram que os aguardassem ally; e elles eram os que faziam neelles o gramde estrago”⁽¹¹⁰⁾.

Ao que se vê, a chacina continuara nas aldeias das redondezas, nos dias imediatamente posteriores à batalha. Desse facto se conserva ainda, na memória do nosso imaginário, a proeza da possante D. Brites, a padeira que

⁽¹⁰⁸⁾. Sobre este assunto, vejam-se também HOWORTH, 1960, pp. 75-76; e N. V. SANTOS, 1979, p. 517.

⁽¹⁰⁹⁾. Sobre esta matéria, veja-se o que escrevemos em MONTEIRO, 1998, pp. 309-311.

⁽¹¹⁰⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLVI, pp. 111-112.

acabou com a vida de diversos castelhanos no seu forno de cozer e que, por isso mesmo, ganhou direito a uma singular evocação, ainda possível de admirar-se num dos largos do actual lugar de Aljubarrota.

4.2.6. As baixas e o destino dos mortos

Tal como vimos acontecer com os efectivos de cada exército, também os números sugeridos pelos cronistas em matéria de baixas, de um lado e do outro, são demasiado díspares.

Pero López de Ayala, por exemplo, escreve que, entre os seus, morreram “muchos e muy buenos señores e caballeros” (afirmação que ilustra com cerca de 20 nomes, onde se incluem descendentes da família real castelhana, o adiantado-mor, o almirante, os dois marechais e o mordomo-mor de Castela), “e otros muchos caballeros de Castilla e de León”⁽¹¹¹⁾. Além disso, diz que foram mortos alguns dos cavaleiros portugueses que acompanhavam D. Juan I (designadamente o conde D. João Afonso Telo, os dois irmãos de Nun'Álvares, Pedro e Diogo, Gonçalo Vasques de Azevedo e seu filho Álvaro Gonçalves de Azevedo) e ainda outros auxiliares, como Jean de Rye (o velho camareiro-mor do rei de França), Don Boil, seu irmão Mosén Luis e o alcaide de Leiria, García Rodrigues de Taborda. E se a mortandade não foi maior, remata o chanceler do rei de Castela, foi porque muitos conseguiram fugir com a coluna do Mestre de Alcántara, ou com D. Juan I, via Santarém⁽¹¹²⁾. Sobre as baixas registadas entre os portugueses, Ayala (que foi preso no decurso do combate, recorde-se) nada adianta (o que talvez permita deduzir que elas terão sido bastante modestas).

Quanto a Fernão Lopes, estima as baixas castelhanas em 2.500 lanças e a maior parte dos capitães que integravam a hoste de D. Juan I (apresentando em conformidade, e tal como Ayala, uma longa lista de nomes)⁽¹¹³⁾. Refere também terem sido mortos na luta vários portugueses que apoiavam D. Juan I (o cronista refere sete nomes, indicando haver ainda

(111). Cf. Pero López de Ayala, *CDJ*, Año VII.º, 1385, cap. XV, pp. 602-603.

(112). *Idem*, *ibid.*

(113). Peter RUSSELL (2000, p. 431) sublinha este facto e acrescenta que, na célebre crónica do Monge de Westminster, se pretende que o total das baixas castelhanas ultrapassou os 7.500 homens.

outros, "que non nomeamos")⁽¹¹⁴⁾. Mas, segundo Fernão Lopes, morreu também muita gente miúda, nomeadamente a que tentou fugir por Torres Novas e Santarém e que a população, apesar de piedosa, não poupou⁽¹¹⁵⁾... Quanto às baixas registadas do lado português, o cronista recorda os 30 peões que fugiram da *carriagem* antes do início da batalha, vários outros que caíram durante o assalto final à baixela de D. Juan I, os casos de Vasco Martins de Melo, de Martim Gil de Correixas e dos chefes anglo-gascões "Bernaldom Solla" e "Mosse Joham de Monferrara", e "doutras pessoas de pequena conta e homeens de pee, per todos (...) ataa cinquenta"⁽¹¹⁶⁾.

Finalmente, no seu primeiro relato, Froissart começa por afirmar que, no combate inicial entre as duas vanguardas, foram presos mil cavaleiros e escudeiros franceses, que seriam posteriormente executados, como já tivemos a oportunidade de revelar⁽¹¹⁷⁾. Posteriormente, durante o ataque da 'batalha real', explica Froissart que, dos castelhanos que conseguiram penetrar no "fort", morreram 60 barões e cavaleiros (alguns deles identificados pelo cronista), mais até do que na batalha de Nájera⁽¹¹⁸⁾! Quanto aos portugueses, Froissart fala, com evidente exagero, em 500 cavaleiros e 500 escudeiros mortos, para além de 6.000 a 7.000 baixas entre a outra gente⁽¹¹⁹⁾. Já no relato de Middelburg, o destroço da vanguarda apeada francesa é, como já vimos, calculado em mais de 4.000 baixas "de droite gens d'armes", das quais "ne nul n'estoit pris ne oy à raençon"⁽¹²⁰⁾. Sobre os castelhanos que morreram na batalha, o segundo relato de Froissart fala em "plus de XII^C chevaliers et escuiers, tous gentilz hommes", tendo o cronista o cuidado de nomear 15 nobres castelhanos, cinco franceses e cerca de uma dúzia de "Gascons de Berne"⁽¹²¹⁾.

⁽¹¹⁴⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLV, pp. 108-109.

⁽¹¹⁵⁾. *Idem, ibid.*

⁽¹¹⁶⁾. *Idem, ibid.*

⁽¹¹⁷⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 40, p. 160. Um pouco mais à frente (par. 41, pp. 162-163), o cronista explica que, entre os prisioneiros assassinados, estavam 300 cavaleiros e escudeiros do "pays de Berne" e vários franceses, incluindo Jean de Rye, um dos conselheiros de D. Juan I que mais se opusera à ideia de um início precipitado do combate.

⁽¹¹⁸⁾. *Idem, ibid.*, par. 42, p. 164.

⁽¹¹⁹⁾. *Idem, ibid.*, par. 43, pp. 167-168.

⁽¹²⁰⁾. *Idem, ibid.*, par. 93, p. 287.

⁽¹²¹⁾. *Idem, ibid.*, par. 94, p. 288.

Das fontes coevas que vimos citando, e para além dos cronistas, só o autor anónimo do acrescento feito ao *Sumario de los Reyes de España* se refere – mas de uma forma muito genérica – às baixas resultantes do combate, realçando a mortandade registada entre os cavaleiros castelhanos: "(...) é en tal manera se fizo, que ovo de ser desbaratado este Rey, y muertos en aquella batalla la mayor parte de aquellos Caballeros deste Reyno (...)"⁽¹²²⁾.

Temos, portanto, uma convergência geral de opiniões no que respeita à grande quantidade de homens de armas apoiantes de D. Juan I que perderam a vida em S. Jorge. Partindo das referências supra citadas, mas também da sua reconstituição pessoal da batalha e das forças em presença, a maior parte dos estudiosos tem-se inclinado a admitir como provável, entre os vencidos, um total de baixas da ordem dos vários milhares. Ximenez de Sandoval, por exemplo, admite a possibilidade de terem sido mortos 3.000 castelhanos no campo de batalha e outros 3.000 nos arredores, no dia seguinte, isto para além dos cerca de 4.000 prisioneiros capturados. Na opinião do general espanhol, terão conseguido escapar, com o Mestre de Alcántara, uns 8.000 castelhanos, enquanto que perto de 11.000 terão fugido pela Beira (com o precioso auxílio, de última hora, de Carlos de Navarra) e cerca de 3.000 terão logrado evadir-se, individualmente ou em grupos, regressando depois a Castela⁽¹²³⁾.

Já Nuno Valdez dos SANTOS (1979, pp. 518-519) admite que, do exército castelhano, só restaram três ou quatro mil prisioneiros, mais de 3.000 mortos e dezenas de milhar de fugitivos. No campo de batalha jazeriam, no dia seguinte ao do combate, uns três a quatro mil cadáveres de castelhanos e de portugueses. Quanto aos prisioneiros (cerca de 4.000), "amontoar-se-iam em improvisados locais de concentração, junto a montes de despojos, que seriam em número incalculável" (*ibid*). Em suma, segundo este autor, a refrega ter-se-ia saldado por uma percentagem de baixas na ordem dos 10% dos efectivos de cada exército (ou seja, 3.000 castelhanos e 900 portugueses).

⁽¹²²⁾. Cf. ARNAUT, 1947, pp. 74-75, nt. 1.

⁽¹²³⁾. Cf. XIMENEZ DE SANDOVAL, 1872, p. 234. Este autor afirma que, dos não combatentes que acompanhavam D. Juan I, muitos eram portugueses, não tendo por isso dificuldade em afastar-se do perigo.

Alcide de OLIVEIRA (1988, pp. 100-101), pelo seu lado, fala em 4.000 mortos castelhanos durante o combate, sendo as baixas fora do campo de batalha mais difíceis de avaliar: talvez umas 5.500; quanto a prisioneiros, este autor sugere um número da ordem dos 6.500, enquanto que considera admissível terem conseguido escapar cerca de 21.000 homens. Em síntese, uma percentagem de 39,3% de mortos e prisioneiros, relativamente aos efectivos totais castelhanos; na acção propriamente dita terão sucumbido 45,3% dos efectivos empenhados por D. Juan I, um número cuja grandeza justifica o luto nacional que cobriria Castela até ao Natal de 1387 (*ibid*).

Muito mais controversa é a avaliação das baixas registadas do lado português. Ximenez de Sandoval admite que tenham sido reduzidas, mas considera inaceitáveis, por incrivelmente modestos, os números de Fernão Lopes (a menos que o cronista se refira apenas aos fidalgos). De acordo com este autor, não se pode é admitir que os castelhanos "se dejáran matar como carneros" (1872, p. 235) ! Assim, o general propõe umas 1.500 baixas entre os vencedores, recordando, em apoio desta estimativa, o facto de Fernão Lopes aludir à morte de três dos mais importantes chefes estrangeiros, e também o teor de uma carta enviada, dias depois da batalha, pelo arcebispo de Braga, ao abade de Alcobaça (*ibid*). Nesta missiva, dirigida a D. Frei João de Ornelas e datada de 26 de Agosto de 1385, D. Lourenço Vicente escreve, a dada altura:

"Bem me dixerom da fadiga ca tomastes em trager tam tostemente a vosso mosteiro os fidalgos ca morrerom na lida; suas almas seiom em folgança, ca padecerom morte per bem de seu reino"⁽¹²⁴⁾ ...

Valdez dos Santos fala, pelo seu lado, e como já dissemos, em 900 mortos entre os efectivos de D. João I, enquanto que Alcide de OLIVEIRA (1988, p. 103) admite terem as baixas portuguesas sido da ordem das 600 a 650, numa proporção de 120 fidalgos para uma média de 500 outros combatentes falecidos.

Verificamos, assim, que a ponderação do número de baixas ocorridas entre os homens de D. João I é muito mais complexa, tanto entre os

⁽¹²⁴⁾. Idem, *ibid*, pp. 119-120. Refira-se que a carta é transcrita a partir do Tomo II.º das célebres *Memórias* de José Soares da Silva.

cronistas como entre os investigadores que se dedicaram ao estudo da batalha de Aljubarrota. Cremos que tal acontece porque, até hoje, a interpretação do sistema tático utilizado pela hoste anglo-portuguesa não foi levada até às últimas consequências. Que nos desculpe o general Ximenez de Sandoval, ou a sua memória, mas, em nossa opinião, os castelhanos deixaram-se mesmo 'matar como carneiros'. Tudo aquilo que, em capítulo anterior, explicámos acerca da organização do terreno por parte das forças ao serviço de D. João I, assim como a demora com que há pouco recordámos a leitura que Froissart, em ambos os seus registos, faz da batalha, documenta isso mesmo. Só isso pode, aliás, explicar a rapidez com que tudo se passou e a extensão da derrota franco-castelhana. Os números de Fernão Lopes poderão, por isso, ser demasiado modestos, mas estarão bem mais próximos da realidade do que sempre se tem admitido...

Entretanto, uma outra questão interessante, e que se prende directamente com a anterior, é a do destino reservado aos homens que morreram no campo de batalha (bem como nos arredores de S. Jorge). Ayala evita o assunto, enquanto que Fernão Lopes explica que, ao fim de três dias, o fedor dos mortos começava a convidar ao abandono do local. Sepultou-se então o conde D. João Afonso Telo "e mais nom": os outros partidários de D. Juan I ficaram insepultos, muitos deles nus, à mercê das aves, dos lobos e dos cães⁽¹²⁵⁾. No Mosteiro de Alcobaça seriam, entretanto, sepultados os corpos de Vasco Martins de Melo, de Martim Gil de Correixas, de "Bernaldom Solla", de Mem Afonso de Beja, de "Mosse Joham de Monferrara" e de "outros portugueeses que forom achados menos e conhecidos jazendo mortos"; a estes seus apoiantes fez D. João I "muyta honrra, como era razom"⁽¹²⁶⁾. Possivelmente, será ao transporte destes (e de outros) corpos que se refere o arcebispo de Braga quando, na carta que há pouco citámos, elogia o abade de Alcobaça pela "fadiga" que este teve em transportar rapidamente para o Mosteiro de Santa Maria "os fidalgos ca morrerom na lida".

Já a versão apresentada por Froissart sobre esta questão é bastante diferente. Diz o cronista, no seu primeiro relato, que os corpos dos barões e cavaleiros castelhanos mortos em Aljubarrota foram "ensepvelis en l'église

(125). Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLVI, pp. 110-111.

(126). *Idem*, *ibid*, p. 112.

et ens es eglises là environ, et les os de plusieurs raportez par leurs gens en leur pays" (coisa em que, sinceramente, não acreditamos)⁽¹²⁷⁾.

Como quer que seja, o facto é que, a 21 de Fevereiro de 1958, uma escavação dirigida por Afonso do Paço permitiu encontrar, poucos metros a sul da Ermida de S. Jorge, uma vala comum com mais de 2.800 ossos. O achado não foi ocasional, pois, na altura em que decorriam as escavações, corria entre os mais velhos do lugar que, cerca de 1860, durante uns trabalhos agrícolas numa horta junto à capela, se tinham encontrado ossos humanos, os quais teriam sido metidos em caixotes e enviados para o cemitério de Porto de Mós, daí a justificação da busca organizada por Afonso do Paço⁽¹²⁸⁾.

Numa primeira apreciação do material osteológico encontrado, confessa Afonso do Paço (que logo solicitou a colaboração do Director do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, Professor Xavier da Cunha) ser de opinião "até prova decisiva em contrário, que estes ossos abandonados durante algum tempo na charneca inculta e desabitada, teriam sido mais tarde recolhidos, talvez ao fazer-se a capela em 1393, e atirados para as covas em que agora os encontramos, amontoados, partidos e sem nenhuma ordem (...). As covas em que os lançaram foram abertas no saibro rijo, e entre o fundo delas e os ossos não havia qualquer terra vegetal" (PAÇO, 1959, p. 51).

Perante este cenário, pôs-se evidentemente de parte a hipótese de um enterramento da época da batalha. Ao mesmo tempo, registou-se a presença de ossos de animais de permeio e ensaiou-se um exame de detecção de metais, aparentemente sem grandes resultados. Encontrou-se também um real preto de D. Afonso V no meio da "camada superior dos ossos", circunstância que parece indiciar a época em que tudo foi arremessado para

⁽¹²⁷⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 44, p. 170. Aquando da triste retirada do cerco de Lisboa, em Setembro de 1384, muitos fidalgos castelhanos que haviam morrido de 'peste' viram, efectivamente, os seus cadáveres serem transportados para Castela pelos respectivos vassallos. Não pode, no entanto, comparar-se esta situação com a 'retirada' que se sucedeu à batalha de Aljubarrota...

⁽¹²⁸⁾. Cf. PAÇO, 1962, pp. 118-120. Este militar-arqueólogo lembra que também Ximenez de Sandoval, que visitou a capela em 1869, afirma que lhe assinalaram a dita cova, à direita da ermida.

ali (note-se que a arquitectura da ermida tem fortes vestígios da arte do tempo de D. João I, pelo menos a capela-mor)⁽¹²⁹⁾.

Mas a quem pertencerão aquelas ossadas, que os trabalhos recentes de Eugénia Cunha, Carina Marques e Vítor Matos mostraram agora serem da época da batalha de Aljubarrota: a portugueses? a castelhanos? a ambos? A questão é complexa e merece alguma reflexão.

Alcide de Oliveira defende, com base em Fernão Lopes, que não houve lugar ao enterramento de inimigos no campo de batalha, excepção feita para o ilustre conde João Afonso Telo. E, acrescenta, se tivesse havido, certamente que se teriam aproveitado as valas em que se apoiou a posição portuguesa. Para este autor, as aves terão tratado do assunto: "moral e higiene não se sentiam grandemente afectadas e a natureza favorecia"⁽¹³⁰⁾. Quanto aos portugueses ilustres, defende Alcide de Oliveira que eles terão seguido para Alcobaça; os plebeus é que ficaram no campo de batalha e, claro está, foram piedosamente sepultados⁽¹³¹⁾. Para isso – e sempre segundo o mesmo autor – se terá cavado uma vala comum, próxima da estrada (note-se que em

⁽¹²⁹⁾. Cf. PAÇO, 1962, p. 121. Também Nuno Valdez dos SANTOS (1979, p. 474) notou como a abóbada artoada da capela-mor de S. Jorge está decorada com o pelicano de D. João II, sendo por isso de admitir que tenha sido neste reinado que se concluíram as obras de restauro da pequena ermida mandada construir por Nun'Álvares, em 1393. Segundo Valdez dos Santos, nessa altura ter-se-iam retirado as ossadas (que se encontrariam depositadas em alguma vala), posto o que as colocaram numa cova expressamente feita para isso e situada a poucos metros da ermida, ou seja, em "chão sagrado"; na altura desta trasladação, um dos operários teria então perdido o célebre real preto de D. Afonso V (*ibid*).

⁽¹³⁰⁾. Cf. OLIVEIRA, 1988, p. 102. Tese diferente sustenta Nuno Valdez dos Santos, para quem "as leis naturais depõem contra a possibilidade dos corpos [dos combatentes castelhanos] terem ficado insepultos": o Verão seco, as populações vizinhas, as estradas intransitáveis, os restos dos cadáveres arrastados para as ribeiras afluentes do Lena na época das chuvas, etc., tudo isso deve ter obrigado os portugueses a enterrar os despojos mortais dos adversários no campo de batalha, tarefa de que terão sido encarregados os prisioneiros capturados e para qual se terão aberto vários fossos, "um dos quais rodeando a pequena elevação onde depois se construiria a capela de S. Jorge, mas que, por qualquer motivo, não chegaria a ser utilizado" (N. V. SANTOS, 1979, pp. 525-526).

⁽¹³¹⁾. Cf. OLIVEIRA, 1988, p. 103. Segundo Afonso do Paço, os 30 peões portugueses que fugiram da *carragem* antes de o combate principiar não devem ter sido levados para o Mosteiro de Alcobaça, mas todos os outros partidários de D. João I sim (PAÇO, 1962, p. 145). Valdez dos Santos, pelo seu lado, escreveu que "nas criptas do Convento de Alcobaça teriam sido depositados os corpos de todos os combatentes portugueses mortos na Batalha de Aljubarrota" (N. V. SANTOS, 1979, p. 524).

Alcobaça o enterramento também parece ter sido comum), mas uns 100 anos depois uma escavação ocasional pôs a descoberto a sepultura colectiva, tendo então havido a "ideia patriótica" de trasladar os restos encontrados para uma cova junto à ermida⁽¹³²⁾.

A interpretação de Alcide de Oliveira é inteligente, mas é hoje contestável com base num argumento muito importante. É que, segundo as conclusões do recente estudo do espólio osteológico em causa dirigido por Eugénia Cunha, o conjunto analisado apresenta fortes alterações tafonómicas, resultantes de uma longa deposição (talvez de vários anos) no campo de batalha, antes de os respectivos componentes serem enterrados⁽¹³³⁾... Assim sendo, mais adequada nos parece a interpretação desses restos mortais pertencerem a combatentes castelhanos mortos no assalto à 'segunda posição' portuguesa, sem prejuízo de entre eles se encontrar também representado algum partidário de D. João I. Apesar das dúvidas legitimamente colocadas por autores como Valdez dos Santos relativamente à salubridade desta situação, o facto é que parece não restarem dúvidas de que, muito tempo depois da fuga de D. Juan I, os restos mortais de muitos dos que o apoiaram naquela infeliz jornada continuavam ainda a céu aberto nos campos de S. Jorge.

A questão do destino dos corpos não deve, no entanto, pôr-se apenas no que diz respeito ao campo de batalha propriamente dito. É que, conforme já tivemos a oportunidade de enfatizar, muitas das baixas castelhanas deram-se depois, durante a tentativa de fuga e nas imediações de S. Jorge. Ora, vale a pena aqui recordar o que diz Afonso do Paço sobre esta questão. De acordo com este autor, tudo leva a crer que os castelhanos mortos nas imediações das vilas de Aljubarrota e Chiqueda tenham sido sepultados, devido ao problema do mau cheiro provocado pelos cadáveres em putrefacção, neste caso especialmente gravoso por se

(132). Cf. OLIVEIRA, 1988, p. 103. O autor recorda que, nos cemitérios, as valas comuns eram então mais frequentes do que hoje. E lembra ainda que, aquando do desastre da travessia do rio Minho, em Vau de Estacas (em Maio de 1398), D. João I não descansou enquanto não recuperou os corpos dos 500 homens que morreram afogados (entre escudeiros, pagens, etc.) e os sepultou a todos (*ibid*, p. 103, nt. 84) ...

(133). Cf. *supra* (capítulo 3.º). Como ali se explica, o fenómeno tafonómico resulta da conjugação de factores ambientais com outros factores, como a abrasão, as raízes/mi-croorganismos e a acção dos animais.

verificar no interior das próprias povoações (PAÇO, 1962, p. 156). De resto, na igreja de Nossa Senhora dos Prazeres (uma das freguesias da actual povoação de Aljubarrota) "corre a tradição de que do lado sul, entre uma capela e a torre sineira, há um espaço vazio, no meio de duas paredes, onde existem muitos ossos humanos dispostos como que em prateleiras, contendo camadas de terra entre cada fiada deles"⁽¹³⁴⁾. Acrescenta ainda o ilustre arqueólogo que, em Abril de 1960, foi informado de que se tinham encontrado ossos humanos numa vinha, em Vale Vazão. Afonso do Paço deslocou-se ao local e observou "três agrupamentos de ossos humanos, não contendo cada um deles todos os elementos de um esqueleto, mas ainda assim bastantes peças do mesmo", parecendo serem de homens feitos, e não de crianças (PAÇO, 1962, p. 160). Veio ainda a saber que passava ali ao pé a "Carreira Velha" (um caminho que levava a Aljubarrota e à ponte da Chiqueda) e que havia também rumores da existência de outros agrupamentos de ossos humanos (uns cinco ou seis) ali perto, os quais foram testados com uma varinha de radiestesia. Segundo Afonso do Paço, é possível que isso tenha relação com a batalha. Aliás, em Março de 1962, um tractor trouxe à superfície novos ossos humanos, na mesma região (PAÇO, 1962, p. 161)...

Interessante foi também, ainda que pouco esclarecedora, a inspecção realizada – no dia 12 de Julho de 1960, por Afonso do Paço e por Xavier da Cunha – na ala ocidental do Claustro do Silêncio (ou de D. Dinis), no Mosteiro de Alcobaça. O ponto de partida foi, evidentemente, a notícia dada por alguns cronistas (a começar por Fernão Lopes) de que teria havido lugar ao enterramento, neste mosteiro, de muitos combatentes portugueses que haviam perdido a vida no combate de S. Jorge (circunstância que a citada carta do arcebispo de Braga ao abade do mosteiro claramente corrobora).

A tradição apontava a ala ocidental do Claustro do Silêncio como o local provável desses enterramentos. Quebradas as lajes de revestimento,

⁽¹³⁴⁾. Cf. PAÇO, 1962, p. 156. O autor diz que não viu este facto, mas acrescenta que, em 1960, um Prior lhe garantiu que o observara pessoalmente. Para comodidade do leitor, reproduzimos em anexo (Fig. 4. 3) um mapa esquemático apresentado por Afonso do Paço (1962, Fig. 14), onde surgem representadas as distâncias entre S. Jorge, por um lado, e, por outro, Vale Vazão (9,5 Km), Aljubarrota (10,750 Km), Chiqueda (14,250 Km) e Alcobaça (15 Km).

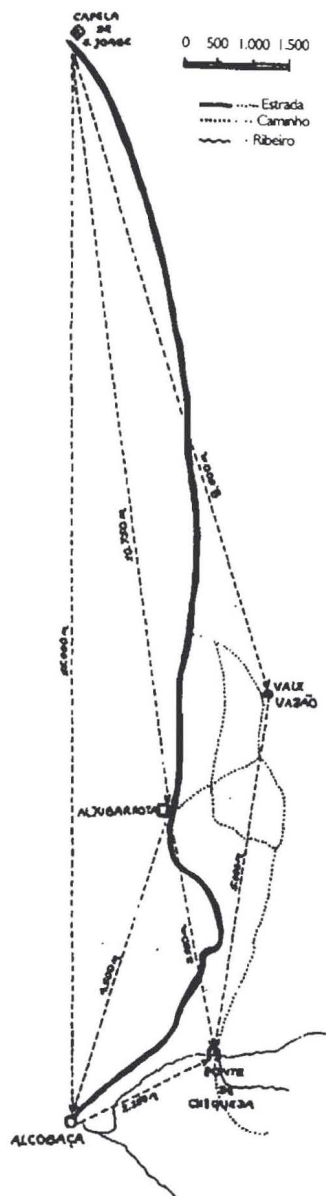


Fig. 4.3 – Mapa de distâncias a partir de S. Jorge (in A. Paço, 1962, Fig. n.º 14).

depressa foi detectada “uma camada de terra solta com escassos fragmentos de ossos humanos de permeio e logo uma cavidade rectangular aberta no terreno rijo. (...) Reconhecida melhor esta e retirada a camada de terra solta que lhe ficava na parte superior, verificámos que inferiormente havia ossos humanos (...). Pudemos também verificar que, ao proceder à sua abertura [da cavidade ou caixa], tinham cortado a parte central de um esqueleto, cujos pés, ainda com restos de sapatos, estavam voltados para E., isto é, para o pátio interior. A cabeça estava voltada para W. (...) Estes restos humanos encontravam-se bem consolidados, e quase tinham sido atingidos pela camada de argamassa que fixava, pela parte inferior, as lajes que havíamos partido” (PAÇO, 1962, pp. 146-147).

Posteriormente, explica Afonso do Paço, “retirámos da caixa aberta no terreno todas as terras soltas que cobriam os ossos e, ficando estes completamente visíveis, pudemos constatar que tinham sido lançados para ali sem qualquer preocupação. Para um melhor reconhecimento ainda se retiraram daquela amálgama e colocaram em ordem sobre o lajedo grupos de crânios – uns 29 – de tíbias, de fémures, etc. (...). Dos crânios, alguns pertenciam a velhos, mas muitos a jovens. Os maxilares de um deles mostravam ser de indivíduo que morrera sem dentes. Dentre as tíbias, uma muito longa devia ter pertencido a uma pessoa idosa, cuja estatura, no dizer do Prof. Xavier da Cunha, devia atingir 1^m,85 a 1^m,90 de altura. A caixa aberta no terreno para recolha destes despojos tinha de comprimento 2^m,20, de largura 0^m,90 e de altura 0^m,70. Desta altura, apenas uns 0^m,30 estavam cheios de ossos e os restantes 0^m,40 de terras. (...) De permeio com os ossos havia restos de palmilhas de sapatos bicudos e tacões presos com cavilhas de madeira. (...) Vendo o Instituto de Antropologia que nada se podia determinar, de positivo, quanto ao número de indivíduos, nem reconstituir esqueletos completos, de novo se meteram na sua cavidade e cobriram com terra. Sobre o conjunto dispôs-se nova camada de argamassa e sobre ela recompôs-se o pavimento. (...) Uma pequena cruz, gravada numa das lajes, assinala o local onde se procedeu ao reconhecimento” (PAÇO, 1962, pp. 147-148).

Como se compreende, “o resultado da investigação a que se procedeu foi um desapontamento, pois o que ali estava não permitia tirar conclusão alguma com vislumbres de segurança” (*ibid*, p. 148). Nomeadamente, subsistiam as seguintes duas interrogações:

- “Os ossos que tinham sido recolhidos, diriam respeito a uma camada de enterramentos que estivessem em nível superior àquela em que se encontrava o esqueleto mutilado?
- A profundidade das sepulturas seria variável, e a do esqueleto mutilado estaria em nível diferente daquelas que sofreram a acção das obras de reintegração do claustro?”(ibid)

Desanimado, Afonso do Paço encerrou o caso, dizendo que “a estas duas perguntas não é possível dar resposta. Esta página da história da nacionalidade não se poderá reconstituir”(ibid). Conservemos nós a esperança em que os incríveis progressos da ciência nas últimas décadas – os quais permitiram já datar e estudar, de um ponto de vista paleobiológico e com notável pormenor, o espólio encontrado em 1958 – nos permitam ainda explorar com mais sucesso os segredos que se escondem por debaixo das lajes do mosteiro onde, tudo o indica, foram sepultados muitos daqueles que morreram ao lado de Nun’Álvares em 14 Agosto de 1385.

4.2.7. Revelações dos ossos estudados pela equipa de Eugénia Cunha

Descrita a chacina, quantificadas as baixas, discutido o destino dos corpos caídos em combate, vale agora a pena recuperar algumas das conclusões apresentadas por Eugénia Cunha, Carina Marques e Vítor Matos no capítulo anterior, e tentar relacioná-las com os temas que vimos abordando.

Antes de mais, convém recordar que os nossos colegas trabalharam com uma série composta por 2.874 ossos, que corresponderão a um mínimo de 414 indivíduos e cuja datação por C¹⁴, realizada num laboratório de Miami na Primavera de 1999, aponta para as proximidades do ano de 1350 (i.é, para a época em que ocorreu a batalha de Aljubarrota).

Se tivermos em conta que admitimos atrás a ocorrência de umas três ou quatro mil baixas ocorridas no campo de batalha, então concluiremos que a colecção em apreço não ultrapassará os 14% de representatividade, o que, desde logo, convida a uma certa prudência na hora de sugerir algumas conclusões.

Também não sabemos com exactidão se se trata de ossos pertencentes a combatentes castelhanos ou portugueses, embora a discussão a que procedemos na alínea anterior nos sugira ser a primeira hipótese a mais provável, não só pela dimensão das baixas registadas entre o exército castelhano, como, e sobretudo, por se tratar de cadáveres que ficaram longo tempo insepultos no campo de batalha, circunstância que não é crível ter acontecido com os corpos dos homens de D. João I que morreram durante o prélio.

Evidentemente, ao dizermos isto, estamos a partir do princípio, que nos parece bastante sólido, de que a série que foi objecto de análise paleobiológica diz efectivamente respeito a gente que participou na grande batalha de 14 de Agosto de 1385. A datação rigorosa que recentemente foi possível fazer (e que, no tempo de Afonso do Paço, não era ainda viável), mas também o facto de se tratar de um espólio maioritariamente masculino, com parâmetros de estatura e de robustez consentâneos com aquilo que se sabe hoje acerca das populações ibéricas medievais, correspondente a pessoas com idades compreendidas entre os 18 e os 65 (ou menos) anos, e, por fim, de ossos que apresentam numerosos vestígios de lesões violentas (antigas ou mesmo *peri-mortem*, i.é, ocorridas na altura da morte do indivíduo), parece-nos que encerram definitivamente uma das mais fascinantes questões associadas ao estudo da batalha de Aljubarrota.

Nestes termos, destacaremos apenas alguns aspectos, que nos parecem mais sugestivos e que mais intimamente se relacionam com a 'reconstituição' que, de um ponto de vista histórico-militar, ensaiámos já, nas alíneas anteriores, a respeito do combate.

A primeira chamada de atenção vai, como é lógico, para a circunstância de os ossos encontrados por Afonso do Paço em Fevereiro de 1958, um pouco a sul da Ermida de S. Jorge, apresentarem vestígios de lesões causadas pela acção de espadas, de achas-de-armas ou machados-de-guerra, de setas e de virotões. O facto parece-nos compaginar-se bem com a ideia de que, no que diz respeito ao armamento ofensivo utilizado, o combate se desenvolveu segundo três planos distintos:

- aquando do início do assalto franco-castelhano à posição anglo-portuguesa, desempenharam um papel fundamental os atiradores (arqueiros ingleses e besteiros e fundibulários portugueses) colocados nas alas, em posição ligeiramente avançada relativamente

à vanguarda chefiada por Nun'Álvares. Nos últimos 100 a 200 metros do avanço inimigo, estes atiradores devem ter esvaziado as respectivas aljavas, crivando de setas e de virotões (para já não falar nas pedras de calcário propositadamente trazidas de fora) os homens de armas ao serviço do rei de Castela;

- consumado o contacto entre as duas hostes, numa fase inicial ter-se-á combatido (de um e do outro lado) sobretudo com lanças, as quais terão servido essencialmente para manter à distância os inimigos ou para os empurrar, quer como forma de desorganizar a sua formação de batalha, quer para os fazer cair nos obstáculos artificiais previamente rasgados no terreno;
- misturados os homens de armas de uma e de outra parte (ou seja, consumada a *mélée*), as lanças de pressa foram abandonadas, recorrendo-se então a armas de mão (achas-de-armas ou fochas, martelos-de-armas, espadas), mais adequadas ao corpo-a-corpo.

Curiosamente, mas certamente devido à acção tafonómica a que estiveram largamente sujeitos, os ossos analisados não evidenciam vestígios de fracturas *peri-mortem*. Existem, no entanto, muitos sinais de incisões e de perfurações, a maioria das quais ocorridas na altura da morte dos indivíduos. A existência destas perfurações *peri-mortem* violentas convidam-nos, evidentemente, a enfatizar o papel que os atiradores com arco, com besta e com funda devem ter desempenhado numa fase inicial da batalha. De resto, num dos fémures analisados, foram detectados vestígios de metal (maioritariamente ferro) impactado na altura da morte do indivíduo, o mesmo devendo ter acontecido num pequeno fragmento craniano existente na colecção (mas ainda não analisado desse ponto de vista).

Entre os ossos com mais vestígios de lesões patológicas traumáticas, a equipa de Eugénia Cunha destacou os casos das tíbias (especialmente fracturas remodeladas) e dos fémures, apresentando estes últimos diversos vestígios de incisões, as quais parecem poder ser relacionáveis com a batalha. Também nos úmeros foram encontrados muitos sinais de incisões, o que sugere um combate corpo-a-corpo muito cerrado, no qual – provavelmente por falta de espaço – os escudos de protecção não puderam ser utilizados, ao menos nos moldes habituais.

O espólio osteológico analisado permite-nos igualmente confirmar a grande violência de que se revestiu o combate, ao mesmo tempo que sugere que tudo decorreu num ambiente de certa pressa e confusão, sem dúvida relacionável com o efeito surpresa provocado na hoste franco-castelhana pela forma hábil como os adversários organizaram a sua posição defensiva. É que, por um lado, os robustos fémures estão claramente marcados por incisões, e, por outro, não há grandes diferenças de lateralidade (esquerda vs. direita) na incisões ósseas detectadas (circunstância que aponta para um combate menos planificado, menos convencional, logo mais fortuito).

Este último dado deve ainda ser combinado com uma outra constatação interessante. Referimo-nos ao facto de a maior frequência de lesões nos duplamente robustos ossos frontal e occipital poder ser considerado um sintoma de agressões direccionadas. De resto, a existência de lesões no occipital (um osso que dispõe de um grande revestimento muscular) sugere a ocorrência de ataques desferidos por detrás, ou quando o indivíduo jazia no solo⁽¹³⁵⁾.

Perante este quadro geral, é impossível que não nos venha imediatamente à ideia a reconstituição da fase decisiva da batalha ensaiada nos dois relatos de Froissart e no do próprio Fernão Lopes. A imagem de combatentes impetuosos, bem equipados, mas apanhados na 'armadilha' montada pelos seus inimigos, com dificuldade em chegar em boas condições ao contacto com eles, convertidos, por isso, numa massa informe e desorganizada, cercada e esmagada pela pressão conjugada das diversas *azes* adversárias, parece ter ficado registada para sempre nos restos ósseos descobertos por Afonso do Paço junto à capela de S. Jorge.

Muitos desses homens seriam, provavelmente, veteranos de guerra, pois encontraram-se vestígios de pelo menos 30 fracturas remodeladas, ou seja, de fracturas antigas, sofridas alguns anos antes do combate de Aljubarrota. Acerca desses veteranos, pode ainda sugerir-se que uma boa parte deles fossem cavaleiros experientes (alguns, possivelmente, franceses, calejados da

⁽¹³⁵⁾. A este respeito, e para além das relações que o facto convida que façamos com o modo como sugerimos ter-se desenrolado o combate, não podemos deixar de pensar no macabro episódio da execução dos prisioneiros franceses às mãos dos seus captadores, relatado por Froissart.

Guerra dos Cem Anos), já que uma percentagem significativa dos fémures estudados por Eugénia Cunha e os seus colaboradores parece poder corresponder a indivíduos que montavam frequentemente a cavalo. Interpretações que, como é óbvio, fazem todo o sentido, tendo em conta as linhas gerais de reconstituição do combate que ensaiámos nas alíneas anteriores.

Não vamos demorar-nos mais nestas considerações (designadamente comentando a presença de casos de indivíduos já muito debilitados fisicamente, casos esses que, em parte, podem ter que ver com auxiliares não combatentes, também presentes no campo de batalha, mas com funções acessórias), dado que a análise detalhada do material osteológico em apreço foi já feita, com muito brilho, no capítulo terceiro deste livro. Apenas nos apetece comentar quão longe e, ao mesmo tempo, quão perto estava Ximenez de Sandoval da verdade, ao observar não ser admissível conceber que os castelhanos “se dejáran matar como carneros” (1872, p. 235). Para um combate convencional, a observação seria inteiramente justa. O problema é que Aljubarrota fugiu a essa regra, e até os ossos que ficaram para a posteridade parecem confirmar a ideia. De resto, por alguma coisa a pequena hoste anglo-portuguesa saiu vitoriosa, num combate que, já o dissemos, parece não ter demorado muito mais de meia-hora...

4.2.8. O armamento utilizado na batalha

Terminaremos a nossa já longa viagem com uma referência sintética ao armamento, defensivo e ofensivo, utilizado por ambos os contendores no combate de Aljubarrota⁽¹³⁶⁾. Sistematizaremos algumas informações que, por outros motivos, adiantámos já nas rubricas anteriores e acrescentar-lhes-emos outras, de maneira a o leitor poder formar uma ideia de conjunto sobre este tema.

⁽¹³⁶⁾. Dado o carácter fortemente técnico desta matéria, sugerimos ao leitor a consulta do recente e detalhado Catálogo da Exposição “*Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*”, Câmara Municipal de Palmela, 2000 (coord. de Mário Jorge BARROCA, João Gouveia MONTEIRO e Isabel Cristina F. FERNANDES).

Começaremos por considerar o armamento defensivo utilizado pela hoste anglo-portuguesa. Fernão Lopes é, nesta matéria, o nosso principal informador. Recordemos o que ele nos diz acerca das armas de defesa utilizadas pelos combatentes posicionados na retaguarda de D. João I (700 lanças, forradas de homens de pé e besteiros):

"Armas defensauées de todos eram bacynetes de camal, delles com caras e delles sem ellas, e solhas e cotas e faldroões e pamceiras". Mais bem equipado estava o monarca português, pois ia "vistido darmas quaes compriam a ssua defenssom, e huum loudel em cima" (semeado de rodas de ramos e, no meio, outras rodas e escudos de S. Jorge)⁽¹³⁷⁾.

Quanto a Nun'Álvares, explica Fernão Lopes que ele "trazia huuma jaqueta de pano de laã uerde toda brollada de roseiras, desy cota e peito e braçaees e arnes de pernas e gantes segundo de cote costumaua"⁽¹³⁸⁾. De sinais (exteriores) distintivos é que não temos notícia: de acordo com

⁽¹³⁷⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ, II*, cap. XXXVIII, p. 85. Admite-se que seja este o loudel actualmente em exposição no Museu Alberto Sampaio (em Guimarães). O monarca, na sequência de uma promessa feita à Virgem, tê-lo-á oferecido à Igreja da Colegiada de Guimarães, após a batalha. Como escreve Mário Jorge Barroca no Catálogo que acabámos de citar, "o loudel de D. João I é um dos raros loudéis que conseguiram sobreviver até aos nossos dias. Apresenta estrutura acolchoada, com insterstício de algodão e revestimento exterior onde se bordou o escudo de armas de D. João I: o escudo régio colocado sobre a cruz verde florenciada (símbolo da Ordem de Avis, de que o monarca fora Mestre). O Loudel era uma peça que se utilizava por baixo [ou, em alternativa, por cima] das protecções de corpo, particularmente das armaduras do tipo do arnês, procurando tornar o seu uso menos desconfortável e absorver o impacto dos golpes inimigos" (cf. M. J. BARROCA, J. G. MONTEIRO e I. C. F. FERNANDES, 2000, Fig. 18, p. 95).

⁽¹³⁸⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ, II*, cap. XXXVIII, p. 85. "Arnês" é um termo genérico, que designa o conjunto das peças metálicas de formato anatómico que se afirmam na generalidade do Ocidente (em substituição das defesas de malha e de couro fervido) ao longo da segunda metade do século XIV, anunciando o aparecimento das armaduras completas. As peças que compõem o "arnês" são, assim, chapas metálicas bem polidas (propícias à deflexão das armas adversárias) e extremamente resistentes. Um "arnês" completo podia comportar duas ou três dezenas de peças independentes, unidas e articuladas entre si por meio de dobradiças, de gonzos ou de simples correias de couro. Entre as componentes mais importantes do "arnês", destacam-se: o *peito* (ou *peitoral*), para defesa do tronco; os *gorjais* e as *babeiras*

o cronista, cotas de armas, para reconhecer o Condestável e outros fidalgos, "ajmda no eram em vssso"⁽¹³⁹⁾.

Mais tarde, ao relatar o sermão proferido pelo franciscano Frei Pedro na Sé de Lisboa, em acção de graças pela retumbante vitória obtida nos campos de S. Jorge, Fernão Lopes aproveita para realçar a ideia de que os combatentes da hoste portuguesa se teriam apresentado na 'batalha real' bastante mal equipados: diz Frei Pedro (ou o cronista por ele) que os nossos, além de serem poucos, e alguns deles já "velhos de madura hidade", se apresentaram...

... "prouemente e mal amanhados; ca o que tijnha cota nom tijnha loudel, e o que tinha panceira nom tijnha braselotes, e muytos delles com bacinetes sem caras. Assy que todas ssuas armas sendo repartidas como compria, nom armarya o terço da gente"⁽¹⁴⁰⁾.

Concluimos, em síntese, que o armamento defensivo utilizado pela maioria dos homens ao serviço de D. João I consistia essencialmente em:

- *bacinete* para protecção da cabeça (alguns dos quais com viseira móvel)⁽¹⁴¹⁾;

(para protecção da zona do queixo e do pescoço); o *arnês de braços* (i.é, as placas destinadas à protecção dos braços, dos antebraços e das mãos: *rebraços* ou *braçais*, *avambraços*, *manoplas*); e o *arnês de pernas* (que incluía as peças de protecção das coxas, dos joelhos e dos pés: *coxotes*, *joelheiras* ou *grevas* e *sapatos de ferro* ou *escarpins*): cf. MONTEIRO, 1998, pp. 531-532.

⁽¹³⁹⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XXXVIII, p. 85.

⁽¹⁴⁰⁾. Idem, *ibid*, cap. XLVIII, p. 119.

⁽¹⁴¹⁾. Froissart (*Chroniques*, ed. S. H. F., t. XII, 1356-1388, Livre Troisième, par. 39, p. 59) confirma a utilização destas defesas de cabeça, ao escrever, referindo-se a ambos os contendores, que "(...) et là, sus cez bacinez, grans horions en donnoient (...)". Recorde-se que o bacinete é uma peça de defesa da cabeça bastante evoluída, caracterizando-se por uma estrutura cerrada, de ápex alto e pontiagudo, protegendo toda a nuca e a cabeça, com excepção da cara (sendo esta muitas vezes defendida por uma viseira móvel, a 'cara' ou 'volante', independente do resto do conjunto, mas ao qual se podia ligar por meio de dois pernos colocados nas partes laterais). O 'bacinete' surgiu na primeira metade do século XIV, em alternativa ao 'elmo' e em provável relação com o desenvolvimento de novas técnicas de manejo da lança (cf. MONTEIRO, 1998, p. 533).

- *camal* (um colar ou avental de pescoço, feito de malha de ferro e que se encontrava geralmente ligado à peça que protegia a cabeça);
- *cota de malha/loriga* (defesas em malha, formadas por uma rede de anéis metálicos entrelaçados, fabricados em arame de aço) ou *solha/couraça* (estas últimas em couro fervido, forradas interiormente por telas de estopa de cânhamo, entre as quais eram embutidas lâminas de ferro), para protecção do tronco;
- *braçal / rebraço* (provavelmente já em placa metálica), para defesa dos membros superiores;
- *fraldão e panceira* (em malha ou em placa metálica), para protecção da zona do baixo-ventre;
- *loudel*, vestido por baixo ou por cima do restante equipamento, como amortecedor dos golpes sofridos durante o combate ou (sendo vestido por baixo) como dissuasor do sobreaquecimento e da raspagem da pele.

Evidentemente, tal como observou Frei Pedro, nem *todos* os combatentes dispunham de *todas* estas peças defensivas. Por outro lado, personagens como D. João I ou Nun'Álvares envergariam protecções mais evoluídas, nomeadamente outras peças de arnês: peitoral, arnês de pernas (coxotes, joelheiras, caneleiras), gantes (luvas), etc.

Os castelhanos, pelo seu lado, dispunham provavelmente de um equipamento mais completo, onde – pelo menos entre os homens de armas de maior condição social – pontificariam já, de uma forma mais generalizada, as peças de chapa metálica polida, i.é, os ameses⁽¹⁴²⁾. Froissart, por exemplo, sugere o facto, ao escrever (no relato colhido em Middelburg e a propósito do ataque dos franceses):

⁽¹⁴²⁾. Deve, entretanto, fazer-se notar que Fernão Lopes, ao descrever a fuga castelhana do campo de batalha, afirma que muitos homens de D. Juan I “voltauom os jaques [uma peça comparável à “solha” ou à “couraça”], o de dentro por de fora”, para não serem reconhecidos (cf. *CDJ*, II, cap. XLV, p. 106).

"(...) et mirent tous pié à terre, et chacierent chevaulx en voie et relacierent leurs plates et leurs bacinez moult friquement, et abaissierent les carnières et apognierent les lances, et nous approchierent de grant volonté"⁽¹⁴³⁾.

Já antes, no relato de Orthez, o cronista havia comentado que os auxiliares franceses que compunham a primeira e "belle grosse bataille" estavam "armez de toutes pieces"⁽¹⁴⁴⁾. Sugestiva é também a observação de Froissart de que na segunda batalha, junto a D. Juan I, "bien avoit XX^M. chevaulx tous couvers"⁽¹⁴⁵⁾.

Passemos agora ao armamento ofensivo utilizado pela hoste vitoriosa. Tivemos já a oportunidade de salientar, por diversas vezes, o importantíssimo papel desempenhado pelos atiradores anglo-portugueses no combate de Aljubarrota.

Ao relatar a reunião do conselho de guerra castelhano, onde Pero López de Ayala e os seus dois companheiros deram conta a D. Juan I da 'espionagem' que tinham acabado de fazer do acampamento inimigo, Fernão Lopes fá-los dizer que a hoste portuguesa "tem avanguarda e duas allas juntas em que ha gemtes de pee e beesteiros em auomça"⁽¹⁴⁶⁾. Mais tarde, ao descreverem o violento (ainda que tardio) ataque da ala comandada pelo Mestre de Alcántara à *carriagem* portuguesa, todos os cronistas voltam a enfatizar a importância da acção dos atiradores ao serviço de D. João I:

⁽¹⁴³⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 93, p. 286.

⁽¹⁴⁴⁾. Idem, *ibid*, par. 38, p. 155. Froissart exceptua os bacinetes ("hor mis bacinez"), o que nos parece um pouco estranho, por se tratar de uma peça essencial e à qual – como de resto já dissemos – o cronista se referirá mais tarde várias vezes.

⁽¹⁴⁵⁾. Idem, *ibid*, p. 156. Nos exércitos mais bem equipados, os cavalos de guerra (um elemento valiosíssimo) podiam apresentar-se protegidos por bardas, xairéis, cabeçadas, crineiras, peitorais e outras defesas (de garupa, dos flancos, etc.), isto para além de boas selas de aço e de outros 'acessórios'. Não era raro, mas era desejável e, sobretudo, muito dispendioso...

⁽¹⁴⁶⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XXXV, p. 77. O cronista segue aqui a narrativa de Ayala (*CDJ*, Año VII.º, 1385, cap. XIV, p. 601), onde se pode ler que nas duas alas portuguesas estavam muitos homens de pé, "e tenían muchas piedras e grand ballestería, los cuales hicieron grand daño en los de la avanguardia del rey".

Ayala escreve que, face ao ataque montado dos castelhanos, "(...) los peones e lanceros de Portugal eran muchos, e tiraban muchos dardos e saetas e piedras, en guisa que los caballeros non podían entrar en ellos"⁽¹⁴⁷⁾.

Fernão Lopes, pelo seu lado, diz que os nossos homens de pé se defenderam com setas e dardos, "de guissa que os de cauallo nom lhe podiam empeçer, amtes reçebiam delles dano, moremndo alguns do tirar das beestas e remesar das lamças"⁽¹⁴⁸⁾.

Quanto a Froissart, recorde-se apenas a sua descrição (no relato de Orthez) do impetuoso ataque da vanguarda de D. Juan I à posição adversária. Escreve o cronista que o aperto foi grande, valendo então a acção eficaz dos arqueiros ingleses sobre os cavaleiros inimigos: "(...) ot grant presse et grant meschief pour les assailans, car ce que il y avoit d'archiers d'Engleterre traioient si onniement que chevalux estoient tous encousous et meshaigniez, et cheoient l'un sus l'autre"⁽¹⁴⁹⁾.

Evidentemente, estamos a falar sobretudo de atiradores munidos de arcos e de bestas, cujas setas e virotões causavam enormes estragos entre os assaltantes. No entanto, convém não esquecer que se recorreu a outros projecteis, especialmente a pedras (arremessadas à mão ou por meio de fundas)⁽¹⁵⁰⁾ e – a acreditar na narrativas de Froissart – também a dardos⁽¹⁵¹⁾.

⁽¹⁴⁷⁾. Cf. P. L. de Ayala, *CDJ*, Año VII.º, 1385, cap. XIV, p. 601.

⁽¹⁴⁸⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLV, p. 105.

⁽¹⁴⁹⁾. Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 39, p. 157.

⁽¹⁵⁰⁾. Já tivemos a oportunidade de sublinhar as referências de Afonso do Paço à presença de pedras de calcário (trazidas de fora, pois não existiam no planalto de S. Jorge) no fundo do 'grande fosso' (nomeadamente no seu Ramo "C") e de algumas das covas de lobo descobertas durante as escavações de 1958-1960 (cf. Introdução). Essas pequenas pedras, de arestas boleadas, apresentavam indícios de terem estado muito tempo expostas à intempérie; a sua maior densidade na zona sul da fortificação sugere que elas foram utilizadas pelos portugueses (PAÇO, 1959, p. 43; e 1960, p. 14).

⁽¹⁵¹⁾. Recorde-se que, ao descrever (no relato recolhido em Middelburg) o ataque (apeado) dos auxiliares franceses de D. Juan I, ataque esse que já sabemos ter sido estorvado por um "petit fossé", Froissart escreve o seguinte: "(...) ce nous fist ung petit d'avantaige,

Apresentadas as 'armas de arremesso' (neurobalísticas ou por propulsão muscular), destaquemos agora as 'armas de mão'. Antes de mais, as lanças, que constituíam as mais importantes 'armas de haste' medievais e que, em Aljubarrota, desempenharam um papel tão importante, numa fase inicial do combate. Convém começar por recordar a técnica de combate recomendada por Nun'Álvares aos homens que o acompanhavam na vanguarda:

Lanças "dereitas", apertadas "so o braço", o mais "perlongadas" que pudessem; à chegada dos inimigos, que pusessem as lanças neles, "de guysa que prendessem, e entom botassem quanto pudessem"; e os que estivessem atrás, não podendo chegar-lhes com as lanças, "que botassem os outros ante ssy"⁽¹⁵²⁾.

Já sabemos, porém, que o desenvolvimento do combate, nomeadamente o gerar de uma verdadeira *mêlée* e a conseqüente passagem a uma fase de combate corpo-a-corpo, depressa obrigou ao abandono das compridas lanças. Em sua substituição, recorreu-se a 'armas de choque' (achas-de-armas ou fochas, martelos-de-armas) e a 'armas brancas' (espadas, dagas, punhais).

Fernão Lopes escreve que, "leixadas as lamças das mãos, que a huuns e a outros pouco nojo fez, e jazemdo huum gramde vallo dellas amtre huuma aaz e outra, veherom aas fochas e espadas darmas", não da "grandeza" das que há agora, "mas tamanhas como

car au passer nos gens qui estoient en deux helles et qui lançoient de dardes affillés, don't ilz en meshaignierent pluseurs, leur donnoient grant empeschement" (cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 93, p. 286). Convém dizer que o dardo consistia numa espécie de lança mais curta e delgada, própria para ser arremessada a pequenas distâncias e que parece ter sido bastante vulgar (e eficaz) na guerra praticada na Península Ibérica do século XIV e primeira metade de Quatrocentos. Froissart afirma, aliás, que o duque de Lencastre (John of Gaunt, sogro de D. João I) apreciava muito a arte ibérica de "jetter la darde" (idem, *ibid.*, par. 85, p. 264).

⁽¹⁵²⁾ Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLII, p. 94. Como já vimos, Froissart destaca também o papel dos lanceiros portugueses, os quais "tenoient en leurs poins ces lances enfillées de fers de Bordiaux trenchans et passans tout oultre, qui abatoient et bleçoient enlançant et encousant chevaliers et gens d'armes, et mettoient tout à mercy" (cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 39, p. 157).

espadas de mão grossas e estreitas, e chamauam-lhe estoques”(153). E, mais adiante, ao descrever como o monarca português avançou no terreno para socorrer a sua vanguarda, acrescenta: “E tanto que [el rey] chegou hu era aquell duro e aspero trabalho, leixadas as lanças de que se pouco seruiram por aazo da mestura de gemte, começou de ferir de facha (...)”(154).

Também Froissart registou a mudança no armamento ofensivo utilizado na batalha, ao explicar (no relato de Orthez e referindo-se a ambos os beligerantes) que “(...) quant les lances leur faillirent, ilz s’adrecent à leurs haches (...)”(155). Mais à frente, já na versão supostamente recolhida da boca de João Fernandes Pacheco, o cronista reafirma a ideia, ao dizer, recorde-se, a propósito do choque entre a vanguarda auxiliar francesa e os portugueses da primeira linha:

“(...) Ilz furent enclos et enserrez entre nous de ceulx que nous appellons les communautez de nostre pays, par telle maniere que on frapoit et fieroit sur eulx de haches et de plommées sans eulx espargnier”(156).

(153). Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLII, p. 98. Neste passo, o cronista segue de perto a narrativa da *Crónica do Condestabre* (cap. LI, fl. XXXIXv.º), onde se pode ler, a propósito do duro combate travado na vanguarda: “E entom se começarõ de ferir das lanças muy rrijgamte. E o cõde estabre jndo ante a sua bādeyra forem em elle postas muytas lâças, e em breue forõ todas as lâças de hũa auengarda e da outra quebrãtadas e valado dellas feyto e entõ vierom as fachas”.

(154). Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLII, p. 99. O cronista continua a ter diante de si a biografia anónima de Nun’Álvares Pereira, onde se explica que, na vanguarda, foram deixadas as lanças e se passou às fachas: “e logo elrey com a reguarda cõ grãde aguça se ajũtou a auẽguarda feryndo de facha tantos e taes golpes que eram asperos de atender aaquelles que os soffriam” (cf. *Crónica do Condestabre*, cap. LI, fl. XXXIXv.º). Curiosamente, a mesma imagem de um rei português combatendo apeado e de acha-de-armas na mão surge igualmente na primeira narrativa de Froissart, no passo relativo à chegada da ‘batalha real’ castelhana: “furent-ilz receus aux lances et aux haches, et greva de premier le trait grandement leurs chevaux (...); là descendit le roy de Portingal à pié, et prinst sa hache et s’en vint sur le pas et y fist merveilles d’armes (...)”(cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 42, p. 163).

(155). Cf. Jean Froissart, *Chroniques*, ed. S.H.F., t. XII, 1356-68, Livre Troisième, par. 39, p. 159.

(156). Idem, *ibid*, par. 93, p. 286.

A refrega entrava então na sua fase mais sangrenta, com as 'armas de mão'⁽¹⁵⁷⁾ e, sobretudo, as 'armas de choque' a consumarem a grande matança entre os assaltantes que haviam conseguido penetrar na posição defensiva sabiamente organizada pela hoste anglo-portuguesa. Não admira, por isso, que, ao enumerar as armas ofensivas que equipavam a retaguarda portuguesa, Fernão Lopes escreva "(...) e de ferir lanças e fochas de ferro e de chumbo e delles machados quem os podia auer"⁽¹⁵⁸⁾...

Em conclusão, o mais importante equipamento ofensivo transportado em 14 de Agosto de 1385 pelos homens ao serviço de D. João I deve ter consistido em:

- armas de tiro neurobalístico, como os *arcos* (ingleses) e as *bestas* (portuguesas);
- outras armas de arremesso, por propulsão muscular, como *pedras* e *dardos*;
- *lanças* (para manter o inimigo à distância e para o empurrar);
- 'armas de choque', com destaque para as *achas-de-armas/fochas* e, muito provavelmente, para os *martelos-de-armas* (uma arma de cabo robusto, geralmente cilíndrico, em ferro ou em aço, equipado com uma cabeça composta por uma barra do mesmo material apresentando, de um dos lados, uma ponta aguçada e, do outro, uma superfície grossa e plana) e para as *maças de armas* (cacetes curtos, com um cabo cilíndrico e uma cabeça de ferro, de forma esférica

⁽¹⁵⁷⁾. Repare-se que Fernão Lopes teve o cuidado de sublinhar que Nun'Álvares trazia "sempre espada cinta e daga, saluo quando ouuya mjssa" (*CDJ*, II, cap. XXXVIII, p. 85).

⁽¹⁵⁸⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XXXVIII, p. 85. Diga-se que a "facha" era um eficaz e muito popular machado de guerra, com cabeça em forma de martelo, muito utilizado no combate corpo-a-corpo e, no casos dos cavaleiros, geralmente transportado no arçõo dianteiro da sela. Servia, sobretudo, para desbastar as defesas adversárias, nomeadamente rachando os elmos que protegiam a cabeça e destruindo as malhas ou as placas metálicas que defendiam o tronco.

ou equipada na sua parte superior com uma série de lâminas dispostas radialmente);

- 'armas de mão', nomeadamente *espadas/estoques*⁽¹⁵⁹⁾, *dagas*, *punhais*, *cutelos* e outras peças congéneres;

Quanto aos castelhanos, é seguro que terão utilizado um armamento ofensivo muito semelhante. No início da batalha, e pelo menos a acreditar nas narrativas da *Crónica do Condestabre* e de Fernão Lopes, é possível que tenham disparado alguns "trons" (designação dada às primitivas armas de fogo) que transportariam consigo.

Escreve Fernão Lopes: "E pero tantos fossem e bem corregidos, ajnda sse nom atreuerom de os cometer com armas sem prjmeiro tirando com huma aaz de troons que hordenada tijnham deante por os espantar e fazer fugir; nos quaes posto fogo, e esparando alguumas pedras, dellas nom fezerom nojo, e outras empeçerom de maa maneira. Ca huuma deu na auamguarda do Condestabre e matou dous escudeiros, ambos jrmaãos, juntamente, e outra deu a huum strangeiro, e estes tres forom mortos dellas; a quall cousa foy aos portugueses grande spamto e avudo por esquiuo começo"⁽¹⁶⁰⁾.

⁽¹⁵⁹⁾. Nesta altura (1385), devido aos progressos registados no armamento defensivo, as espadas eram sobretudo utilizadas como armas de estoque, i.é, destinadas a 'espetar' ou 'perfurar' o corpo do adversário (nomeadamente através dos interstícios dos arneses). A sua anterior função de 'talho' ou 'corte', cumprida por meio de golpes laterais, era agora desempenhada pelas 'armas de choque' (fachas, maças, martelos,...).

⁽¹⁶⁰⁾. Cf. Fernão Lopes, *CDJ*, II, cap. XLII, p. 96 (veja-se também a *Crónica do Condestabre*, cap. LI, fl. XXXIXv.º). Note-se como o trom de que fala Fernão Lopes não provocou mais do que três baixas, tendo impressionado os portugueses sobretudo pelo impacto psicológico que a detonação e o fumo libertado provocaram. Não se encontra ainda estabelecido com segurança se de facto os castelhanos utilizaram este tipo de armamento em Aljubarrota. Tecnicamente, e como brilhantemente demonstrou Nuno Varela Rubim (1986, *passim*), isso teria sido perfeitamente possível. Ayala e Froissart, porém, não se referem ao facto. Esclareça-se que os "trons" (também designados por "bombardas") eram peças fabricadas em ferro forjado e arremessavam balas de pedra. Na Península Ibérica dos finais do século XIV, havia dois tipos principais de "trons" ou "bombardas": as peças de *antecarga* (i.é, de carregar pela boca) e as de *retrocarga* (carregadas por trás e munidas de uma culatra móvel): cf. RUBIM, 1986, *passim*.

Depois, foi às compridas lanças (que a dada altura tiveram de cortar, recorde-se), às fochas e às espadas que tiveram também de recorrer, na sua vã tentativa para derrotar um exército mais pequeno e menos bem equipado, mas, naquele fim de tarde, bem mais inteligente do que o seu. Foi, pelo menos, o que – com o precioso auxílio dos vários colegas que nos acompanharam nesta aventura – tentámos mostrar ao leitor, ao longo das páginas que deram corpo a esta monografia.

Do pequeno teste de arqueologia experimental (1995), realizado num terreno particular situado a poente da Ermida de S. Jorge e nunca antes investigado, resultou a nossa convicção na necessidade de reabrir o 'dossier de Aljubarrota', virtualmente encerrado havia tantos anos. A prospecção geofísica que se lhe seguiu (1995 e 1999) aprofundou as nossas esperanças, identificando zonas suspeitas e circunscrevendo a zona de observação a limites razoáveis. As dúvidas, porém, eram ainda muitas, e só uma curta intervenção arqueológica (Junho de 1999) permitiu desfazê-las, pondo a descoberto novas e valiosíssimas informações acerca do sistema de organização do terreno gizada pelo exército anglo-português a 14 de Agosto de 1385. Paralelamente (1999-2000), tinha lugar o estudo paleobiológico do espólio humano encontrado por Afonso do Paço no campo de batalha. As conclusões que daqui resultaram permitiram, pelo seu lado, acabar de vez com a discussão a propósito da origem e da antiguidade daquele material osteológico, ao mesmo tempo que forneceram dados muito interessantes sobre as características do combate e sobre os seus protagonistas. O historiador militar pôde, então, reavaliar a narrativa da batalha, precisar alguns dos seus aspectos mais controversos, sugerir novas interpretações, iluminar, enfim, a leitura de uma batalha que mudaria para sempre a história de Portugal. Oxalá tenhamos sido capazes de transmitir com clareza ao leitor um pouco de tudo isso, e também do entusiasmo com que realizámos este trabalho, que outros decerto aperfeiçoarão e que, portanto, não deve considerar-se encerrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes:

- AYALA, Pero López de – *Crónicas* (Don Pedro Primero, Don Enrique Segundo, Don Juan Primero y Don Enrique Tercero). Edición, prólogo y notas de José-Luis Martín. Barcelona, Editorial Planeta, 1991.
- CRÓNICA DO CONDESTABRE DE PORTUGAL – Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1969 (reprodução fac-similada da edição original, de 1526).
- FROISSART, Jean – *Chroniques*. Publié pour la Société de l'Histoire de France (Série antérieure à 1789), par Léon Mirot. Tome Douzième, 1356-1388. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1931.
- JOÃO I, D. – *Livro da Montaria feito por D. João I, Rei de Portugal*. Conforme o Manuscrito n.º 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa; publicado por ordem da Academia das Ciências de Lisboa, por Francisco Maria Esteves Pereira. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918.
- LOPES, Fernão – *Crónica del Rei dom João da boa memória. Parte Segunda*. Edição preparada por William J. Entwistle. Lisboa, Imprensa-Nacional-Casa da Moeda, 1977.

2. Estudos:

- AMADO, Teresa,
1993 – *Crónica do Condestabre*; in "Lanciani, G. e Tavani, G., "Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa", Lisboa, Editorial Caminho.
- ARNAUT, Salvador Dias,
1947 – *A Batalha de Trancoso*. Coimbra, Faculdade de Letras.
1947b – *Froissart e João Fernandes Pacheco*. "Revista Portuguesa de História", t. III, pp. 129-159.
1962 – *Algumas notas sobre a campanha de Aljubarrota*. "Revista Portuguesa de História", t. x (Homenagem ao Doutor Damião Peres), pp. 467-499.
- BARROCA, Mário Jorge,
2000 – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Porto, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia (3 vols.).
- BARROCA, Mário Jorge, MONTEIRO, João G. e FERNANDES, Isabel C. F. (coord.),
2000 – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*. Catálogo da Exposição, Câmara Municipal de Palmela.

BESSA, Carlos Gomes,

1988 – *Memória da "Batalha Real" no 6.º Centenário*; in "Academia Portuguesa de História – Batalha de Aljubarrota, Sessão Comemorativa do VI Centenário – Junho de 1985". Lisboa, pp. 27-77.

CRISTINO, Luciano,

1986 – *A Batalha antes da "Batalha"*. "Cadernos do Distrito de Leiria", n.º 5 (Nov./1986), pp. 40-45.

CRESPO, Irene de Jesus Teixeira,

1966 – *Froissart e os acontecimentos portugueses dos finais do século XIV*. Coimbra, tese de licenciatura (policop.).

GOMES, Saul António,

2000 – *Memória da Batalha Real de 1385*; in Colectânea de Autores, "Tempos e História. Comemoração dos 500 Anos do Concelho e da Vila da Batalha", Magno Edições e Câmara Municipal da Batalha (Colecção História e Arte, n.º 4), pp. 37-75.

HOWORTH, A. H. D' Araújo Stott,

1960 – *A Batalha de Aljubarrota (dúvidas, certezas e probabilidade militar inerente)*. Lisboa, s/. editor.

LOURENÇO, Fernando Severino,

1985 – *O sistema defensivo da batalha de Aljubarrota*. "Baluarte", Revista das Forças Armadas Portuguesas, n.º 4, pp. 8-13.

MACEDO, Jorge Borges de,

1985 – *Aljubarrota – o epílogo militar da crise de 1383-1385*; in jornal "Semanário" (10/08/1985).

1991 – *Unidade, transição e ajustamento na evolução militar portuguesa – Séculos XII a XV (1139 a 1495). Ensaio de síntese crítica*; in "Actas do II Colóquio 'Panorama e perspectivas actuais da história militar em Portugal'". Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, pp. 397-428.

MARTÍN, José-Luís (ed.),

1991 – *Pero López de Ayala. Crónicas*. Edición, prólogo/introducción (pp. XLV-XCVI) y notas. Barcelona, Editorial Planeta.

MATTOS, Gastão de Mello de,

1959 – *Estudo dos textos*; in "Aljubarrota – Trabalhos em execução de arqueologia militar". Lisboa, Comissão de História Militar, pp.21-33.

1962 – *Considerações tácticas sobre a batalha de Aljubarrota*. "Anais da Academia Portuguesa de História", II Série, vol. 12, pp. 11-19.

MONTEIRO, João Gouveia,

1988 – *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa, Editorial Notícias.

NUNES, António Pires,

1986 – *D. João e D. Nuno. Chefes Militares em Fernão Lopes*. Separata da "Revista Militar". Lisboa.

OLIVEIRA, Frederico Alcide de,

1988 – *Aljubarrota Dissecada*. 2.^a edição, revista e ampliada. Lisboa, Direcção do Serviço Histórico-Militar.

PAÇO, Afonso do,

1959 – *Escavações de carácter histórico no campo de batalha*; in "Aljubarrota – Trabalhos em execução de arqueologia militar". Lisboa, Comissão de História Militar, pp. 35-51.

1959b – *Novos documentos sobre a Batalha de Aljubarrota*. Separata da revista "Infantaria", n.º 151-152.

1960 – *Do lendário da Batalha de Aljubarrota*. Separata das "Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos 'Dr. José Leite de Vasconcelos'". Porto, vol. II.

1960b – *Escavações no campo da Batalha de Aljubarrota – estado actual do problema*. Lisboa, Edições Brotéria.

1961 – *Novos aspectos da Batalha de Aljubarrota*. Separata de "O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural", Porto, vol. VII, n.º 2.

1961b – *Nun'Álvares e a táctica militar inglesa*; in jornal "Novidades" (Letras e Artes), Lisboa (4/6/1961).

1962 – *Em torno de Aljubarrota. I. – O problema dos ossos dos combatentes da batalha*. "Anais da Academia Portuguesa de História", II Série, vol. 12, pp. 114-163.

1965 – *Escavações de carácter histórico realizadas no campo de batalha de Aljubarrota*. "Bracara Augusta", vol. XVIII-XIX (Jan.-Dez-/1965), n.º 41-42 (53-54), pp. 83-92: Actas do Congresso Histórico de Portugal Medieval, t. III.

284

PIMENTA, Belisário,

1932 – *Nuno Álvares Pereira – Chefe Militar*. "Revista Militar", n.º 11-12 (Nov.-Dez./1932), pp. 667-677.

1960 – *Aljubarrota e Crécy*. "Revista Militar", 12.º volume do II Século, 4.º Trimestre de 1960, n.º 10 (Outubro), pp. 557-564.

1968 – *Defesa do sistema militar de Nun'Álvares Pereira*. "Anais da Academia Portuguesa de História", II Série, vol. 17, pp. 59-78.

ROSSELL, Don Cayetano (ed.),

- 1953 – *Cronicas de los Reyes de Castilla. Desde don Alfonso el Sabio, hasta los Católicos Fernando y doña Isabel*. Coleccion ordenada por Don Cayetano Rossell, Tomo Segundo. Biblioteca de Autores Españoles, t. LXVIII. Madrid, Atlas.

RUBIM, Nuno José Varela,

- 1986 – *Sobre a possibilidade técnica do emprego de Artilharia na Batalha de Aljubarrota*. Separata da "Revista de Artilharia". Lisboa.

RUSSELL, Sir Peter E.,

- 1962 – *Os ingleses em Aljubarrota: um problema resolvido através de documentos do Public Record Office, Londres*. "Revista Portuguesa de História", t. X (Homenagem ao Doutor Damião Peres), pp. 419-433.
- 2000 – *A Intervenção Inglesa na Península Ibérica durante a Guerra dos Cem Anos*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (ed. original: Oxford, Clarendon Press, 1955).

SANTOS, José Alberto Loureiro dos,

- 1986 – *Abordagem estratégica da Guerra da Independência*. Lisboa, Direcção do Serviço Histórico Militar.

SANTOS, Nuno Valdez dos,

- 1979 – *Certezas e incertezas da Batalha de Aljubarrota*. "Revista Militar", II Século, Ano 31.º, n.º 8/9 (Ag.-Set./1979), pp. 461-545.

SARAIVA, José Hermano,

- 1985 – *Aljubarrota e as gavetas do silêncio*; in jornal "Diário Popular" (14/08/1985).

SOUSA, J. M. Cordeiro de,

- 1960 – *A inscrição da Ermida de Aljubarrota*. "Revista de Guimarães", vol. LXX, n.º 3-4 (Julho/Dez./1960).
- 1961 – *Hipótese acerca da Batalha de Aljubarrota*. "Revista de Guimarães", vol. LXXI, pp. 261-264.
- 1963 – *Ainda sobre uma hipótese acerca da Batalha de Aljubarrota*. "Revista de Guimarães", vol. LXXIII, pp. 91-94.

VEIGA, Augusto Botelho da Costa,

- 1930 – *De Estremoz a Aljubarrota. Quinze dias de operações militares de Nun'Álvares (31 de Julho a 15 de Agosto de 1385)*. Separata de "O Instituto", vols. 80, 81 e 82 (1930-31). Coimbra, Imprensa da Universidade (incompleto).

- 1951 – *Ayala e Aljubarrota*. Separata da "Revista Portuguesa de História", t. V (Homenagem a Çama Barros).
- 1959 – *Aljubarrota*. Separata do relatório oficial ("Aljubarrota – trabalhos em execução de arqueologia militar"). Lisboa, Horus.
- 1961 – *Algumas palavras sobre as prováveis concepções tácticas de Nuno Álvares nas duas sucessivas posições de Aljubarrota*. Separata da "Revista Portuguesa de História", t. VIII (1959).

VERBRUGGEN, J. F.,

- 1977 – *The Art of Warfare in Western Europe during the Middle Ages – from the eight century to 1340*. Amsterdam-New York-Oxford, North Holland Publishing Company (trad. ingl; ed. orig.: Bruxelas, 1954).

XIMENEZ DE SANDOVAL, C.,

- 1872 – *Batalla de Aljubarrota. Monografia histórica y estudio crítico-militar*. Madrid, Imprenta e Estereotipia de M. Rivadeneyra.

ÍNDICE GERAL

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO

INTRODUÇÃO	3
1. O princípio de uma aventura	3
2. Os primeiros passos	11
3. O flanco ocidental: a grande questão para resolver	17
4. A reavaliação do espólio osteológico	23

FERNANDO PEDRO FIGUEIREDO E LÍDIA CATARINO

I. EM BUSCA DAS ESTRUTURAS	29
1.1. Os primeiros contactos	29
1.2. As vantagens da prospecção geofísica	30
1.3. Os fundamentos teóricos dos métodos de prospecção geofísica utilizados	32
1.3.1. Os métodos electromagnéticos	33
1.3.2. Os métodos eléctricos de resistividade	39
1.3.3. Que dispositivos de medida utilizamos nos métodos eléctricos?	48
1.4. Enquadramento geomorfológico e aspectos geológicos	57
1.5. Metodologia utilizada na recolha de dados e interpretação de resultados	58
1.5.1. O perfil electromagnético PEM	60
1.5.2. Sondagens eléctricas, mapeamentos e secções de resistividade	61
1.6. Considerações finais	86
Referências Bibliográficas	93

HELENA CATARINO

2. À DESCOBERTA DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS	97
2.1. Apresentação	97
2.2. Objectivos e metodologia	100
2.3. Resultados da escavação	102
2.3.1. Sondagem I: quadrados L10/M10	105

2.3.2. Sondagem 2: quadrado Q11	108
2.3.3. Sondagem 3: quadrado U10	116
2.4. O espólio arqueológico	126
2.5. Síntese dos trabalhos	128
Referências Bibliográficas	132

EUGÉNIA CUNHA, CARINA MARQUES E VÍTOR MARQUES

3. OS MAIS VERDADEIROS TESTEMUNHOS DA BATALHA DE ALJUBARROTA:	
OS OSSOS DOS SEUS COMBATENTES	133
3.1. O material osteológico	134
3.1.1. Cronologia	134
3.1.2. Estado de conservação	135
3.2. Análise tafonómica	138
3.2.1. Acção dos animais	140
3.2.2. Meio ambiente, raízes e microorganismos	142
3.3. Análise paleodemográfica	144
3.3.1. Diagnose sexual	144
3.3.2. Estimativa da idade à morte	145
3.4. Aspectos morfológicos	146
3.4.1. Estatura	146
3.5. Análise paleopatológica	147
3.5.1. Patologia traumática	148
3.5.2. Patologia degenerativa	161
3.5.3. Patologia infecciosa	165
3.5.4. Patologia oral	168
3.5.5. Indicadores de stresse	169
3.5.6. Casos particulares	170
3.6. Conhecimentos médicos no século XIV	179
3.7. Comentários finais	179
Referências Bibliográficas	183
Anexos	187

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO

4. INTERPRETAÇÃO	193
4.1. A "organização do terreno"	195
4.1.1. Obstáculos naturais	195

4.1.2. Abatises	203
4.1.3. Fossos e valas	206
4.1.4. Covas-de-lobo	211
4.1.5. Configuração e Objectivos	213
4.1.6. Viabilidade	219
4.1.7. O 'corredor da morte' ou o 'efeito de funil'	221
4.2. O combate	229
4.2.1. O poderio dos dois exércitos	229
4.2.2. O arrebatamento dos cavaleiros de D. Juan I	233
4.2.3. O 'desespero' português	235
4.2.4. O ataque franco-castelhano	237
4.2.5. A chacina	245
4.2.6. As baixas e o destino dos mortos	256
4.2.7. Revelações dos ossos estudados pela equipa de Eugénia Cunha	267
4.2.8. O armamento utilizado na batalha	271
Referências Bibliográficas	282

